

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CAMILA MANGOLIM BERLINO

Navegar pelo Desconhecido: contribuições da literatura e da psicanálise

Maringá  
2017

CAMILA MANGOLIM BERLINO

Navegar pelo Desconhecido: contribuições da literatura e da psicanálise

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientador: Prof. Dr. Paulo José da Costa.

Maringá  
2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)**

B257n Berlino, Camila Mangolim  
Navegar pelo Desconhecido: contribuições da literatura e da psicanálise / Camila Mangolim Berlino. -- Maringá, 2017.  
125 f. : il. color., figs.

Orientador: Prof. Dr. Paulo José da Costa.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2017.

1. Desconhecido. 2. Bion, W. R. (Wilfred Ruprecht), 1897-1979 - Análise literária. 3. Psicanálise e literatura. 4. Clínica psicanalítica. I. Costa, Paulo José, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD 23.ed.616.8917

ECSL

CAMILA MANGOLIM BERLINO

*Navegar pelo desconhecido: contribuições da literatura e da psicanálise*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Paulo José da Costa  
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Profa. Dra. Aline Sanches  
DPI/Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Ricardo Trapé Trinca  
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – SBPSP

Aprovado em: 03 março de 2017.

Local da defesa: Bloco 118– sala de vídeo, Campus da UEM.

A todos os que buscam romper com  
verdades únicas e criar novas  
realidades.

## AGRADECIMENTOS

É profunda minha gratidão, primeiro, aos divãs nos quais já me deitei. Sem este caminho previamente percorrido eu jamais poderia compreender a dimensão do ser e o que é estar no Desconhecido.

Agradeço eternamente também a cada um daqueles que já me confiaram ou me confiam suas vidas em sessões de análise, meus pacientes. São imensas a aprendizagem e a transformação que cada uma dessas pessoas me propiciou ou me propicia. Eles são responsáveis pelo meu sustento material e da alma. São todos merecedores de meu eterno apreço.

Aos mestres minha gratidão é igualmente grandiosa. Destaco sobremaneira o Professor Dr. Paulo José da Costa, que me concedeu a honra de estar sob sua orientação, um lugar de liberdade, generosidade e muito respeito.

Como mestres, cito ainda duas figuras de grande inspiração e carinho, M.<sup>a</sup> Juana Ester Kogan e Esp. Maria Rita G. G. Moreschi. Cada uma, à sua maneira, tem tido importância ímpar em meu desenvolvimento profissional, mas também pessoal. Muito obrigada às duas.

Em uma esfera pessoal há alguém que sempre me auxiliou a buscar, a perceber que o impossível está na minha mente. Agradeço aqui a meu marido, por toda a inspiração, paciência e dedicação.

Aos amigos, que acompanharam a lapidação do texto, que se emocionaram junto com cada nova fase, que puderam tolerar ausências e também não economizaram em apoio, a vocês minha imensa gratidão.

Agradeço também aos meus familiares, em especial, aos meus pais. À minha mãe e meu padrasto, por serem exemplos de dedicação e transpiração para as conquistas da vida.

Por fim, mas não menos importante, a todos aqueles que ousaram ter o dom da criatividade e puderam se tornar artistas, escrevendo, pintando, compondo, possibilitando a transcendência da realidade.

“Tenho um pouco de medo: medo ainda de me entregar pois o próximo instante é o desconhecido. O próximo instante é feito por mim? Fazemo-lo juntos com a respiração. E com uma desenvoltura de toureiro na arena.”

(Lispector, 1973, p. 4)

## RESUMO

O Desconhecido é um conceito aberto em psicanálise e está presente na obra de Bion, bem como na obra de outros autores que o seguiram. Trata-se de um conceito de difícil apreensão e permeia não apenas a teoria, mas está presente na prática clínica psicanalítica. Este envolve aspectos do Inconsciente, construções inéditas a serem feitas em análise e o que precisa ser reconhecido e representado para se tornar Desconhecido. Todos estes pontos são concebidos a partir de aspectos da dupla, analista e analisando. O contato com o Desconhecido é pensado como uma árdua e necessária parte do trabalho de análise. Assim, buscando uma aproximação possível desse fenômeno com a clínica psicanalítica, temos como objetivo no presente trabalho analisar a ideia de Desconhecido apresentada na teoria bioniana, a qual está presente no fazer psicanalítico. Tomamos o encontro com a literatura na análise do livro *A linha de sombra*, de Joseph Conrad, como um recurso para ilustrarmos e buscarmos ampliar esta análise do Desconhecido. A utilização de uma obra literária como recurso para nos aproximarmos da clínica psicanalítica não é despropositada. Freud, ao longo de sua obra, utilizou-se várias vezes deste meio, e abriu o caminho para entendermos que os escritores com suas criações podem revelar, com clareza e profundidade, a subjetividade humana. Para tanto, realizamos aqui uma pesquisa em psicanálise, do tipo pesquisa-investigação, abordando nosso objeto de estudo com o método psicanalítico. Percorremos os seguintes passos: realizamos o estabelecimento de uma noção do Desconhecido a partir de um levantamento bibliográfico na literatura psicanalítica; buscamos a noção do Desconhecido mais especificamente na obra de Bion; realizamos uma aproximação da psicanálise com a literatura; e chegamos à análise ilustrativa da obra literária escolhida. Esta jornada nos possibilitou pensarmos que o Desconhecido, este conceito transcendente de Bion, precisa ser pensado dentro das ideias complexas; parece estar em tudo, intimamente relacionado à ideia de Real; e sua travessia parece também essencial à vida, relacionado à criatividade, assim, às novas edificações que podemos ter no trabalho clínico; além da psicanálise, as artes, como a literatura, são ótimos recursos para dele nos aproximarmos.

**Palavras-chave:** Desconhecido; Bion, W. R., 1897-1979; Psicanálise e literatura; Clínica psicanalítica.

## Navigate through the Unknown: literature and psychoanalysis contributions.

### ABSTRACT

The Unknown is an open concept in psychoanalysis and is present in Bion's work, as also in other following authors' posterior work. It is a concept difficult to apprehend and permeates not only the theory, but is present in the psychoanalytical clinical practice as well. This involves aspects of the Unconscious, unacknowledged buildings to be made in analysis and what needs to be recognized and represented to become unknown. All these points are designed from the aspects of the pair, analyst and patient. Contact with the Unknown is thought of as an arduous and necessary part of the analysis work. Thus, searching for a possible approach of this phenomenon with the psychoanalytical clinic, we aim in this study to analyze the idea of the Unknown presented in the bionian theory, which is present in the psychoanalytic work. We took as a resource the encounter with literature in an analysis of Joseph Conrad's book *The line of shadow* in attempt to illustrate and to extend this analysis of the Unknown. The use of a literary work as a resource to get closer to the psychoanalytical clinic is not unreasonable. Throughout Freud's work he has used this resource several times and has opened the way for us to understand that writers with their creations can reveal, with clarity and depth, human subjectivity. To do so, we performed here a research in psychoanalysis, of the research-investigation type, approaching our object of study with the psychoanalytic method. We have followed the ensuing steps: realized the establishment of a notion of the Unknown from a bibliographical survey in the psychoanalytic literature; we searched for the notion of the Unknown more specifically in Bion's work; we approached psychoanalysis with literature; and we made an illustrative analysis of the chosen literary work. This journey enabled us to think that the Unknown, this transcendent concept of Bion, needs to be thought within complex ideas; it seems to be in everything, closely related to the idea of Real; and its crossing seems also essential to life, related to the creativity, thus, to the new buildings that we can have in clinical work; apart from psychoanalysis, arts, as literature, are great resources for us to approach it.

**Keywords:** Unknown; Bion, W. R., 1897-1979; Psychoanalysis and literature; psychoanalytical clinic.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Fotografia de Salgado (2004).....	66
Figura 2. <i>Guernica</i> , de Picasso (1937) .....	68
Figura 3. <i>The Bull</i> , state XI, Picasso (1946).....	70
Figura 4. <i>The round tower</i> , Piranesi (1761). .....	116

## SUMÁRIO

<b>1. UM MERGULHO NO DESCONHECIDO.....</b>	<b>11</b>
1.1. O escuro.....	11
1.2. Um feixe de luz.....	12
1.3. Aventuras e desventuras.....	17
1.4. Um caminho.....	23
<b>2. UMA BÚSSOLA.....</b>	<b>27</b>
2.1. O método.....	27
2.2. Um antigo flerte.....	30
<b>3. UM APORTE ENTRE A PSICANÁLISE E A LITERATURA.....</b>	<b>35</b>
3.1. Do flerte ao romance.....	35
3.2. Novos ares.....	40
<b>4. ADENTRANDO NOS MARES DO DESCONHECIDO.....</b>	<b>47</b>
4.1. Errantes e estrangeiros.....	47
4.2. Encontros construídos.....	50
4.3. O sensível alcance do inapreensível.....	54
<b>5. GÊNESIS.....</b>	<b>57</b>
5.1. Para uma mente, outra mente.....	58
5.2. A complexa dança dos elementos.....	69
5.3. O que se cria a partir do que se transforma.....	75
5.4. A desenvoltura do toureiro na arena.....	77
5.5. Encerrando, mas não fechando.....	83
<b>6. NAVEGANDO PELA LINHA DE SOMBRA.....</b>	<b>85</b>
6.1. Criador.....	85
6.2. Criação.....	91
6.3. Nossa travessia.....	92
6.4. Soltando ideias.....	109
<b>7. PORTO FINAL.....</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>119</b>

## 1. UM MERGULHO NO DESCONHECIDO

### 1.1. O escuro

Aqui estamos mais uma vez. Sim, já estivemos aqui antes; aqui no princípio. Sabemos que agora é outro princípio, mas, frente a cada tela em branco, a cada canção a ser composta, a cada linha a ser escrita, existe uma angústia pelo encontro com aquilo que ainda não se sabe, que ainda está por vir. Todo início é marcado por este encontro. E nada nasce se não pudermos tolerá-lo, até que possamos transcendê-lo. Será que isso é possível? Para o sim ou para o não, precisamos de coragem.

Estamos bem acompanhados, temos conosco Freud, como sempre, e Bion, cada vez mais. Sabemos que vamos encontrar outros bons companheiros pelo caminho, colegas destes. Mas, mesmo assim, o desconforto permanece. Isso só nos mostra que esta jornada que nós estamos propondo aqui pode ser mesmo aterrorizante.

A tela branca vai sendo preenchida por palavras que nos escorrem. Seriam evitâncias? Não sabemos ao certo. Mas o que é que sabemos? O que sabemos ainda é incipiente. Poderíamos dizer também que é minúsculo, que é como uma partícula subatômica ainda indistinta. Seria de grande auxílio se tal partícula pudesse ser como um fóton. Ainda que não pudéssemos saber como se comportaria, que o fóton, sem massa e pura energia, pudesse trazer uma luz sutil, e que, aos poucos, nós pudéssemos enxergar melhor o que existe em volta, como com a radiação emanando de um corpo negro, ao qual se chama estrela.

E o que existe em volta? O universo, escuro. Estaríamos nós aqui sonhando? Não sabemos, mas, adiante, coragem! Não podemos enxergar, mas podemos descrever o que tem nos absorvido. É tão imenso. Não sabemos se infinito ou ilimitado. Existem pontos de luz, existem ruídos, mas é tudo tão informe. Quando descobrimos uma forma, quando deciframos um som, ele nos escapa. Não está mais lá. Ele flui, fugazmente, impenetrável, indecifrável, imprevisível.

E essa não-forma sem nome só aumenta a angústia, então vamos nomeá-la. Falamos aqui do desconhecido, ou Desconhecido, como trataremos de agora em diante. Encontramos esse jeito inicial de escrever, que pode soar pessoal demais, mas que nos pareceu tão necessário. Um jeito assim, sem referências, por ser nosso; ao mesmo tempo carregado de tantas leituras que já fizemos, entrelaçadas às nossas emoções. Uma das coisas que pudemos aprender com Bion (1970/1974) foi justamente que é impossível fugir disso. Fazemos um convite, pois, embarquemos juntos em uma pesquisa sobre o Desconhecido e, para isso, vamos precisar não necessariamente entrar em uma protegida nau, mas mergulhar em suas

águas e senti-lo, sê-lo. Por isso o tom aqui em certos momentos poderá ser mais pessoal, em outros, nem tanto. Não vamos utilizar o tom da academia, da pesquisa, para fugirmos do Desconhecido, obturá-lo. Quando esse tom aparecer, que seja para uma aproximação tão necessária, para que em outro momento possamos estar no Desconhecido, com mais intimidade.

Vamos empregar a letra inicial maiúscula, Desconhecido, para conferir aqui ao nosso tema um nome próprio, uma identidade. O batismo não o afugentará, mas o aproximará de nós e poderá destacá-lo de outros Desconhecidos.

## **1.2. Um feixe de luz**

O Desconhecido que aqui vamos investigar não é um desconhecido qualquer, que encontramos em qualquer lugar. É um tipo distinto, que encontramos quando pensamos em psicanálise. Sejam um pouco mais específicos aqui: é aquele tipo que entra sem bater em nossos consultórios quando nos propomos a ter sessões de psicanálise. Não lidamos aqui com algo que tenha sido definido em um verbete psicanalítico consagrado, ou acerca do que existe uma teoria especificamente formulada. Mas estamos diante de um fenômeno cuja existência pode ser percebida a partir de experiências humanas. E é a partir dessas experiências, do fazer clínico que observamos desenvolverem-se os estudos psicanalíticos, a criação dos conceitos.

Não pretendemos desenvolver um conceito de Desconhecido aqui, pois isso por si só renderia um trabalho bastante amplo. Mas gostaríamos de apresentá-lo como o que pode ser encontrado em Costa e Migliavacca (2012) como um conceito aberto. Em uma pesquisa sobre conceitos em psicanálise, os autores afirmam que existem conceitos não passíveis de uma delimitação, já que se expandem quando novos fatos se apresentam. Com tais conceitos, em psicanálise é possível manter características como ambiguidade do objeto, relatividade e inconstância, aliás, estas seriam mesmo suas características definidoras. Isto não quer dizer que entramos em um campo sem normas; tais conceitos precisam apresentar características essenciais, ter suas bordas, sua aplicação caracterizada, para que sua aplicação possa ser compreendida com o mínimo de erros possíveis, sem que estes conceitos sejam restringidos. Isso se dá porque a realidade com a qual a psicanálise lida não pode ser completamente apreendida, então seus conceitos acabam sendo provisórios e inacabados. E assim também é a concepção que vamos formando sobre o Desconhecido ao tentar compreendê-lo.

Caso a ideia de conceito, ainda que aberto, pareça restringir o fenômeno do qual queremos nos aproximar aqui, pensemos a partir de outro vértice. Tenhamos em mente,

primeiro, que nosso intuito não é restringir o Desconhecido. Ao contrário, é expandir para que possamos contemplar sua amplitude não simplesmente como o que não se conhece, o que seria um Desconhecido comum, mas, como coloca Trinca (2012) ao se referir a aspectos do Real, como o que não cessa de não se conhecer.

Com simplicidade, Lima (2004) fala sobre o Desconhecido. Comparando uma análise com uma peça de teatro, ela afirma que o Desconhecido na sessão é a imprevisível história que aguarda para ser escrita na experiência emocional entre analista e paciente. (Lima, 2004)

O nosso tema pode ser facilmente confundido com o Inconsciente, e é possível que ambos tenham suas intersecções, na medida em que o Inconsciente envolve muitos Desconhecidos, alguns um tanto quanto familiares, que são suprimidos da consciência e ganham ares inquietantes com o recalçamento (Freud, 1919/1996f); outros que podem ser pensados como todas as vivências de uma pessoa, em cujo desenvolvimento vão sendo sobrepostas e perdem seu contato consciente, como as várias fases da cidade de Roma, apresentado por Freud (1930/1996h). Isso apenas para citarmos um exemplo. Os Desconhecidos presentes no Inconsciente formam um complexo grupo de muito difícil apreensão e de extrema importância para a psicanálise, mas parece que o Desconhecido aqui pensado não se restringe a essa categoria. Isso pelo fato de que o Desconhecido não parece ser algo passível de restrição. Trata-se de um objeto complexo, que não se apreende, e veremos que podemos estar no Desconhecido, mas dificilmente conhecê-lo. Este, ainda, é dinâmico, volátil, transforma-se. O que podemos fazer aqui, no máximo dos esforços, são recortes e abstrações para tentarmos compreendê-lo.

E, continuando então essa tentativa, recordemos de outra categoria que também pode pertencer ao Desconhecido. Alguns autores acreditam que existe algo de Desconhecido em nossos consultórios porque ainda será criado por aquele par analítico específico, analista e analisando. Como Nemirovsky (1999/2013), que apresenta a ideia winnicottiana de edições em análise. De acordo com o referido autor, quando, por motivos diversos de falhas ambientais, faltou consistência egoica para se viver determinadas situações importantes para o desenvolvimento, o paciente encontra-se no campo das necessidades básicas, que precisam ser assistidas. Através de um processo terapêutico com esta perspectiva, podemos entender que se imprimem edições; estas se encontravam em um espaço potencial à espera de um ambiente favorável para acontecer. Pensemos que esse novo, antes de ser editado, também pode compor o Desconhecido.

Encontramos ainda outra categoria de elementos, algo presente em Susemihl (2008) sobre um jeito inspirado na teoria de Bion de se pensar a relação transferencial entre analista e

analisando. A autora entende que, no processo analítico, na relação do par, podemos construir e sustentar algo que confira sentido às relações emocionais. Trata-se de um processo no qual elementos dispersos, soltos em um espaço infinito entre os dois pontos, analista e analisando, passam a poder ser recuperados e sentidos. E só depois de estes elementos poderem ser vivenciados de fato é que os elementos das experiências emocionais poderão ser esquecidos, recalçados, tornar-se inconscientes. Pensando assim, agregamos mais alguns elementos ao Desconhecido, aqueles que se encaixam no grupo que não tinha acesso nem às experiências emocionais e que puderam ser metabolizados para poderem ser esquecidos. Com a simplicidade de Lima (2004), podemos dizer que o Desconhecido, assim, é também o que ainda não pode ser representado na consciência.

Vejamos o que podemos acrescentar aqui baseando-nos em Ogden (1994). O autor discorre sobre uma experiência muito importante que se dá no processo analítico. Ele diz, quando um analista começa seu encontro com seu paciente, destacando o primeiro encontro, que existe um confronto tão impactante entre alteridades, que é preciso estar preparado para destruir e para ser destruído, não completamente, mas em suas bordas. Algo aí também vai sendo criado, em uma tensão dialética na qual analista e analisando alternam-se entre sujeito e objeto. Ao produto dessa experiência ele dá o nome de terceiro analítico. É este terceiro analítico que possibilita que analista e analisando, o par, se tornem outros, diferentes de quem eram até este ponto. Essa tensão dialética gerada por esse criativo processo de negação-reconhecimento não apresenta uma questão a ser respondida ou um enigma a ser decifrado, mas a busca de uma integração nunca atingida, que descentraliza o Inconsciente ou a consciência como sujeito da psicanálise e lança o foco sobre a relação entre os dois, relação esta que para ser apreendida precisa ser escutada sem memória e sem desejo, citando a disciplina bioniana.

Assim, há na composição do Desconhecido partes recalçadas do Inconsciente, partes que serão editadas, inéditas, outro grupo que precisa ser processado, reconhecido, para se tornar Desconhecido; existe ainda algo que se cria exclusivamente na relação analítica. O trabalho com todas essas partes compõe o fazer analítico, no sentido da ampliação do contato com a realidade. Quem sabe não poderíamos dizer que o Desconhecido que estamos tentando entender aqui aparece no avesso da relação existente entre estes processos: reedições, edições e metabolizações? Dizemos no avesso porque, se estes processos podem ter algum produto que seja acessível à consciência, que possa ser pensado, possivelmente não seria mais parte do Desconhecido.

Com esta aproximação inicial, notamos como estamos aqui em um campo complexo, no qual transitamos por entre fragmentos de um passado vivenciado que tem a oportunidade de se reconectar com um presente, ao passo que outros, sem possibilidade de ascender à mente, encontram caminhos e partes não possíveis de serem pensadas que estavam lá, em algum lugar no infinito. Mas este fenômeno parece conjugar também o inédito, aquilo que nunca antes pôde ser pensado porque precisava ainda ser construído e isto pode ser feito em um encontro, como no encontro analítico. Trata-se de níveis diferentes, por isso a ideia de complexidade.

Chuster, Soares e Trachtenberg (2014) nos trazem a complexidade como um princípio necessário para a observação clínica e afirmam que os fenômenos clínicos, assim como os da vida, são mais caóticos e complexos do que nossa mente consegue alcançar. Inspirados nas ideias de Bion, os autores nos ensinam que, quanto mais nos aprofundamos em psicanálise, mais precisamos abrir as portas para a complexidade. Dentro desta perspectiva, colocamo-nos não a optar por um *ou* por outro, mas passamos a pensar em um *e* outro, acontecendo concomitantemente. Esta é uma saída que nos conduz ao princípio da incerteza, trazido às ciências modernas pela física que nos diz que não há código, fórmulas ou transcrições que nos diga com exatidão o estado global de uma partícula. Assim também pensamos o Inconsciente: não há um equivalente para ele em nenhuma linguagem, em nenhum lugar ou coisa.

Os autores acima referidos citam algo que pode ser encontrado em Bion (1992), a ideia de que as inovações da física moderna, mais especificamente de Heisenberg, relacionam-se com uma totalidade de eventos estudados que jamais poderão ser conhecidos e que boa parte de conceitos físicos e matemáticos tem sua aplicabilidade muito limitada. Isto mudou a compreensão que se tinha até então, abrindo a necessidade de estudarmos e valorizarmos as nossas abstrações. Em psicanálise, lidamos com fenômenos semelhantes no que se refere a essa complexidade e a essa realidade desconhecida. (Chuster, Soares, & Trachtenberg, 2014)

Pensemos no entendimento matemático de que entre dois pontos existe um infinito. Entre analista e analisando, também. Dentro desse conjunto de pontos infinitos está contido o Desconhecido, que parece ser outro conjunto infinito. Poderíamos continuar neste raciocínio matemático e entendermos que estamos falando de infinitos diferentes, mas nós jamais teríamos condições de demonstrar toda a sua dimensão. Tentamos demonstrar algumas intersecções, pensar em algumas de suas partes, até porque, mesmo na matemática, infinitos podem ser pensados assim, através de suas partes. Outro princípio que podemos emprestar da física como um modelo para pensar a observação psicanalítica é justamente o princípio da

infinitude, como afirmam Chuster et al. (2014). Mas, como nos faltam conhecimentos matemáticos, físicos e filosóficos suficientes para continuarmos esta abstração, voltemos a pensar o Desconhecido.

Façamos agora uma metáfora. Vamos pensar o Desconhecido como se fosse de fato um indivíduo, uma pessoa. Nós não conseguiríamos falar tudo sobre ele, não só porque não teríamos acesso a esse tudo, como porque nem poderíamos expressar tudo que sabemos conscientemente sobre ele. Ajudaria fazer um recorte de uma cena. E quem sabe nós poderíamos falar de aspectos desta cena? A cena que nos ocorre é a de um analista em seu consultório com seu paciente em uma sessão psicanalítica e, de repente, o Desconhecido invade, sem pedir licença. Então, o que acontece com o analista? Como ele pode lidar com esta situação? Pode o Desconhecido influenciar a ponto de ditar os rumos do trabalho? Esta é uma maneira de tentarmos entender um fenômeno assim tão abstrato.

Trinca (2012) se aventurou a falar do Real, assim também com letra maiúscula. Foi uma aventura porque se trata de um objeto muito abstrato, assim como o Desconhecido. Aliás, isso nos dá a ideia de que ambos se aproximam muito. Embora muito semelhante à grafia lacaniana, o Real de Trinca (2012) é um tanto quanto diferente, ele buscou suas ideias nos autores de escola inglesa. O autor se aproxima de uma realidade psíquica verdadeira, transcendente, que é inapreensível, por ter suas partes desordenadas, perdidas, sobrepostas. É no momento da sessão analítica que esse Real pode encontrar um espaço de (re)construção e tornar-se um fato clínico psicanalítico. Mas este processo não é simples nem se dá sem temor, pois trata-se da proposta de uma figuração sem figura, o que pode gerar um medo como que frente a uma catástrofe.

O Real, para Trinca (2012), aparece como vazio de sentidos, sem forma, destituindo mesmo os sentidos anteriores a este. Por isso, é tido como disruptivo. Trata-se de um território não habitável, um nada, chamado de registro do impossível e comparado à morte pelo autor. Sendo assim, não é passível de formalização ou representação positiva. Trinca (2012) afirma que:

não habitamos registros do impossível, mas podemos encontrar modos de manter nossa abertura para a sua visitação, para que, por meio disso, não nos afastemos no tamponamento do sentido – seu esquecimento – ou na alienação do vazio e sem formas do Real. (p. 261)

Essa visitação do Real envolve um vir a ser, uma vez que o Real não pode ser traduzido, precisa ser encarnado. Neste processo há algo desconstrutivo, os sentidos se perdem, uma ilusão de identidade previamente existente precisa ser deixada de lado. Há um

desfazer-se até o escuro, informe e infinito. Ao mesmo tempo aparece algo construtivo, imposto pelo desenvolvimento potencial do Real, o novo e autêntico pode nascer quando estamos abertos a esta visitação. (Trinca, 2012)

Encontramos em Figueiredo (1993) esta ideia de que a irrupção do Real (por este autor a escrita é com letra minúscula) só pode se dar como um acontecimento que dilacera a realidade. É um acontecimento como um enigma que demanda tradução, mesmo que não haja ali ainda o que possa ser traduzido, que os elementos desse texto precisem ser construídos. Pensa-se assim em algo como um fazer história, e não em um contar história.

O Desconhecido pode ser pensado também como muito semelhante ao Real<sup>1</sup>, seria também um território impossível, suas partes não apreensíveis, que podem ser insuportáveis a ponto de levar, como nos mostrou Bion (1957/1994a), a construções desastrosas que o tamponem simplesmente, de maneira evasiva; ou, se melhor tolerado, a construções criativas, como que ativando uma parte do Real viva que motiva, impele. O Real e o Desconhecido seriam o mesmo? Não sabemos ainda, deixemos pulsar esta questão.

Bion (1957/1994a) remete-se a Édipo, na peça *Édipo Rei*, de Sófocles (2008), que frente a um enigma jura que irá atrás da verdade. E ele de fato vai, ignorando as consequências. Existe aí uma postura que é reconhecida pelo psicanalista como arrogante. Comparando o método analítico com o componente da curiosidade destacado na peça, o autor fala do risco inevitável de o analista (e do analisando, se com ele estiver identificado) incorrer também em uma curiosidade arrogante que acabe por lançar ataques ao ego de ambos do par. Édipo, em *Édipo Rei* de Sófocles (2008), com a sua postura arrogante, desperta em quem lê a ideia de um Desconhecido intolerável, incapaz de ser contido pela mente humana, o que acarreta em atos desastrosos.

### 1.3. Aventuras e desventuras

Vamos imaginar aqui o encontro entre um analista e seu paciente. Para ambos, trata-se de um encontro com o Desconhecido. Ambos embarcam juntos em uma expedição por mares estranhos, sem saber exatamente o que lhes aguarda. Existe à frente um norte, algo que remete à máxima apolínea, “conhece-te a ti mesmo”, que poderia ser pensado como uma maior apreensão do Real, como uma expansão do universo mental.

---

<sup>1</sup> Daqui adiante, quando falarmos em Real, referimo-nos ao Real apresentado por Trinca (2012).

Mas, para que esta jornada possa acontecer, analista e paciente precisam antes assumir essa posição de estarem frente ao que não sabem, ao Desconhecido. E, para o analista, adentrar nessa dimensão, acompanhando seu paciente, na medida do possível, constitui uma das partes mais árduas do trabalho. Por vezes, pode se tornar um trabalho hercúleo, em algo que pode ser pensado como a descida ao Hades, mas aqui, no momento trágico de Hércules, apresentado por Franciscato (2003), em que o Hades é entendido como um encontro avassalador e muito pessoal com o seu próprio Desconhecido. Aliás, existe algo bárbaro que acompanha todas as tragédias gregas. Sim, bárbaro, esta palavra cabe bem aqui, em sua ambiguidade remete simultaneamente à violência da intensidade emocional e à experiência estética do momento em que o trágico se revela. O que nos faz pensar também na revelação de um certo Desconhecido que habitava o herói.

Quando pela primeira vez no Brasil, Bion (1990/2008) iniciou sua comunicação com os psicanalistas falando justamente sobre situações de desbravamento e coragem na situação analítica. Utilizando-se de outro modelo, porém, contou a fábula do Cemitério de Ur, sobre o funeral do rei. Dizia a história que, com a morte do rei de Ur, toda a corte iniciou uma escavação que ganhou o nome de Cova da Morte. Estavam vestidos com as suas melhores roupas e adornados das mais finas joias. Todos tomaram uma droga em um pequeno cálice, que posteriormente fora encontrado junto de cada corpo, e foram enterrados juntos do rei. Séculos depois as tumbas foram saqueadas.

A visão de Bion (1990/2008) é interessante. Ele chama os ladrões de patronos do método científico, por terem rompido com as sentinelas fantasmagóricas dos mortos. E ele afirma que é impossível saber exatamente o que os ladrões sentiram, mas conjectura acerca da coragem deles para ousar roubar tesouros escondidos e guardados pelo mal e por espíritos tão perigosos.

Esta fábula é contada pelo referido autor justamente para aproximar esta experiência do encontro com um Desconhecido, com a experiência que vive cada analista no encontro com o seu paciente. Nas palavras de Bion (1990/2008),

Ainda sim considero que eles devem ter sido homens corajosos para ousar roubar os tesouros escondidos em um local que foi guardado pelo mal e por espíritos perigosos. De maneira semelhante, na psicanálise: quando se aproxima do Inconsciente - isto é, aquilo de que não sabemos e não aquilo de que sabemos, nós, paciente e analista, estamos em igual medida destinados a ficar perturbados. (pp. 4-5, tradução nossa)

Nessa mesma conferência, Bion (1990/2008) afirma que qualquer analista que verá um de seus pacientes no futuro próximo deve sentir medo. Conta que em todo consultório é certo que haja sempre duas pessoas assustadas: o paciente e o terapeuta. Isto porque os terapeutas, aproximando o psicanalista dos ladrões das covas de Ur, também são profanadores de túmulos guardados por fantasmas, ousam aproximar-se do que é Desconhecido, incerto e está há muito tempo escondido e guardado. E é justamente este um ponto importante no qual o Desconhecido parece ou conduzir-nos a uma obliteração do processo ou impelir-nos um movimento vivo e criativo.

Podemos observar como Bion (1990/2008) propõe este atravessamento pelo assustador de um processo analítico. Para tolerarmos problemas obscuros, o autor sugere que, ao invés de trazermos uma brilhante e inteligente luz, que promovamos uma diminuição da luminosidade, que encontremos um penetrante feixe de escuridão. Assim, a área de exame vai ficando exaurida de qualquer luz que possua, até atingir a escuridão absoluta. Eis o mergulho no Desconhecido. Desta maneira, continua Bion (1990/2008), uma luz muito sutil de um objeto, um fóton, se tornaria visível. É notável como na psicanálise precisamos diminuir as luzes para que possamos enxergar; é preciso tolerar a escuridão até tornarmo-nos escuridão.

E para que possamos seguir este caminho, Bion (1970/1974) fala sobre a necessidade de um despojamento das apreensões sensoriais. Embora nós seres humanos sejamos dependentes dos sentidos, as qualidades psíquicas de que trata a psicanálise não se percebem por meio dos sentidos. Isso está de acordo com o que apresenta Freud (1900/1996a):

O Inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações dos nossos órgãos sensoriais. (p. 637, itálicos do autor)

Bion (1970/1974) afirma que esse despojamento consiste em um caminho doloroso, porém necessário para que o Desconhecido realmente possa ser conhecido em sintonia com a realidade sensível. Trata-se de uma disciplina por ele proposta: que o analista deixe de lado suas memórias, seus desejos e suas compreensões.

Essa disciplina parece condensar muito das teorias de Freud fazendo uma releitura do uso dos termos de memória e desejo que estão presentes no *Projeto de uma Psicologia* (1895/1995) e no *Além do princípio do prazer* (1920/1998), por exemplo. A disciplina proposta também evoca algo presente na técnica kleiniana do enfoque no aqui e agora da sessão. De acordo com Zimerman (2008b), esta disciplina se refere a um despojar-se do que

poderia aproximar de um estado de saturação. Isso não quer dizer que certos tipos de memórias não podem surgir e ser usadas nas sessões, mas estas são outras e têm um aspecto de evolução dentro da sessão.

Sobre este tema, ainda, Grotstein (2007) fala-nos que essa disciplina é um convite para entrarmos em um estado de mente meditativo, insaturado, abrindo-nos ao inesperado. O autor teve uma experiência pessoal de análise com Bion e nos conta como nesse processo, sem contato com os escritos de seu então analista, não imaginava a indicação da postura sem memória.

Isto nos faz pensar que se, por um lado, registros e notas seriam considerados elementos saturados, por outro, algo de um passado vincular, da experiência emocional, teria acesso às sessões, em movimentos de evoluções. Assim, chegamos à ideia das recordações, abordadas por Rezende (2007). Para ele, recordar não se trata de memória, mas de conservar afetivamente experiências e lembrança de pessoas com as quais somos ligados por um vínculo de gratidão.

A memória, por sua vez, é considerada por Bion (1967/1990) como sendo enganosa, distorcida por forças inconscientes, ao passo que os desejos podem distorcer os julgamentos do analista. Estão ligadas a impressões de sentido, do que se supõe ter ocorrido e do que ainda não ocorreu. E isto difere da experiência psicanalítica, que se relaciona com o que está ocorrendo. O verdadeiro mundo do psicanalista, de acordo com o autor, está relacionado com a realidade psíquica, ainda que esta não possa ser nomeada, e a ela se opõem como um entrave os derivados da experiência sensorial.

As sessões não devem ter história prévia ou futura, isto é, não devemos nos prender a hábitos inveterados nem a expectativas futuras. Se algo já é conhecido pelo analista e pelo paciente, é obsoleto. Só o que pode ser interessante em uma análise é o que é Desconhecido. “A partir do escuro e do informe, algo evolui” (Bion, 1967/1990, p. 31). Trata-se aqui de uma evolução com características específicas, que tem semelhanças com os sonhos, é presente, inexplicável e repentinamente ausente. Esta evolução é o que o analista deve interpretar.

Não é fácil, porém, adotarmos tal disciplina, enfrentarmos a escuridão à espera de alcançarmos tal evolução. Tálamo (1998) mostra que em toda análise, em algum ponto, o psicanalista precisará se deparar com o caos do analisando, mas também com o dele próprio, isto para que se entre em contato com a interpretação.

Quando falamos no caos do próprio analista podemos pensar na contratransferência. Money-Kyrle (1978/1990) lembra algo de tradicional da contratransferência, afirma que, inicialmente, esta era entendida como uma perturbação mental no próprio analista, que

necessitava ser eliminada através da análise pessoal. Mas tem sua compreensão ampliada para algo com causa e efeito nos pacientes, precisando ser também analisada nele. Ganha assim estes dois aspectos, o de obstáculo e o de comunicação.

Heimann (1950) usa o termo contratransferência para se referir a todos os sentimentos que o analista vivencia acerca do paciente. Afirma que a contratransferência constitui uma importante ferramenta de conhecimento do Inconsciente do paciente. Um analista que trabalha sem considerar seus próprios sentimentos tem suas interpretações pobres. Isto porque a situação de análise é uma relação entre duas pessoas, o que a distingue de outros tipos de relações é a presença de diferentes e profundos níveis de sentimentos, e o uso que se faz deles. E a análise pessoal do analista tem um importante papel aí, na medida em que o auxilia a sustentar seus sentimentos despertados em vez de descartá-los e usá-los na tarefa analítica como em uma função de espelho com relação ao paciente.

Racker (1979) pensa também na contratransferência, mas como um processo indissociável da transferência. Ambos os processos juntos criam a dimensão interpessoal da relação analítica. A relação do paciente com o analista é essencial e pode ser compreendida através da contratransferência. Esta seria como que uma resposta à transferência manifesta atual e também à transferência latente e potencial, reprimida ou bloqueada. O referido autor fala também que aspectos do Inconsciente do analista podem originar angústia frente ao Inconsciente do analisando, levando a medidas de defesas que interferem no trabalho. É necessário que o analista recupere e mantenha a contratransferência positiva. E, para a fluidez acontecer, tanto analista quanto analisando precisam dividir seu eu entre um eu racional, observador, e um eu vivencial, irracional. Este último deve ter um fluxo livre com suas associações, fantasias e sentimentos que surgem em resposta ao material do analisando.

Com influência desses conceitos de contratransferência, o casal Baranger e Baranger (1961/2010) apresenta sua ideia de campo analítico. Então, o analista é percebido não em sua posição unilateral, mas como parte integrante em seu trabalho, tendo em vista o seu Inconsciente também implicado no processo. Trata-se de uma situação com duas pessoas ligadas e complementares. Não se pode pensar em nenhum membro deste grupo sem o outro. A situação analítica tem suas forças e dinâmicas determinadas, com suas próprias leis evolutivas, sua finalidade geral e suas finalidades momentâneas. As fantasias a serem trabalhadas não são fantasias de um ou de outro, mas são fantasias do par. E poderíamos pensar que existe ali uma situação bipessoal, mas no campo tantas personagens surgem que podemos pensar em situações multipessoais.

A ambiguidade, uma espécie de “como se”, está em todos os elementos do campo analítico. O tempo, assim, é também ambíguo. É presente, pois se desenrola ali uma situação nova, uma relação distinta; é simultaneamente passado, por permitir ao analisando a livre repetição de situações conflituosas de sua história. Assim, esta pode ser revivida na ambiguidade temporal e permite reassumir seus acontecimentos com um significado novo. Isto abre espaço para que o par se realoque frente à possibilidade de um futuro inédito. (Baranger & Baranger, 1961/2010)

Esta ambiguidade traz a ideia de um paradoxo, o tempo da análise *é e não é* o passado, *é e não é* o presente, *é e não é* o futuro. Isto porque na análise precisamos nos aproximar do tempo do Inconsciente, e Chuster et al. (2014) nos dizem que o Inconsciente é infinito. Isto está em consonância com o exposto por Blanco (1998), que afirma ainda que o Inconsciente não tem tempo ordenado, isto é, de acordo com a lógica simétrica dessa ordenação, de modo que a passagem do tempo nem ao menos altera seus processos. Esta ordenação e divisão é algo da lógica do Consciente.

Voltemos ao exposto por Tálamo (1998), as ideias referentes à relação: a autora afirma que há algo obscuro, muito difícil de ser enfrentado quando algo está para ser concebido, criado. Podemos pensar aqui que isso também ocorre no encontro do analista com o paciente. E contemplar esse caos interno seria contemplar o que a autora chama de posição esquizoparanoide sem memória, sem desejo e sem compreensão imediata. Podemos perceber que, com a ideia de campo analítico, o analista que esteja aberto, disponível, mergulha junto de seu paciente na turbulência. Espera-se apenas que ele tenha alguma aptidão e experiência nesta prática.

Isto até que surja o fato selecionado, que Bion (1962/1991) afirma ser uma experiência emocional, um sentido de descoberta de coerência, que trará coesão para os objetos da posição esquizoparanoide e assim marcará o início da posição depressiva. A chegada do fato selecionado só se dá caso haja uma atenção relaxada e tem, como vimos, uma característica de síntese.

Para Tálamo (1998), a possibilidade de que o analista tolere o caos interno e o caos do paciente baseia-se ainda em outro conceito de Bion (1990), o da *rêverie* do cuidador<sup>2</sup>, que

---

<sup>2</sup> Optamos pela utilização do termo *cuidador* no lugar onde geralmente se chama *mãe*, no sentido de enfatizarmos que esta figura real nem sempre é a mãe, mas alguém que - bem ou mal - desempenhe uma *função materna*, com constância. Não nos ocupamos de pensar ainda aqui se há diferenças no desempenho desta função por outra pessoa que não a mãe, de fato, ou mesmo uma pessoa do sexo masculino. Esta escolha pode parecer um tanto quanto controversa e soar diferente, visto que não é comum na literatura psicanalítica. Mesmo nas

recebe as identificações projetivas de seu bebê e as transforma. *Rêverie*, de acordo com Bion (1990), corresponde a uma função desempenhada pelo cuidador quando ele pensa em seu bebê com amor e ambos estão ajustados de modo que ele possa receber as identificações projetivas do filho, sentir e interpretá-las, para posteriormente devolvê-las de uma forma tolerável. Este processo propicia ao bebê o desenvolvimento de uma função- $\alpha$ , que permite a transformação de dados oriundos dos sentidos e permite diferenciar elementos inconscientes de elementos conscientes. A *rêverie* é também um fator da função- $\alpha$  do cuidador, como aparece em Bion (1962/1991). Este modelo, que é baseado na ideia de da relação ideal mãe-bebê, pode ser transposto como um modelo para pensarmos o que se passa na situação analítica: pensemos na *rêverie* do analista auxiliando seu paciente a vivenciar experiências emocionais.

De acordo com Castelo Filho (2013), enfrentar o caos do Desconhecido é um caminho que coloca sob a ameaça os parâmetros que conhecemos, desvelando novos aspectos do mundo conhecido, que, por isso, passa a ser estranho, assustador. Trata-se de experiências emocionais, não racionais, que demandam mente continente, com elasticidade e flexibilidade, capaz de expansão. Neste sentido, é preciso que o analista possa tolerar impactantes experiências emocionais que seu analisando não é capaz de tolerar, transformando tais vivências em conhecimento, e assim devolvendo-as ao analisando. O autor destaca por esta razão a grande importância da análise pessoal do analista e conclui que,

O contato com a realidade é sempre assombroso, e quem não pode se assombrar não poderia entrar em contato com a vida como ela é e com tudo de espantoso que ela tem para apresentar. Como o bardo dizia: há mais coisas entre o céu e a terra. (Castelo Filho, 2013, p. 151)

#### 1.4. Um caminho

Há então no processo analítico o encontro com o Desconhecido, esta parte inegável e ao mesmo tempo inapreensível da realidade psíquica. Com este, o medo. Medo do que não sabemos, do que não conhecemos, e que ainda assim reverbera. Podermos tolerar o Desconhecido, mergulhar em sua escuridão. Parece ser o único caminho possível para que o processo analítico possa ter desenvolvimento. Mas isto não se dá sem dor, sem sofrimento. Mesmo o analista aproxima-se de uma linha tênue entre a sanidade e a loucura, entre a ordem

---

obras de Bion, fique claro, o termo que aparece é *mãe* e se toma como modelo a relação *mãe-bebê*. Mas, frente a novas configurações familiares e discussões de gênero, esta escolha nos pareceu adequada por hora.

e o caos. Parece, aliás, que esta linha é que vai ditando o caminho a ser percorrido. Seria uma linha de escuridão?

Deparamo-nos aqui com uma obra literária chamada *A linha de sombra*, de Joseph Conrad (1917/2003). Nesta, o autor narra a jornada de um jovem marinheiro à frente de seu primeiro comando. Mas não se trata simplesmente da descrição de uma aventura de marinheiro. Trata-se sim de uma navegação por mares estranhos, mas de mares localizados no interior do comandante. Toda a obra tem um clima de suspense. Desde seu início temos contato com o estado emocional do protagonista, alguém que se encontra em uma transição, que se recusa a ficar onde estava trabalhando como marinheiro em um navio e precisa ir adiante, mas encontra-se totalmente perdido, sem um norte a seguir. Deseja voltar para sua casa. Tem aí, talvez, a busca por um porto seguro. Mas eis que no trajeto, também assim sem mais, cruza-se com personagens e informações tão misteriosas, e põe-se em outro caminho. De um recuo que faria para sua casa, o jovem comandante vai ao encontro de uma grande aventura, seu primeiro comando. Nascido do inesperado e atravessado pelo Desconhecido. Tudo o que o jovem comandante vive lhe é inédito. E assim, em uma aventura muito mais cheia de apreensão do que reviravoltas, ele parece fazer uma interessante travessia pela sua própria linha de sombra. A linha de sombra aqui se assemelha a esta travessia pelo Desconhecido. Parece ser um espaço no qual o contato com o Desconhecido é possível. Será?

Essa obra literária, *A linha de sombra*, é um dos romances introspectivos do escritor Joseph Conrad (1917/2003), como mencionado há pouco. Mas essa história chama a atenção para além de seu enredo. É interessante também pensar que Conrad (1867-1924), um polonês naturalizado britânico, escreveu vários romances, mas antes disso foi um marinheiro de fato, e talvez ele próprio tenha navegado pelos mares aos quais conduziu seu herói, vivendo, possivelmente, as turbulências externas e internas. A intenção aqui não é investigar a vida do autor a fundo ou algo dessa ordem, mas é importante nos situarmos em que momento e a partir de que mente – o quanto nos for possível – surgiu a inspiração para a obra estudada, e vale a pena imaginarmos.

Isso é algo que também chama a atenção para esta obra específica de Conrad (1917/2003). Afinal, como um excelente escritor ele tem muitas obras importantes, mas este, certamente este, é um bom livro! E é Freud (1906/1996b) quem nos ajuda a pensar no que seria um bom livro. Trata-se de livros que podem ser considerados bons amigos, que com uma leitura prazerosa podem nos render uma expansão de nosso conhecimento sobre a vida e de nossa visão de mundo. Nós podemos dizer que são livros que conversam conosco, que parecem nos entender.

Talvez, um literato poderia questionar a escolha da história que pretendemos utilizar doravante. Ele poderia nos dizer que em termos formais haveria outra obra do autor de maior relevância, ou mesmo que poderia haver outro autor mais próximo para a psicanálise, ou quiçá um autor nacional, ou contemporâneo, dentre outras sugestões. Enfim, nós poderíamos ser questionados acerca das razões pela escolha desta obra em detrimento de uma infinidade de outras possíveis. Mas *A Linha de sombra*, de Conrad (1917/2003), cruzou nosso caminho quando pensávamos no Desconhecido, e mais especificamente em seu atravessamento. O caminho que aqui percorremos nos levou ao encontro de Conrad (1917/2003), veremos juntos como se dá a jornada vivenciada em *A linha de sombra* e apreciaremos como os escritores podem transmitir suas emoções como se tivessem um vasto conhecimento psicanalítico.

Voltemos novamente à Freud, agora à Freud (1907/1996c). Lá ele escolheu a *Gradiva*, de Jensen (1837-1911). Foi-lhe indicada por um amigo de seu círculo psicanalítico: Jung foi quem lhe sugeriu a leitura, mas foi Freud (1907/1996c) quem escolheu escrever sobre ela. Ou, devaneando aqui, quem sabe não foi a própria *Gradiva* que com seu mistério escolheu Freud (1907/1996c) para falar sobre ela?

É mesmo interessante notarmos como aparece nessa primeira análise literária nas obras freudianas o fascínio de Freud (1907/1996c) pelos escritores que ele adjetiva como “criativos”. Ele nos diz que:

os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. (Freud, 1907/1996c, p. 20)

Ora, Freud (1906/1996b, 1907/1996c) já podia notar como as obras literárias falam do humano, como os escritores nos antecedem, gentilmente inaugurando espaços, e com suas palavras colorem todo um universo de emoções, antes invisíveis a olhos nus. E nós, psicanalistas, precisamos estar atentos aos passos deles, a essas novas cores que se desenhavam.

Podemos agora voltar a Conrad (1917/2003). Teria ele conhecido o Desconhecido com pioneirismo? Teria navegado em seus mares antes? Veremos. No caso, existe uma tênue linha na qual parece ser necessário nos mantermos quando frente ao Desconhecido. Talvez apareça na obra literária aqui referida, e poderíamos começar a pensar que talvez apareça também como um caminho possível a ser percorrido em um processo analítico.

Destarte, com tantos questionamentos e reflexões possíveis acerca do Desconhecido e buscando uma aproximação possível desse fenômeno com a clínica psicanalítica, temos como objetivo no presente trabalho analisar a ideia de Desconhecido apresentada na teoria bioniana,

a qual está presente no fazer psicanalítico. Entendemos o fazer psicanalítico não apenas como o trabalho clínico, dentro dos consultórios, mas incluímos aí a psicanálise aplicada em outros contextos, como na análise de obras artísticas. Tomamos, pois, o encontro com a literatura na análise do livro *A linha de sombra*, de Joseph Conrad (1917/2003), como um recurso para ilustrarmos e buscarmos ampliar a análise do Desconhecido.

Com isso, buscamos também: estabelecer uma noção do Desconhecido a partir de um levantamento bibliográfico na literatura psicanalítica; buscamos a noção do Desconhecido na obra de Bion; realizamos uma aproximação da psicanálise com a literatura; e fizemos uma análise da obra literária *A linha de sombra* (Conrad, 2003), com a utilização do método psicanalítico.

## 2. UMA BÚSSOLA

### 2.1. O método

Finalizamos a sessão anterior com a revelação de onde queremos chegar e vimos as paradas que pretendemos fazer durante nossa jornada. Para isso, introduzimos conceitos buscando compor nossa nau e nossa tripulação. Agora, precisamos de uma bússola. Algo que ajude a nos manter alinhados com o nosso destino. Para tanto, vamos falar do método.

Desenvolveremos o presente trabalho como uma pesquisa em psicanálise com o método psicanalítico, como nomearam Figueiredo e Minerbo (2006). Existem muitas maneiras de se fazer pesquisa em psicanálise, esta é uma delas. Trata-se de uma pesquisa que necessita da presença de um psicanalista, com sua atitude analítica e suas ferramentas (interpretação, transferência, contratransferência etc.) para a construção de possíveis modificações do pesquisador enquanto sujeito, do objeto e do corpo teórico, ainda que o objeto esteja fora da clínica, mas desde que componha o universo simbólico. Um pouco diferente do que usualmente se vê em pesquisas acadêmicas, este método envolve um mergulho do pesquisador em camadas profundas de sua própria subjetividade.

Desde seu surgimento, a Psicanálise em si pôde ser designada como um campo de pesquisa, e podemos pensar o método psicanalítico como o conjunto de ferramentas pertencente a este campo. Freud (1856-1939), ao longo de seus estudos, não podia deixar de investigar os fenômenos psíquicos que se descortinavam quando se encontrava frente aos seus pacientes. Ele lançou um olhar inédito sobre esses fenômenos, inaugurando um novo vértice de compreensão. Uma compreensão pautada na ideia de Inconsciente. Inconsciente que foi percebido a partir de lapsos na consciência e cujos conteúdos manifestavam-se também na consciência.

Trata-se de uma disciplina inaugurada não sem muito trabalho e investigação, não sem o rigor da pesquisa. Mas não com o rigor tradicional positivista que imperava na época. Embora ao lermos os textos iniciais de Freud (1856-1939), especialmente, fique evidente o esforço dele para tentar se encaixar no que se julgava ciência na época, a Psicanálise jamais alçaria tal status. Freud (1856-1939) tinha na clínica seu laboratório de pesquisas, mas os fenômenos que investigava não seriam passíveis de mensuração, replicação, controle. Os fenômenos que são objetos de pesquisa para a Psicanálise até os dias atuais são singulares, não apresentam uma invariância e não são passíveis de controle. No entanto, podemos considerar alguns conceitos gerais, como o Complexo de Édipo, por exemplo, que pode ser

desenvolvido e pensado por diferentes vértices de acordo com a corrente psicanalítica que se contempla, e mesmo assim conserva aspectos regulares, é o que pode ser confirmado em Naffah Neto (2006).

Mezan (1993) fala de uma cumulatividade das descobertas psicanalíticas, a partir de Freud (1856-1939). Cada linha com sua metapsicologia, teoria de desenvolvimento psíquico, psicopatologia e teoria de processo terapêutico pode contribuir para um progresso linear da Psicanálise. E é justamente quando fala dessas características referentes à cumulatividade, bem como de uma comunicabilidade do conhecimento adquirido, que Mezan (1993) menciona que a Psicanálise se assemelha às ciências.

Mas como é possível fazermos pesquisas e construções teóricas com o método psicanalítico? Que método é esse?

Laplanche e Pontalis (2001) apresentam o método psicanalítico como um dos níveis da disciplina Psicanálise, que seria a investigação dos significados do Inconsciente. Para tanto, baseia-se nas associações livres do sujeito. Estas conferem à interpretação um caráter de verdade. Afirma ainda que as interpretações podem ser estendidas para todas as produções humanas, ainda que estas não produzam associações livres. Isso é o que Freud chamou de psicanálise extramuros, uma psicanálise que extrapola os limites do consultório.

Naffah Neto (2006) diferencia um tipo de pesquisa em psicanálise que é realizada no interior do consultório no trabalho terapêutico com o paciente, da pesquisa realizada no ambiente acadêmico. Enquanto a pesquisa-escuta, como o referido autor chama a pesquisa na clínica, implica uma postura sem memória e sem desejo do pesquisador, uma postura mais passiva, a pesquisa-investigação, como ele denomina a pesquisa dentro das universidades, envolve o desejo do pesquisador, o delineamento de um campo de conhecimento mais preciso, a formulação de problemas teórico-metodológicos e a sua investigação, o que se aproxima do que fazemos aqui.

O método psicanalítico utilizado para a pesquisa-investigação é uma ferramenta a ser utilizada pelo psicanalista, como continua Naffah Neto (2006). A pesquisa em psicanálise com o método psicanalítico origina um processo bastante particular, no qual sujeito e objeto por vezes podem se confundir para que passem por transformações, e estas são almejadas no processo de criação. Vejamos.

O primeiro passo seria a escolha do tema. Nesta linha de trabalho, tal qual aqui desenvolvemos, não é o professor orientador quem apresenta um tema ao seu orientando pesquisador. O tema, preferencialmente, parte do próprio pesquisador. Isto por se valorizar algo que despertasse interesse legítimo. O tema na pesquisa com o método psicanalítico assim

desenvolvido pode ser fruto da clínica do pesquisador, da realidade prática de seu trabalho. (Naffah Neto, 2006)

Contudo, na prática é possível encontrarmos psicanalistas aderindo a linhas de pesquisa já existentes, integrando um grupo de trabalho. Isso não parece fugir ao método aqui descrito, a proposta do recorte temático, pois seu desenvolvimento ainda será pessoal. O psicanalista é quem fará sua própria pesquisa, e, ainda que tenha influências (necessárias) do orientador, poderá organizar os elementos encontrados à sua maneira. Pensamos que o mais importante é esta abertura para a possibilidade de o tema ter características que se relacionam com o próprio pesquisador. Mas será que, de uma maneira ou de outra, não estamos sempre implicados nas questões que levantamos?

Existe aí também outra dimensão muito importante da escolha do tema a ser pesquisado. Dentro da teoria psicanalítica, o desejo de saber tem origens muito primitivas no desenvolvimento. Tanto Freud (1909/1996e) como Klein (1931) e Bion (1962/1991) são autores psicanalíticos que relacionaram a capacidade e curiosidade para conhecer com as primeiras descobertas psicosexuais infantis. Assim, podemos imaginar que a escolha do tema de pesquisa parece se ligar a esta premissa, de que o desejo de saber envolve um antigo desejo que não figura mais no campo da consciência, pois foi censurado. A escolha do tema acaba sendo, quando vista assim, bastante pessoal e ganha uma dimensão profunda na vida do investigador, que estará implicado em sua pesquisa.

Bion (1962/1991), em sua teoria vincular, chega a dar um lugar especial ao vínculo K, que seria o vínculo do conhecimento. Vínculo, porque se refere à relação existente entre o sujeito que deseja conhecer um objeto e o objeto disponível a ser conhecido. O autor não fala simplesmente do conhecer científico, mas do conhecer relacionado às próprias verdades. Aliás, a teoria bioniana pode ser entendida como uma teoria do conhecimento, como afirma Zimmerman (2008a). É justamente dentro da teoria bioniana que se figura o tema do Desconhecido e é a partir desta teoria e de outras correlatas que iremos empreender esta investigação.

Uma vez delimitado um tema, Naffah Neto (2006) diz ainda que o pesquisador precisa investigar o que foi dito sobre este. No presente trabalho não fizemos uma investigação exhaustiva, e sim de uma aproximação do objeto. Fizemos aqui um levantamento bibliográfico na literatura científica psicanalítica sobre o Desconhecido, com o intuito de encontrarmos material abrangente sobre o tema, dentro dos limites teóricos aqui apontados.

Como dito anteriormente, o Desconhecido é um fenômeno subjetivo de difícil apreensão. Para podermos analisá-lo e pensarmos no trabalho do analista quando frente a este,

é interessante nos aproximarmos, o quanto for possível, de sua figurabilidade. Para tanto, um recurso muito importante do qual lançamos mão aqui foi a utilização da análise com o método psicanalítico de uma obra literária, como ilustração. É a partir desta que esperamos, em um ato de fé, pensarmos no trajeto do analista frente ao Desconhecido. A fé necessária de que falamos é, como explica Silva (1996), fé nas características dinâmicas dos fenômenos psíquicos, na capacidade de evoluírem para um significado. Trata-se de uma fé científica, que antecede o significado e que não é dogmática, mas evolutiva.

## 2.2. Um antigo flerte

Utilizar uma obra literária aqui como um recurso para pensar a Psicanálise não é despropositado. O próprio pai da psicanálise utilizou esse recurso por inúmeras vezes. Podemos pensar, à guisa de citação, em seu trabalho “Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen” (1907/1996c); em “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância” (1910/1996i); nas “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia” (1911/199j), no qual Freud analisa Schreber a partir de sua publicação autobiográfica; no texto “O estranho” (1919/1996f), no qual Freud se debruça sobre uma obra de Hoffmann. Isto sem contar as inúmeras citações feitas a escritores famosos, como Shakespeare e Goethe, e as falas que sugerem a presença de outros tantos e tantos trabalhos literários. Sim, Freud (1856-1939) foi um amante da literatura. Ele podia perceber como os escritores e poetas transmitiam o humano em suas criações. E é a partir dessa constatação que podemos pensar a literatura como uma ferramenta de grande utilidade para a Psicanálise.

Campos e Castro (2014) também demonstram como a literatura está presente ao longo das obras de Freud. Dividem esse encontro didaticamente em três modalidades: uma delas seria a utilização de recortes literários por Freud, tanto para ilustrar a teoria, como com o intuito de algumas comprovações acerca da vida anímica; uma segunda modalidade seria a discussão analítica de produções artísticas em geral por meio de obras literárias; e, por fim, a análise de uma obra literária específica. Notamos que, com este encontro com a literatura, a Psicanálise pode ganhar muito em amplitude, extrapolando o consultório e o campo médico.

Ainda, Campos e Castro (2004) afirmam existir a compreensão de que as obras de arte se assemelham muito com os sonhos, na medida em que são satisfações de desejos inconscientes, mas diferem-se dos sonhos na medida em que são socializadas e podem despertar também os desejos íntimos de outras pessoas. Seria interessante, assim, em uma análise psicanalítica de uma obra de arte, pensarmos no autor, em sua história de vida e a

correlação com o que ele estaria expondo em sua obra. Isso não esgotaria o mistério da obra de arte, mas possibilitaria uma maior aproximação. A criação artística vista desta maneira seria mais uma via de acesso ao Inconsciente. Isso porque o escritor, assim como o psicanalista, precisa conhecer a mente humana. Os autores referidos afirmam que o psicanalista se debruçaria sobre a mente de outrem, enquanto o escritor, sobre a sua própria mente, mas ambos se aproximam do Inconsciente e do entendimento de seu funcionamento. Seria assim? Parece esta uma divisão que se refere a uma ideia incompleta do trabalho do psicanalista, mas veremos mais adiante outras ideias a este respeito. (Campos e Castro, 2014)

Dacorso (2010) concorda com os autores. Explora ainda mais a inter-relação existente entre a Psicanálise e as obras literárias. Mostra como a crítica literária moderna se apropriou da psicanálise, entre outros saberes, para interpretar as obras. Esta se utiliza de complexos e conceitos psicanalíticos para compreender a criação de determinada obra, articulando até mesmo a biografia do autor com o seu momento atual. A crítica literária moderna entende também que o leitor, quando em contato com a obra, tem em ação os seus processos inconscientes, que precisam ser considerados. Existe também aí a ideia de uma afinidade entre a arte e o sonho, porque a arte faria seu apreciador sonhar. Diferente de uma sessão analítica, não haveria nesse processo, para a autora, uma comunicação de Inconsciente para Inconsciente. Mas certamente a comunicação passaria em uma região chamada primitiva, manifestando-se por meio de símbolos e mitos.

De acordo com Dacorso (2010), esta é a maneira como a crítica literária se utiliza da psicanálise. Mas a psicanálise também se utiliza da literatura, e aqui talvez possamos nos aproximar. Para a autora, segundo as ideias de Freud (1856-1939) as obras literárias seriam uma continuação do brincar infantil na vida adulta. Uma obra de arte oferece ao leitor a possibilidade de entrar em um mundo imaginário refletindo seu próprio mundo de desejos sem autocensuras, tal qual o jogo, e existe aí uma grande satisfação.

Ademais, no interjogo entre a psicanálise e a crítica literária, algo do texto é desligado de sua trilha através da análise, algo de não literário surge no desvelamento da relação do texto com o Inconsciente, os limites entre a ficção escrita e a não ficção subentendida que pode emergir faz com que a obra de ficção ganhe aspectos de verdade. Trata-se de escutarmos o texto, o que ele tem a nos contar, e ouvimo-lo como ouviríamos um sonho manifesto e buscarmos o que há ali de latente. É o que afirma Dacorso (2010), que continua:

Nem o texto nos diz tudo nem nós ao abordá-lo psicanaliticamente seremos capazes de tudo apreender ou analisar. Não é possível tratar o texto de forma fechada, rígida, com um único sentido, considerado correto a partir daquele que interpreta. O que importa é que a obra deve

ser considerada um texto em aberto, oferecendo-se àquele que o lê e foi por ele seduzido. (p. 153)

E certamente é assim que aqui pretendemos nos aproximar da obra literária abordada. Isso nos ajuda a pensar nossa bússola. Mas, para que tudo isso seja possível, precisamos estar em contato com o livro analisado, no caso *A linha de sombra*, de Conrad (1917/2003), utilizando-nos do método psicanalítico.

Neste contato, de acordo com Silva (1996), quando o pesquisador se utiliza deste método, ele precisa empregar ainda uma importante ferramenta psicanalítica, a atenção flutuante. O autor diz que é em contato com o objeto que podem se revelar os dados mais importantes, capturados pela atenção flutuante. Para ele, quando pensamos, então, nas leituras para a construção do trabalho, falamos em uma leitura pautada na atenção flutuante, de onde pode nascer uma interpretação.

Além disso, precisamos considerar outro elemento primordial para o método psicanalítico, a transferência. Ao pensarmos em um texto, há transferências. Isto se dá tanto partindo do leitor como do escritor, pois o leitor atribui saber ao texto, e o escritor atribui o poder de leitura e decifração aos leitores que ainda nem existem enquanto ele escreve. A transferência, na pesquisa, existe demarcando um laço entre o desejo do próprio pesquisador e o objeto, possibilitando a análise e interpretação nos moldes da psicanálise acerca do objeto. (Berlinck, 2000; Figueiredo & Minerbo, 2006)

Berlinck (2000) diz que o pesquisador se envolve com um enigma, com características transferenciais. Esse enigma revela uma diferença entre a realidade do objeto e o seu ideal, esta é a situação-problema que precisa ser especificada e investigada.

Ora, a ideia de enigma é interessante. Voltemos ao que Figueiredo (1993) nos fala. Enigma seria também uma forma de apresentação do Real que demanda tradução. Como dissemos, uma tradução do que ainda não se fazia possível, e irrompe trazendo um sentido a posteriori. Tradução para a qual não serve qualquer história, mas uma história a ser construída e vivenciada. Desta demanda de tradução surge uma fala, seja do analista ou do analisando. Dentro do campo da situação analítica, pode nomear o acontecimento, o disruptivo, levando ao trânsito, e não à imobilidade. Esta é uma fala também enquanto acontecimento. Esta modalidade de interpretação busca a tradução do enigma do Real. Pensamos no Desconhecido também como enigmático, neste sentido. E há algo do Desconhecido no texto.

Sobre a interpretação, Figueiredo e Minerbo (2006) afirmam que sujeito, objeto e meio combinam-se, perdendo seus contornos iniciais, para poderem ser descobertos simultaneamente, adquirindo novas bordas. Na pesquisa em psicanálise com o método

psicanalítico, não se trabalha com causa e efeito, não se trabalha com estatística, mas com a interpretação, e esta é consequência do processo que a produziu. A verdade da interpretação é provisória e nunca única. Trata-se de uma perspectiva, um vértice possível através do qual se pensa o objeto.

Utilizando este método de pesquisa, Silva (1996) afirma ser muito difícil que o pesquisador pense a princípio em hipóteses bem formuladas, em uma impecável definição do objeto ou em uma compreensão profunda do tema. Somente o contato cuidadoso e paciente com os dados, permitindo um trabalho do Inconsciente, é que pode conduzir a um significado verdadeiro, embora provisório. Neste momento é que para o autor é possível buscar a literatura existente, permitindo a redescoberta dos conceitos. Percebemos que neste processo não temos necessariamente a confirmação de determinada teoria, mas a possível abertura para criação de algo novo.

De maneira análoga à clínica psicanalítica, na pesquisa com o método psicanalítico, quando há um encontro, imagina-se que o pesquisador passe pelo processo vivenciando um estranhamento, saindo diferente de como entrou. Objeto e pesquisador possivelmente saem transformados. Isto porque o olhar do psicanalista pode transformar o objeto, e o psicanalista sai alterado por passar a ver seu objeto de um jeito diferente de como via antes. O objeto da pesquisa, visto assim, não deixa de ser o que é, mas através do olhar psicanalítico e da interpretação ganha uma nova perspectiva, potencial que já possuía. (Figueiredo & Minerbo, 2006)

Por isso, Naffah Neto (2006) afirma que há na pesquisa psicanalítica a presença do pensamento paradoxal: ao mesmo tempo em que a teoria já existe, ela é criada pelo pesquisador; ao mesmo tempo em que o analista pesquisador precisa atingir uma unidade com o seu objeto de pesquisa, ele não pode se perder de si.

Com toda esta exposição do que tantos autores entendem da pesquisa em psicanálise com o método psicanalítico, da pesquisa-investigação, da utilização da análise de uma obra literária como um recurso, almejamos também sair transformados desta jornada. Estamos frente ao atravessamento do Desconhecido, esse disruptivo encontro. Não sabemos nem podemos ousar saber onde chegaremos, de que maneira sairemos modificados nem mesmo se chegaremos a modificar a teoria. Quando trazemos estes autores com seu conhecimento, estamos no campo do desejo. Mas, como já dissemos, sabemos que o desejo pode ser traiçoeiro. Pensemos que vamos passear pelos textos, conversar com autores, sonhar e tentar nos aproximar do Desconhecido. Tentaremos deixar que este nos tome e possa aqui *ser*. Reconhecemo-nos limitados nesta empreitada, mas ousamos seguir adiante, pois sem alguma

dose de insana coragem não parece ser crível uma viagem através de mares desconhecidos. Avante. Façamos, então, na próxima sessão, uma parada um pouco mais demorada no universo de intersecção entre a psicanálise e a literatura.

### 3. UM APORTE ENTRE A PSICANÁLISE E A LITERATURA

#### 3.1. Do flerte ao romance

Para falarmos de um encontro entre a psicanálise e a literatura e fazê-lo com mais calma – esperamos que de maneira mais cuidadosa, mais atenciosa aos detalhes –, voltemos a Freud e ao seu encanto pela literatura.

Freud (1907/1996c) fica encantado com a *Gradiva* de Jensen, tem um encontro extremamente frutífero com esta obra. Pode nos comunicar por meio de seu texto esse fascínio. Ele nota como o autor foi criativo e assertivo na composição de suas personagens, na sua inter-relação, na composição de suas realidades psíquicas. E, sobre os escritores, Freud (1907/1996c) diz que, apesar de ser gente comum, buscam suas inspirações em fontes as quais a ciência ainda não alcança. E que existem histórias escritas muito fiéis à realidade, ainda que sendo classificadas como fantasia por seus autores. Trata-se de uma aproximação com a realidade humana. Sonham a realidade humana. É tamanha a admiração de Freud (1907/1996c) pelos escritores criativos, que ele os coloca assim, no lugar de pioneiros, desbravando, como que abrindo a picada para os cientistas e, como não poderia deixar de ser, também para os psicanalistas.

Freud (1907/1996c) nota como o autor de *Gradiva*, ao desenvolver suas personagens, delineou sonhos e, especialmente, delírios, como se tivesse um vasto conhecimento acerca do Inconsciente e do reprimido, revelando ter, na realidade, um grande conhecimento sobre a mente humana. Usou de artifícios para ir conduzindo o leitor a uma compreensão gradual da mente de suas personagens, com minúcias perfeitamente orquestradas. Por isso mesmo o autor, Jensen (1837-1911), chegou a ser consultado a respeito de conhecimentos psicanalíticos quando compôs a sua referida obra, e, como resposta, negou, afirmando que usou apenas a sua imaginação, o que lhe dera um enorme prazer.

Mas existe também outro lado. Com a psicanálise, os escritores e artistas são retirados de um espaço que lhes era exclusivo. Os escritores entram em um espaço de gente comum. A criatividade não é mais um privilégio dessa classe, esse atributo que é despertado nos artistas seria um atributo de todos os homens. Todos agora poderiam em alguma medida ter acesso a ela. Qual seria, então, a fonte da criatividade?

Freud (1908/1996d), intrigado com este problema, faz um percurso que não poderia ser diferente, vai até a infância à procura das atividades imaginativas e se depara com o brincar e com o jogo infantil. Freud (1908/1996d) se dá conta de que, assim como o escritor, a

criança quando brinca cria um fantástico mundo imaginado, cheio de emoções, que pode ser ligado mas ao mesmo tempo diferenciado da realidade. Assim também faz o escritor criativo. Está consolidada a democratização da criatividade, uma vez que todos fomos crianças um dia.

Lembremos agora da última entrevista concedida a Júlio Lerner, da TV Cultura, por Clarice Lispector, em 1977, poucos meses antes de sua morte. Quando interrogada sobre quando começou a escrever, Clarice disse que desde sempre criou histórias, e, tão logo aprendeu a escrever, já as registrou. Lembra-se de fazê-lo já aos sete ou oito anos de idade.

Voltemos a Freud (1908/1996d). Ele levanta o curioso fato de que muito do que pode ser representado através da escrita e que traz prazer e excitações a adultos não o traria caso estivesse fora da fantasia, sendo vivenciado na realidade. A escrita, com sua *ars poetica*, supera as barreiras da mente, e pode nos transportar por mundos nos quais nos sentimos com maior liberdade para nos deleitarmos com os nossos mais íntimos desejos, encontrados ali, no que foi escrito por outro, mas que, paradoxalmente, está dentro de nós.

É notável como os escritores e poetas têm o dom de brincar com as palavras e através delas brincar com as realidades internas e externas, transitar entre os dois mundos, adentrando também em nosso mundo e nos auxiliando a nos desprender e viajar por mundos desconhecidos, dentro e fora de nós mesmos. Ah! Se fôssemos poetas...

Sobre a intersecção do trabalho do escritor criativo e do psicanalista, Freud (1907/1996c) afirma:

Provavelmente bebemos da mesma fonte e trabalhamos com o mesmo objeto, embora cada um de nós com seu próprio método. A concordância em nossos resultados parece garantir que ambos trabalhamos corretamente. Nosso processo consiste na observação consciente de processos mentais anormais em outras pessoas, com o objetivo de poder deduzir e mostrar suas leis. Sem dúvida o autor procede de forma diversa. Dirige sua atenção para o inconsciente de sua própria mente, auscultando suas possíveis manifestações, e expressando-as através da arte, em vez de suprimi-las por uma crítica consciente. Desse modo, experimenta a partir de si mesmo o que aprendemos de outros: as leis a que as atividades inconscientes devem obedecer . . . A conclusão evidente é que ambos, tanto o escritor como o médico, ou compreendemos com o mesmo erro o inconsciente ou o compreendemos com igual acerto. (pp. 83 -84)

Percebemos como a psicanálise encontrou na literatura uma parceira de caminhada desde o seu início. Estava posta aí uma parceria que, quer os críticos gostassem ou não, não se rescindiria. Podemos acompanhar outros passos dessa caminhada sob a ótica de outros autores.

Bellemin-Noël (1978), que não é psicanalista, mas professor de Literatura Francesa, escreve sobre este encontro entre psicanálise e literatura e nos empresta o seu olhar. Ele entende que a psicanálise seria como uma arte de decifrar verdades sempre que se deparar com enigmas provenientes da experiência humana, independentemente de sua origem. A literatura seria, para o autor, um meio através do qual se aproxima da própria humanidade com clareza. Ele explica. Diz que a linguagem que aprendemos e que utilizamos em nossas relações diárias constitui um agir irrefletido, enquanto é através da linguagem presente na literatura que se pensa o que se fala. Ele entende que foi sempre através da literatura, e somente por meio dela, que o homem pôde se posicionar no mundo, pensar-se, interrogar-se sobre suas origens e seus destinos. O autor crê que nos primórdios da humanidade a literatura já existia, ainda que não comunicada na forma escrita, mas seria transmitida através da oralidade. Já estava presente ali uma linguagem pensada e organizada, tal qual o que acontecia com os mitos e lendas.

Para o autor, a literatura traria ao homem uma deformação de sua forma comum. Deformação justamente por ser proveniente sempre de um outro lugar e de um outro tempo que não o aqui e agora, trazendo elementos de lá. Seria lá um passado remoto, existente talvez nas concepções? Seria um futuro, ainda não possível de ser pensado? Ou uma outra dimensão do presente, não figurável? Lá, remete-nos a ideia de tempo e espaço infinitos. A língua falada, por sua vez, traria algo apenas de informação (Bellemin-Noël, 1978):

Da mesma maneira que o psiquismo não constituía uma espécie de bloco unitário com suas simples superposições e repartições de competências, a escritura das grandes obras não poderia ser assimilada à transmissão de uma mensagem dotada de um único sentido evidente. As palavras de todos os dias reunidas de uma certa maneira adquirem o poder de sugerir o imprevisível, o desconhecido, e os escritores são homens que, escrevendo, falam, sem o saberem, de coisas que literalmente “eles não sabem”. O poema sabe mais que o poeta. (pp. 12-13)

Com esta fala, Bellemin-Noël (1978) também nos revela que existe, de seu ponto de vista, um sentido no texto que o transcende, que seria inconsciente. Parece comunicar uma realidade outra, ou uma parte não apreendida da realidade. A crítica literária teria seu olhar justamente voltado para este ponto, este que não se encerra, mas revela uma abertura para o que excede ou falta, para o Desconhecido do texto. Aí é possível explicar também a coerência da correlação entre a literatura e a psicanálise. A primeira tem em si o que não é consciente, e a psicanálise trabalha justamente acerca do que é inconsciente. Ambas seriam possíveis leituras, que empregam uma grade de interpretação semelhante, do homem em seu dia a dia e

dentro de uma perspectiva histórica. Então, quando Freud se debruçou sobre a literatura, estava empenhado ali em apreender o humano, em ler o homem, continuando analista na medida em que se interessava pelo Inconsciente das palavras, das produções imaginárias, pelo pulsional que existia ali. Assim, mesmo que o crítico literário busque apreender o Desconhecido do texto, acercar-se indiretamente do Desconhecido do humano, aproximando-se do analista,

ler através dos óculos de Freud é ler mesmo uma obra literária – como atividade de um ser humano e como resultado desta atividade – *aquilo que ela diz sem o revelar, porque o ignora*; ler o que ela cala através do que mostra e porque mostra por *este* discurso mais do que por um outro. (Bellemin-Noël, 1978, p. 17, itálicos do autor)

Essa troca entre psicanálise e literatura pode se justificar, de acordo com Bellemin-Noël (1978), por ser favorável aos dois lados. Ao psicanalista, auxilia a melhora de seus métodos de tradução, assegurando seus postulados teóricos, confirmando sua universalidade. À literatura, pode auxiliar na promoção da liberação da verdade do discurso, transcendendo uma dimensão estética e alcançando uma maior aproximação com nós mesmos. Mas, nós poderíamos ousar dizer que o valor da literatura para a psicanálise vai além: foi o próprio Bellemin-Noël (1978) quem afirmou que se pode observar como Freud recorria à literatura com o intuito de encontrar novos modelos de comportamento que poderiam ser pensados como universais. Só não podemos saber aqui se Freud os buscava, ou se era encontrado por esses modelos, como pode ser observado em toda a gênese do Complexo de Édipo a partir da tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles (2008).

Por falar em Édipo, Bellemin-Noël (1978) discorre também sobre a relevância da interpretação de uma obra literária. Esta seria extremamente prazerosa, quase como que o adentrar no segredo do quarto proibido dos pais na infância. E é justamente à infância que se remete ao pensar-se no sentido das produções imaginárias. Elas não teriam um sentido infinito, mas um sentido atrelado e limitado às organizações arcaicas (oral, anal, fálica) e à triangulação edípica. Assim, o leitor, quando lê, também experimenta seus prazeres, afinal, pode transitar por suas próprias fantasias com maior liberdade e tranquilidade, driblando o recalque. Haveria ainda uma transferência do leitor com o texto, que mobilizaria identificações, investimentos.

O referido autor apresenta uma correlação que faz do trabalho de sonho e da obra literária. Sendo os sonhos o principal acesso ao Inconsciente, dentro da teoria freudiana, a literatura, se assim emparelhada, pode constituir uma via para se chegar ao Inconsciente. Os

sonhos de uma sessão só podem ser comunicados se verbalizados, publicados em uma narrativa oral. Um sonho recobre uma energia desejante. O trabalho de sonho está entre o desejo e a narrativa. Trata-se de um desejo indizível que é inventado pela narrativa. Um texto seria também constituído por este trabalho. E, por sua vez, constitui um discurso, não dirigido a ninguém, sem intenção prévia e sem que haja um conteúdo previamente imaginado. (Bellemin-Noël, 1978)

Foi Freud quem abriu caminho para esta compreensão do texto a partir do onírico. E, no trabalho do sonho, afirma que o Inconsciente está submetido a algumas regras de transformação. Bellemin-Noël (1978) as destaca: só se formula o que pode ser figurado; qualquer objeto pode condensar vários outros; o essencial geralmente está deslocado para uma situação acessória e pequenos detalhes podem esconder coisas importantes; a sequência de elementos oníricos passa pela elaboração secundária. Assim, como o Inconsciente nos sonhos, o Inconsciente subjacente nas obras literárias também está sujeito a essas regras, tendo por trás o desejo, o sexual, que se faz deformado para chegar à sua satisfação.

Se podemos pensar a literatura também como o jogo, com suas origens criativas no brincar infantil, trata-se de um jogo elaborado, com regras sérias e refinadas. Este refinamento nada mais seria do que o ocultamento dos traços do processo primário, submetendo-os aos processos secundários, diz-nos Bellemin-Noël (1978).

Quando produzimos ou lemos uma obra de arte, lemos primeiro a nós mesmos. Há aí uma realização de desejo, e esta é do tipo narcisista. O objeto de amor está dentro, como parte do Ego. Em um primeiro momento, quando um analista se dispunha a estudar a literatura, empreendia muitos esforços na direção do autor. Mais recentemente, porém, críticos literários com o olhar da análise tentam encontrar o Inconsciente no discurso literário. Embora possamos aqui pensar que os estudos do autor e do discurso literário não podem estar assim tão distantes um do outro, o crítico, a partir desta perspectiva, deve levar em consideração o autor transformado em texto. Ou ainda o autor como porta-voz de um texto, que encontra um caminho para ser escrito. Mas, para que possamos apreender o discurso literário realizando uma leitura com a psicanálise, é necessário não apenas o conhecimento teórico, como também o engajamento pessoal. Trata-se de um investimento inconsciente com mobilização afetiva. (Bellemin-Noël, 1978)

Podemos ler o texto como um sonho, e é o crítico quem associa sobre o texto. Seu único objetivo não é dar um novo significado ao texto, mas reconstruir uma significação. O crítico busca o novo também, é preciso estar aberto a ele. Posicionando o texto como um sonho, pode-se dizer “Assim como o sonho, segundo Freud, é o guardião do sono, poderíamos

dizer que o texto é o guardião da fantasia, que ele incorpora, anexa, manipula para fazer dela sua substância própria, arrancando-a assim da vivência do autor” (Bellemin-Noël, 1978, p. 94)

### 3.2. Novos ares

Temos outro autor de grande importância que pode nos acompanhar agora por esta expedição. Trata-se de André Green (1978). Ele apresenta algumas apreciações à aplicação da psicanálise à crítica literária. Diz ele justamente que alguns trabalhos se prenderam muito ao autor; ou, ainda, que alguns trabalhos restringiram-se na análise de sentidos possíveis, negligenciando outros, talvez fora da psicanálise; e mais: existiriam críticas ao foco não literário de análises deste tipo.

Green (1978) afirma que tais críticas viriam até mesmo de colegas psicanalistas. Daqueles que acreditam que os analistas devem se manter em seus consultórios, que psicanálise se refere à transferência e isto só se encontra em situações de análises paciente-terapeuta. Mas as coisas não seriam bem assim. Somos conduzidos pelo autor a acompanhar um analista e a compreender que um psicanalista, ainda que em outras atividades, não se despe de seu olhar analítico. E este olhar se volta a um objeto que o toca de alguma forma, e o analista põe-se a tentar entender o que se passou ali, naquela experiência emocional. Assim começaria a crítica literária, por exemplo, quando algo aconteceu entre o analista e o texto. A análise do texto vista assim só se dá depois do fato, do encontro.

Green (1978) pergunta-se sobre como seria possível analisar o texto. Compara-o com o paciente. O paciente é sujeito de uma análise contínua e progressiva. Através do discurso na sessão o paciente comunica ao analista sobre sua realidade psíquica, mais ou menos sintonizada com a realidade externa. O psicanalista comunica, ou não, o que compreende ao analisando através da interpretação. Mas o analista sabe que não poderá compreender tudo o que o paciente comunica. E, ainda que o paciente se repita, o que ele diz nunca será o mesmo. Há sempre uma progressão atravessada pelo tempo em movimento, mesmo que o paciente esteja vivendo ali uma regressão. Esta regressão, por sua vez, pode dificultar a compreensão do analista. A escuta do analista, aliás, dá-se com todo o corpo, com todos os seus sentidos, incluindo a dimensão afetiva. Mais do que ser alguém que só interpreta, Green (1978) enfatiza que o analista precisa ser alguém que tolera o caos dos pacientes, para ajudá-los a construir novos espaços ordenados. Assim, a interpretação vista sob esta perspectiva não é apenas revelação de um sentido escondido, mas é também a criação de um sentido novo que estava

ausente. Logo, o que importa na análise atualmente não é a reconstrução de uma espécie de quebra-cabeças, mas a liberação do paciente com relação ao alienante fardo que carrega, no sentido de fruir de mais criatividade.

É evidente a evolução que existe entre a psicanálise freudiana e a contemporânea, aqui representada por Green (1978). Fazemos menção agora a um aspecto citado anteriormente em Freud (1907/1996c). Trata-se da comparação realizada entre o trabalho do analista e do escritor, que nos permite entender que o analista emprega sua observação consciente a processos mentais anormais em outras pessoas para chegar à formulação do funcionamento do Inconsciente, enquanto o escritor se voltaria para o seu interior, para o seu próprio Inconsciente e para as manifestações deste. Ora, é colocado agora que o analista escuta com todo o seu corpo, com sua própria experiência emocional e então produz a interpretação. A nosso ver, correlacionando essas duas passagens, temos que a construção de uma interpretação analítica aproxima-se muito mais da construção artística do que supunha nossa vã filosofia.

Ademais, Green (1978) diz-nos que um texto não tem associações livres, ele é trabalhado e esculpido pelo escritor. O texto está posto e podemos voltar a ele repetidamente, ele não contará outra história. Tornar a lê-lo, no entanto, nunca será igual. Mas isto se aplica devido ao leitor e às suas qualidades, e não ao texto em si. Isso nos sugere que Green (1978) não conhecia Bellemin-Noël (1978) e não tinha a leitura da força potencial que carrega um texto. Vejamos mais.

Também, Green (1978) afirma que os textos sempre carregam marcas. É graças a essas marcas que algo é despertado no leitor, e, se ele é analista, uma interpretação se faz possível. Esta pode ser feita com calma, com reflexão, diferentemente do que se passa muitas vezes frente aos pacientes. A interpretação envolve um processo de deformação das intenções conscientes do sujeito. E é a si mesmo que o leitor-analista modifica ao compreender as emoções que o texto desperta nele. A interpretação não é a verdade, mas pode ser uma aproximação desta.

Com este olhar, entendemos que para Green (1978) a leitura psicanalítica de um texto não se restringe a analisar o autor, mas dirige-se a descobrir o que subjaz, os efeitos do texto provocados no leitor em potencial. Quem interpreta um texto assim torna-se mediador entre o texto escrito e o texto lido. O texto pode ser reescrito através desta leitura.

Bem, talvez Green (1978) e Bellemin-Noël (1978), embora contemporâneos, não tenham se encontrado, de fato. O crítico literário podia enxergar mais amplamente o inconsciente do texto – e como é belo seu olhar –, algo do texto que transcende, acolá; já o

analista enxergava principalmente o Inconsciente do leitor enquanto mediador das marcas do texto. Poderíamos pensar aqui no que nos sugeriu J. E. Kogan (comunicação pessoal, 18 de julho, 2016), que talvez haja um campo formado também entre escritor, texto e leitor. Este campo, similar ao campo analítico, poderia conter o Inconsciente do escritor presente no texto, o inconsciente do texto e o potencial que este carrega, e o Inconsciente do leitor, formando uma configuração própria, com dinâmica única. Assim, uma fantasia sem igual nasceria ali, fruto daquele encontro, naquele espaço, naquele tempo. A interpretação possível nasceria deste campo. Não olhamos para um sem o outro, se ambos estão no campo, há um vínculo e este tem seus desdobramentos únicos.

Green (1978) fala também em poligrafia do Inconsciente, sendo que ele se utiliza de diferentes linguagens para se expressar. Um paciente em sessão, por exemplo, utiliza-se de palavra, representação-coisa e representação-palavra, estados do corpo, atuações. Haveria um encaminhamento principal no sentido da verbalização e das frases que compõem o texto. Mas existiria algo muito primitivo, anterior às frases, portanto, fora das frases.

E, ainda que reduzida à linearidade da língua escrita, existe uma função na obra literária. Esta seria justamente a de ressuscitar essas filigranas primitivas que foram assassinadas pela língua escrita. Através da grafia, em tentativas impossíveis de expressar conexões, deparamo-nos com as deformações do processo de escrita. O Inconsciente tem seu papel aí, trancando e contendo os sentidos das palavras em frases. Mas podemos pensar isto também no sentido de que as frases podem ser continentes com relação às palavras, antes soltas. (Green, 1978)

Nesta relação, podemos notar que os afetos da escrita por vezes se fazem mais fascinantes do que afetos da vida. Tornam-se tão intensos quanto as paixões. E o prazer de interpretar se mescla ao prazer de ler e escrever. (Green, 1978)

Escrever é comunicarmo-nos com a ausência, nos diz Green (1978). O que é diferente do discurso analítico que se constrói no interjogo entre presença-ausência. Já para o leitor o escritor também está sempre ausente. Essa ausência, que implica comunicações com fantasmas, Green (1978) compara à morte, referindo-se justamente à ideia de fantasmas. A ausência seria uma morte potencial.

Green (1978) fala também de um prazer da escrita como um processo de reparação contrapondo-se aos instintos destrutivos. A tarefa de escrever pressupõe, então, de alguma forma, a ferida oriunda de uma perda, um trabalho de luto, frente ao qual escrever parece uma saída. E nada pode ser criado sem esforços dolorosos. O referido autor diz que talvez se expliquem assim as contestações do próprio escritor ao seu texto, as necessidades de sempre

reescrever, recomeçar. Sendo o texto um trabalho de luto, seu prazer estaria na ideia de que este seria um substituto à satisfação perdida. Lembramo-nos novamente da entrevista conferida por Clarice Lispector em 1977. Trata-se agora do trecho no qual ela diz que, todas as vezes em que ela termina de escrever um livro, ela morre.

Escrever, para o referido autor, localizar-se-ia entre dois silêncios, um em que surge e outro em que termina o texto. Assim, pensamos que o que o texto literário diz quando rompe com um silêncio é importante, mas há também aquilo que se escolhe não dizer, e isso é nada menos que o essencial. Trata-se de algo que não habita o texto, mas, mesmo assim, emerge dele. (Green, 1978)

Para Green (1978), escrever seria uma vitória, um triunfo com relação à perda. Existe no texto a angústia e a perda, mas não necessariamente do autor, e sim do texto em si. Está aí o submerso que emerge. Entre a angústia, a perda e o texto em si existe o Inconsciente, não apenas do autor, mas do próprio texto. O inconsciente textual está presente na articulação da temática. E é possível que questionemos o texto escrito assim como questionamos o texto da vida. Não da vida do autor, mas dos seres humanos de forma geral.

Green (1978) afirma que haveria um duplo no processo de escrita que estaria relacionado com o próprio escritor, na medida em que ele constrói um espelho no texto, construindo e refletindo uma nova imagem sua. E o escritor é também uma ausência, na medida em que emerge do silêncio e ao silêncio retornará. Ambas as características, o duplo e a ausência, são essenciais para a constituição do trabalho da escrita.

Quando pensamos em presença e ausência de uma pessoa real, parece-nos ficar mais claro o que nos diz Green (1978) sobre a ausência como marca da escrita. O efeito de presença existente nos encontros analíticos é aí suprimido, com esta importante ausência. Concordamos e acreditamos que esta é uma distinção ímpar da literatura e do momento de análise. Mas, talvez, em termos de fantasias, existiria sim alguém para quem escrevemos e alguém que escreve para nós lermos. Quem de nós nunca discutiu com um autor? Nunca imaginou reações de outrem lendo seus escritos? Caro leitor, acaso não se lembra do que nos ensinou Machado de Assis? Talvez Green (1978) não tenha se deparado com a página propositadamente deixada em branco, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (1880/1994), por exemplo.

Bem, não é à toa que este livro nos vem à mente, falamos de memórias póstumas, Assis (1880/1994) faz um chiste com a morte. Do determinado ponto de vista existe no texto uma morte, antes da primeira letra do texto e depois de seu ponto final. Existe sim um

trabalho de elaboração, de reparação. Mas acreditamos que haja também diferentes vértices de compreensão aí.

Enquanto leitores, somos atraídos por um texto. Existe uma atração inicial, seja a identificação prévia com o autor, com a capa, suas cores, com o título, sua sonoridade. Sem esta, jamais escolheríamos aquele livro, e ele permaneceria no limbo para nós. Depois do ponto final, o livro também ressoa, pois o texto nos causa estranhamento, algo em nós se modifica a partir deste encontro, e de alguma forma as personagens se fazem Brás Cubas, retornam e continuam conversando conosco, mesmo depois do ponto final. Enquanto escritores, acreditamos que não seja muito diferente, não começamos a escrever um texto a partir do nada absoluto, no encontro com a folha em branco nossas marcas, nossa história e nosso psiquismo irrompem, somos levados a conhecer lugares desconhecidos dentro de nós mesmos, mas que estavam ali, ou lá, em algum lugar, como os pensamentos que encontram os pensadores. Escrevendo produzimos também o novo, construímos novos espaços, ampliamos. Depois do ponto final acreditamos que o texto também não se encerra para quem o escreve, o estranhamento e a ampliação de um universo também existem ali, e reverberam. Brincando com as ideias de Bion (1977/ 1981), existe mais continuidade entre o pré e o pós-texto e o texto em si do que a impressionante cesura da escrita nos permite acreditar.

Por um lado, há o movimento que nos remete à ausência, nos desagrega do passado e do futuro em uma descontinuidade como se ali houvesse o desligado, o irrepresentável que nos lembra a morte. Seriam estes efeitos da visitação disruptiva do Real, como um acontecimento, no sentido abordado por Figueiredo (1993)? Ao pensarmos isso, porém, nos remetemos à posição esquizoparanoide, à necessidade de soltarmos nossa ideias, sentimentos, impressões, de nos despojarmos do conhecido, do mesmo, para buscarmos novas ordenações e também para concebermos o novo, criarmos. Trata-se de um estado de abertura ao Desconhecido. Este é o processo criativo. Atingindo esta reordenação, conseqüentemente estamos criando o novo, novas organizações que abrem portas para novas construções. Então, por outro lado, há o trabalho de elaboração, de conexão, de descoberta e criação, a chegada da posição depressiva, que nos aponta para um fruir da vida. Temos o processo criativo, que não parece se dar sem a cesura e a sua turbulência. Talvez exista, assim, uma cesura que separa um texto de seu passado e de seu futuro, tanto do ponto de vista do leitor como do escritor, no campo que ali se forma.

Continuando as ideias de Green (1978), um texto literário tem duas forças que podem ser apontadas. Uma vertical, que vem do corpo, da urgência, do que pulsa; a outra, a

horizontal, oriunda da língua, das palavras, frases, estilos. Ambas as dimensões precisam ser consideradas.

Para Green (1978), a escrita preenche um espaço no qual o problema do Real, como o próprio autor afirma, é abolido. Refere-se aí a um espaço no qual a escrita se desenrola e onde a realidade não é questionada, tanto o mundo interno como o mundo externo podem se conjugar, como em um espaço transicional. Entendemos que nesse espaço há a abertura para o Real e sua visitação, agora no sentido trazido por Trinca (2012).

Ainda de acordo com Green (1978), trata-se de um espaço solitário, porém, preenchido pela presença-ausência do objeto. A problemática da literatura nega-nos um acesso integral ao seu objeto. Existe um espaço para a literatura criada pela escrita, e os críticos literários ocupam-se desse espaço. E o lugar do analista será questionar sempre a constituição desse espaço, porque não só o que se escreve o preenche, mas seu conteúdo vai além. Existe na escrita um trabalho de elaboração da angústia e da perda, um triunfo sobre a morte. Green (1978) afirma com isso que todo trabalho de escrita é uma tragédia, na medida em que se possibilita extrair prazer da dor.

Mélega (2010) associa a palavra escrita à visão, enquanto a palavra falada estaria associada à audição. E, entre o abrir e o fechar dos olhos, desenhar-se-ia a vida. A morte estaria nos olhos fechados. O olhar é um sentido imperativo que transpassa limites. Mas o olhar busca não mais do que um espelho, com este, uma identidade.

Mélega (2001) também irá falar da escrita, mas de um gênero específico, a poesia. Apresenta a poesia como uma captura e a transformação de estados emocionais em significados, símbolos. Seria uma apreensão do sensorial, expressa por meio da linguagem artística, que transcende a linguagem convencional. Em sua correlação entre a criatividade poética e a psicanálise, Mélega (2001) faz uma incursão pela vida, obra e ideias do poeta italiano Eugenio Montale. Algo que ela nos transmite desta incursão vale a pena ser citado aqui:

A vida é um *continuun*, a palavra é um arbitrário corte naquele momento, e tudo o que conseguimos é fala de um fóssil, de um momento que já passou. Em outros termos, a palavra, para exprimir a vida, tem que matá-la, reduzi-la a objeto inorgânico. E, como a palavra é o único ato da nossa consciência, nunca poderemos ter a consciência da vida em sua autenticidade, apenas um simulacro. (Mélega, 2001, p. 44, itálico da autora)

Com esta forte citação, podemos apreender a ideia transmitida por Mélega (2001), de que a vida é eterna, infinita em suas possibilidades, mas o homem é finito, atravessado pelo

tempo entre seu nascimento e sua morte. E convive paradoxalmente em um estado de ser, do que ele é de fato, de um vir a ser, seu potencial. Imerso em sua realidade inefável, armazena precariamente através da memória e de palavras o pulsar da vida. A arte se presta aí para evitar que o homem se perca nestes paradoxos infinitos que compõem a vida. Mas a escrita utiliza-se primeiramente de palavras, do discurso lógico, o que levaria a um paradoxo apresentado pela autora, mata o sentido inefável da vida (porque o aprisiona), ao mesmo tempo em que preserva algo desse sentido para o homem (porque o contém).

Para uma apreensão e tentativa de representação do Real, o poeta teria de se isolar, deixar fluir algo interno, sem controle, que possa emergir livremente, não por vontade, não pela razão. Trata-se de um encontro com uma “fantasia criadora”. Depois, num segundo momento, seria realizado um trabalho sobre o que ali surgiu. Aí então é hora de se empregar a razão. Ora, Mélega (2001) compara este movimento justamente ao trabalho dos sonhos.

Logo, com esta trajetória podemos ver como todos os autores aqui citados, que se debruçam sobre o encontro da psicanálise e da literatura, colocam a escrita artística em um paralelo com os sonhos. Seja por suas fontes, por seu processo de criação, por sua função. Vimos em Freud (1908/1996d) a ideia de que a escrita supera as barreiras da mente; esta seria uma função dos sonhos. À barreira que existe entre os estados consciente e inconsciente, Bion (1962/1991) chama barreira-de-contato. Veremos melhor em um capítulo adiante como se dá esse processo.

As obras literárias, se assim colocadas, teriam, tal qual nos sonhos, um aspecto fluido, de livre trânsito entre consciente e Inconsciente. O trabalho de escrita requer o exercício da função- $\alpha$ , de apreender o sensorial e tentar representá-lo, por meio de palavras, mas em uma articulação que as palavras possam ser contidas, assim como a vida que elas intentam transmitir. Destarte, em um trabalho laborioso, a escrita pode ser também uma ferramenta de apreensão do Real e de aproximação de sua visitação. Neste sentido, o trabalho de escrita é também o exercício da criação de algo novo. Com isto e com a possibilidade de ampliação, abrindo as portas para construções inéditas, temos a literatura nos levando ao encontro com o Desconhecido. Isto nos mostra o quão útil nos poderá ser esta ferramenta.

## 4. ADENTRANDO NOS MARES DO DESCONHECIDO

### 4.1. Errantes e estrangeiros

Chegamos a um ponto interessante de nossa jornada. Já nos situamos, nos alinhamos, tomamos nossa nau e nossa bússola. Agora, precisamos falar sobre o Desconhecido em psicanálise, lançar um pouco mais de luz sobre estes mares sombrios, com o auxílio dos que por aqui já passaram. Novamente, é importante dizer, não temos o propósito de definir o Desconhecido, esta tarefa não cabe aqui. O que faremos agora, pensamos, assemelha-se ao que faz o marinheiro quando se lançando a mares para ele inéditos: para e ouve histórias de outros marinheiros mais experientes. Essas servirão para sabermos ao que nos atentar, para conhecermos um pouco sobre as belezas e perigos que podemos encontrar. Ainda que cada viagem seja inédita, que as águas que navegaremos não sejam as mesmas que outros navegaram e que, assim, teremos nossa própria e única experiência, com as palavras dos companheiros podemos vislumbrar o que temos pela frente.

Palavras que tecem teorias, profetizando mares possíveis a serem navegados, mares que sonhamos encontrar também em nossa jornada. Essa ideia de carregarmos na bagagem teorias estruturadas por colegas mais experientes soa como o bom objeto que precisamos levar dentro de nós a cada jornada pelo Desconhecido. Frente ao terror do não saber e da falta de controle pelo que podemos encontrar, fazemos ideia de que o que nos encoraja a navegar é a ilusão (como diriam os winnicottianos) de que seremos nós a criar esses mares e que estes serão bons, calmos, prósperos, com bons ventos.

Assim também nos fala Clarice, não a escritora por profissão, mas a atriz Clarice Niskier (2011). Ela nos ensina que é o amor que nos impele a enfrentar os medos e a explorar o Desconhecido. É uma atenção amorosa que, se bem cultivada e guardada dentro de nós, pode conferir um pouco de segurança nesta jornada. É assim que ela se refere carinhosamente à sua relação de 20 anos com sua analista e ao seu encerramento. Pensamos novamente no objeto bom da teoria kleiniana.

E é assim também que podemos entender o que Tucherman (2014) fala sobre o misterioso. Ela fala não apenas de uma aversão a este, mas de uma importante atração pelo Desconhecido. Ela nos diz que, de fato, é essa atração que nos move, que nos retira de um lugar-comum deixando a vida fluir livremente e permitindo evoluções. Isto, para a autora, seria vital. Talvez seja o que Niskier (2011) disse sobre mover moinhos na vida.

Tucherman (2014) lembra que, entre as ideias de Bion, está presente a proposta de deixar de lado tudo o que é conhecido e nos lançarmos justamente ao que não conhecemos; nós diríamos que ao turbulento e misterioso Desconhecido. Mas, para isso, diz-nos a autora que é preciso liberdade, esta garantiria certa disponibilidade para o mistério.

Pensemos aqui em um processo evolutivo, vejamos. O bebê quando nasce necessita de tudo, mas não faz a menor ideia de que tudo de que ele necessita é externo a ele, de que entre o ambiente e ele existe um “entre”. O mundo para ele é extremamente desconhecido, suas sensações são todas muito novas, tudo é inédito. Aos poucos, se ele tem bons cuidadores, se está em um ambiente favorável, uma rotina vai se construindo, ele se insere em um cotidiano e, embora ainda tenha milhares de novidades que lhe aconteçam (o que não cessa ao longo da vida), imagina-se que ele vai ampliando as condições para lidar com essas novidades, para assimilá-las. Essas condições não se fazem do nada. Supomos que seu mundo interno vai se organizando através de um processo evolutivo, mas precisa também da relação com um outro, alguém que auxilie o bebê no processo de metabolização desse novo, alguém que introduza e traduza o mundo para o bebê, que o auxilie a metabolizar, a tornar o mundo palatável, como através da *rêverie* materna, de Bion (1962/1966).

Mas, embora esse processo seja extremamente importante, todos sabemos que o bebê muito pequeno não tem consciência desse outro, tem necessidades, mas não percebe o outro como separado de si. Acreditamos com bases em observações empíricas que é possível que muitas pessoas já adultas ainda não tenham essa consciência plenamente formada, ou, em determinados momentos por vicissitudes da vida, regridem, e é como se a esquecessem. Assim, vemos pessoas, de variadas idades, que vivem determinadas experiências como se o mundo e elas fossem um só, dentro do mimetismo citado no artigo de Tucherman (2014). Talvez aí, sem esta distinção, é como se não existisse um espaço suficiente que permita ir adiante, que instigue a busca pelo diferente, para que se saia desta unidade. Não pode haver uma busca pelo Desconhecido, não pode haver também expansão, crescimento. Fazendo este raciocínio, parece que chegamos a um ponto muito importante aqui.

Uma maneira de se pensar o Desconhecido é poder pensar sobre o reconhecimento do outro, da alteridade, uma parte que em um vínculo será sempre uma incógnita. Existe alguma coisa do outro que nós nunca poderemos apreender. Isto nos será sempre Desconhecido. E é como se esse reconhecimento tivesse certo aspecto especular. Enquanto reconhecemos o outro como estranho a nós, algo em nós também vai se revelando Desconhecido, como se um estrangeiro nos habitasse. Esta percepção parece ser simultânea. Dar-mo-nos conta desse

estrangeiro no outro e em nós deixa em aberto um espaço, um espaço de trânsito e de expansão.

Voltemos a pensar no bebê, talvez fique mais fácil desenvolvermos nosso pensamento seguindo modelos clássicos, como este. Franco Filho (2006) nos disse: “Parodiando o escritor bíblico no *Gênesis*, poderíamos falar psicanaliticamente assim: . . . no princípio era o Id” (p. 6). Era o caos, de maneira semelhante à que pensamos a gênese do universo, podemos pensar nossa psicogênese. Foi preciso um processo evolutivo para que saíssemos da indiferenciação, das pulsões descontroladas, até atingirmos uma regularidade, algo que tivesse harmonia e pudéssemos chegar a chamar de estrutura. Então temos, além do Id, o Ego e o Superego, a princípio tão primitivos, mas que tendem a se refinar, a evoluir, aos poucos podendo auxiliar na afinação da orquestra.

Uma maneira inicial e muito importante de lidarmos com tudo o que o mundo apresenta, com a enxurrada de Desconhecidos que invade a partir de fora e de dentro, é cindir. Assim como a biologia observou processos de defesa por bipartição, quando estamos frente a um grande perigo, um recurso muito primitivo adotado por nossa mente é também dividir-se em partes. Klein (1935/1996), e em muitos momentos de sua obra, mostra-nos como cindimos fantasiosamente o mundo como se este tivesse duas partes, uma boa e outra má. Porque assim, dividindo o mundo, podemos manter uma importante ilusão, a de segurança.

Acontece que, se as boas experiências podem suplantar as más se nos acostumamos com as novidades, com as variações da vida, nossas necessidades são satisfeitas, vamos percebendo que não fomos destruídos, que sobrevivemos e o nosso bom objeto também, o mau já não nos parece tão mau assim. O perigo diminui e podemos ir aos poucos ficando mais tranquilos. A distância entre o mau e o bom vai declinando, afinal, não é preciso que os mantenhamos tão afastados. E, de repente, nos damos conta: o objeto bom e o objeto mau, ambos são os mesmos. E isso é surpreendente, é revolucionário, muda tudo.

E podemos começar a perceber aos poucos que não conhecíamos o bom tão bem assim, tampouco o mau. Podemos perceber que ambos existem lá fora e também dentro de nós, e que nós não os controlamos como gostaríamos. Isso pode ser também assustador. Os ataques feitos, fomos nós, atacamos o que era bom, e se ele não voltar a culpa pode ser nossa. Somos maus também, e desconhecíamos.

Bem, assim chegamos ao estranho no outro e também em nós mesmos. E não é somente o mau que nos habita que nos era desconhecido. Mas vamos ampliando e percebendo uma infinidade de sensações, sentimentos, pensamentos e ações que nos são inesperados, incompreensíveis, que tantas vezes se apresentam como imutáveis, repetindo-se ou não, mas

nos escapando à compreensão consciente e ao controle. Uma espécie de Desconhecido que estará aqui para sempre, que nos acompanhará por toda a vida. E foi Freud quem nos apresentou a essa parte de nós mesmos. Sim, muito interessante a tradução do termo inconsciente utilizada por Sandler (2008), que vem do alemão, *unbewußt*, que quer dizer não conhecido, ou desconhecido.

Tão intrigante é pensarmos e admitirmos a existência de um universo absolutamente desconhecido dentro de nós. Freud fez esta descoberta e causou uma grande ferida narcísica na humanidade. Justamente em um momento em que a comunidade científica se preocupava tanto com o controle e com as medidas, vem a psicanálise e anuncia que, apesar das tentativas, apesar dos métodos todos criados por ela e, porque não dizer, pela psicologia de forma geral, existe algo que jamais será conhecido, algo que nunca poderemos apreender, está lá, no “umbigo dos sonhos” (Freud, 1900/1996a), por exemplo. E é fantástico como ainda hoje, nos consultórios, cada paciente, seja leigo ou não, assombra-se e se dói ao se aproximar da existência do incognoscível dentro de si.

Trinca (2015) fala-nos também sobre o Desconhecido presente na ideia do umbigo dos sonhos. É como se Freud (1900/1996a) apresentasse a distinção entre o Inconsciente que pode se tornar conhecido e aquele que é insondável, sempre Desconhecido. O umbigo dos sonhos faria mesmo uma referência ao que não cessa de não se conhecer. Seria um ponto inacessível, mesmo às traduções dadas pelas interpretações. E, através deste ponto inefável presente nos sonhos, circularia o desejo, aquele que impõe movimento ao aparelho psíquico, abrindo possibilidades para reinvestimento, figuração e realização.

#### **4.2. Encontros construídos**

Philips (1997) afirma que o trabalho do analista se dá justamente com o Desconhecido, referindo-se à relação do paciente consigo mesmo, ao Real Desconhecido.

Castelo Filho (2009) diz que os pacientes buscam a análise com fortes crenças sobre si mesmos, seu entorno, sua história, tal qual Édipo acreditava veementemente saber quem era. Mas é no momento do encontro analítico, verificando as experiências emocionais que se passam no aqui e agora da sessão, que se pode ter acesso à verdade sobre o analisando. E, caso o analista fique preso aos relatos do paciente, é possível que se percam do que de fato estão vivendo ali.

O referido autor continua a pensar no trabalho analítico frente ao que não se conhece utilizando-se do mito de Édipo. Castelo Filho (2009) afirma que os pacientes buscam soluções

para seus problemas, tal qual a esfinge que, sedenta por uma resposta, chegou ao fim de sua existência ao consegui-la. Assim, também as teorias podem dar ao analista a ilusão de poder acabar com os monstros que assombram os pacientes, como Édipo achava ter feito com Tebas.

O mais válido, pois, é que o analista auxilie os pacientes a suportarem a dúvida e a provação, a tolerarem a ausência de respostas, diz-nos Castelo Filho (2009). Isto fica claro continuando com as reflexões acerca do mito, no qual Édipo tinha todos os elementos à sua disposição para desvendar seu enigma, mas ele não podia ver. O autor pensa, a partir daí, como um processo de análise não trata apenas de tornar consciente o Inconsciente, revelando os elementos antes ocultos, mas de chegar ao que nunca antes pôde ser visto, de possibilitar que se pense no impensável. Podemos citar o texto diretamente:

Em psicanálise, o que importa não é aquilo que acreditamos saber, mas sim aquilo que ignoramos por completo. O vértice precisa ser o desconhecido, para que não fiquemos como Édipo cegos por aquilo que acreditamos sejam os fatos, ou com nossas capacidades destroçadas, como a esfinge, porque acreditamos ter as respostas e as explicações para os enigmas que nos são apresentados. (Castelo Filho, 2009, p. 263)

Sanches (2014) concorda com esta perspectiva e traz que o analista não é alguém escavando um passado e remontando fragmentos, mas, como um artista, irá junto com o paciente desenrolar narrativas a partir do discurso do mundo interno, desenvolver personagens, criar, possibilitando transformações. Existe sempre algo bruto, cru, nas experiências emocionais, que precisa ser percebido, vivenciado e então nomeado, mas não de maneira apressada, para que a verdade emocional não seja obstruída.

Fala, assim, de construções. Estas se referem a um Inconsciente dinâmico e inacabado, em constante formação. Esta criação baseia-se na verdade. O projeto de construção é desconhecido, convoca a participação mais ativa do analista. A relação paciente-analista permite a criação de algo inédito, de construções psíquicas que até então não existiam. Isto a partir da ideia de que existe um campo, uma área intermediária, que não é nem do analista nem do paciente, e é do analista e do paciente. Assim, é produto dos dois, contém as identificações projetivas de ambos e as produções oníricas do par. Trata-se de elementos compartilhados que corroboram para as transformações. Os elementos criados pela dupla compõem uma narrativa com potencial para o desenvolvimento, a ser criada. (Sanches, 2014)

Mas para isso é preciso estarmos abertos ao que não sabemos. Favilli (2014) escreve em consonância com esta ideia. Para ela também a busca da psicanálise é semelhante ao que

interessava aos desbravadores dos mares, quer dizer, o que há de ser descoberto. A autora compara os pacientes buscando sua análise com os navegantes ao deixarem seus portos, imaginando a bonança do novo mundo. Novamente a ilusão, a capacidade de criar uma realidade, ainda que paradoxalmente ela já exista. A teoria auxilia neste processo, mas é importante estarmos abertos para um novo que tende a aparecer, pertencente a cada individualidade.

Favilli (2014) afirma que a tarefa de pesquisa na situação analítica “ . . . é levar alguém ao encontro de seu eu desconhecido. (p. 115). E para isso é preciso que vivamos o que a autora coloca como uma realidade virtual, um espaço de ilusão, diferente do que se vive na vida cotidiana. Segundo ela, algo que transcenderia a teoria da transferência e da contratransferência acontece nas sessões, possibilitando que esse novo se crie a partir do encontro entre analisando e analista.

É preciso que tenhamos em mente aí também que o analista, navegando por mares estranhos e desconhecidos com seu paciente, está implicado no processo. Há sempre algo de seu nessa jornada. Assim sendo, é importante que o analista conheça suficientemente a si mesmo, que tenha vivido a experiência de psicanálise também como paciente (Favilli, 2014).

Esta é uma instrução generalizada e de extrema importância, pois o analista também precisa tolerar as angústias frente ao Desconhecido. E mais, ele é peça importante em lançar-se aos mares escuros, a coragem é necessária ao analista, bem como uma espécie de crença no bom. Não que existam garantias nesse terreno, mas uma boa análise é imprescindível para tal tarefa.

Charles (2002) fala desde o lugar de analista sobre cada novo encontro com novos pacientes e como se está continuamente trabalhando nos enigmas destes através de seus próprios. Em um processo de análise encontramos-nos com aquilo que nos é familiar, recorrentemente. Por determinado vértice, poderíamos pensar que, a cada vez em que nos deparamos com partes nossas ali no contato com um paciente, estamos andando em círculos dentro de nós mesmos. Mas, se adotamos outra perspectiva, é possível observarmos como este percurso tem, na verdade, a forma de uma espiral. Então, quando passamos por um ponto não estamos mais no mesmo lugar, estamos em algum nível diferente, novo e Desconhecido. E nosso trabalho permite percorrer esse caminho porque a comunicação mais importante em análise se dá de Inconsciente para Inconsciente. É a partir dessa área que podemos acessar fatos de nossa própria experiência em nosso trabalho, de maneira mais simétrica e com maior apreensão do sentido que se passa na sessão, em vez de pensarmos sobre eles em um modo

racional. Com isso, auxiliamos não apenas nossos pacientes a irem à busca das verdades deles, mas expandimos também nosso contato com as nossas próprias.

Cabe aqui voltarmos a Favilli (2014). Ela nos diz que as teorias podem servir como bússolas aos analistas, mas, ao utilizá-las, eles não podem deixar de lado o sentimento vivo de seus analisandos, que muitas vezes não cabe em conceitos abstratos e racionais. Para que o analista possa fazer uso da teoria desta maneira proposta é importante que encontre sua própria maneira de trabalhar e, para isso, precisa passar por experiências muito pessoais e encontrar seu próprio jeito de interpretar. E isso não pode ser ensinado, trata-se de um trajeto individual. Como Favilli (2014) nos diz:

Descobrir um novo caminho para as Índias, e retornar ao ponto de partida, implica atravessar um continente novo, um perturbador mundo novo que não poderá, nunca mais, ser ignorado. O analista já encontrou este caminho? Sua única possibilidade é atestar, em si mesmo, a veracidade de um conhecimento que não permite o próprio naufrágio. (p. 118)

Neste excerto aparece clara a ideia da autora supracitada de como o trabalho de análise implica uma viagem rumo a mares desconhecidos também por parte do analista. A pessoa do analista e a análise pessoal são muito importantes para a construção de uma identidade psicanalítica.

Isto é o que também nos conta Franco Filho (2008). Para ele, o principal instrumento de trabalho do analista é a sua personalidade. É desta e de sua organização que vem a disponibilidade, a sensibilidade para o contato com o analisando e com o Desconhecido, com o não sabido. O autor defende aí a importância de uma formação analítica que ajude não apenas organizar conceitos, mas que propicie importantes experiências emocionais. Dois tipos de espaços seriam importantes para ele: um deles seria de uma instituição, organizada para este fim, onde se encontrariam seminários, supervisões e produção textual, que funcionaria como um *setting* para o analista em formação. O outro seria um espaço interior onde se desenrola a análise pessoal, e é esta de extrema importância, pois imprime sentido ao que acontece no primeiro espaço.

Nesse processo, um espaço precisa ser permeável ao outro. Mas, acima de tudo, diz Franco Filho (2008), é preciso estar sempre alinhado com um amor à verdade<sup>3</sup>, e aqui se refere à verdade enquanto realidade psíquica. Diz ele: “Ao analista interessa como Verdade a

---

<sup>3</sup> Verdade aqui aparece com letra minúscula, embora o referido autor em seu texto original usa a grafia com a letra “v” inicial maiúscula, como na citação que segue.

existência de uma Realidade Psíquica imaterial, incomensurável, desconhecida, inacessível aos sentidos, a qual compõe o núcleo inconsciente de nossa personalidade” (p. 253).

Temos então em nossa busca pelo Desconhecido um encontro com a verdade. E acessar essa realidade, diz Franco Filho (2008), implica a difícil tarefa de superar os sentidos usualmente utilizados e captar as transformações que possam orientar o trabalho para o que realmente está sendo vivenciado pela dupla. O método psicanalítico, assim, será utilizado aí para auxiliar o analista a entrar em contato, na medida do possível, com a realidade psíquica.

Junqueira Filho (2008) também nos fala sobre a necessidade de diminuirmos a luz de nossos sentidos para apreendermos a realidade sensível, não nos deixando ludibriar pelo óbvio, pelo manifesto. Em seu estudo que aproxima o escritor Beckett de Bion, é para esse lugar que nos conduz, e afirma:

Tanto Bion quanto Beckett potencializam suas visões de mundo a partir de indagações existenciais essenciais: “Como pensar o impensável, como nomear o inominável, como conhecer o incognoscível (O “nada” ou 0)?”. Suas formulações argutas nos ensinam que o existir é indissociável do inexistir, que a coisa implica na não-coisa, que a positividade emerge da negatividade. (Junqueira Filho, 2008, p. 115)

### **4.3. O sensível alcance do inapreensível**

Pensemos nas recém-descobertas ondas gravitacionais. Antes, quando os físicos estudavam certas partes do universo, como os buracos negros, não podiam explorá-los ou dimensioná-los melhor, posto que a luz era sua única auxiliar nas observações do universo. Com a nova descoberta, agora eles podem ter acesso a essas partes desprovidas de luz. Dizem tratar-se de uma revolução, pois o que era imaginado poderá ser conhecido. Imaginemos a quanto se terá acesso e, ao mesmo tempo, o quanto ainda não se conhece e não se conhecerá mesmo com essa nova ferramenta em mãos.

A mente humana pode ser pensada como um microcosmo. A luz da consciência não atinge todo o Real. É preciso mudar de ferramentas, ouvir, cheirar, sentir para tentarmos uma expansão dessa compreensão. Mesmo assim, estamos lidando com um universo ilimitado de possibilidades e existências, incognoscível em sua totalidade!

E essa exclamação nos faz lembrar Sandler (2008). Em seu estudo sobre as associações livres, ele nos fala sobre a linguagem. Traz a ideia de que esta não foi desenvolvida para expressar sentimentos, emoções. A linguagem até pode ser empregada para

elucidar a verdade (no mesmo sentido de Franco Filho, 2008), mas para isso é necessário transcender as palavras com o talento de quem procura pela verdade. Ainda que o autor coloque os cientistas, poetas e prosadores na categoria dos talentosos, expressa como esta tarefa parece impossível em sua completude. Afinal, existiria uma parte da mente, da realidade psíquica, que não parece passível de ser conhecida, é inefável. Aí está também parte do Desconhecido anunciado por Sandler (2008). Os artistas, como os poetas e os prosadores, estariam para ele mais próximos desta tarefa, visto que alcançam sofisticados símbolos através da elaboração artística.

Botella e Botella (2005), ao falar sobre percepção, apresentam algo de kantiano que está presente também em Bion (1963/1966), e dizem-nos que a única maneira de conhecermos um objeto, seja ele interno ou externo, é através de suas emanções. Trata-se de qualidades sensíveis e perceptíveis que podem ser representadas. E ele diz que as representações são diferentes do objeto em si.

Parsons (1999) explica muito bem essa diferença, dizendo que as representações são o que nos permite processar experiências e, justamente, separá-las da coisa em si. E isto é muito importante, pois são as representações que irão compor a realidade psíquica.

Então, Botella e Botella (2005) entendem que existe inevitavelmente uma parte da mente que é incognoscível. Para eles, esta parte se origina da limitação da percepção, que depende dos órgãos dos sentidos, e também das limitações do pensamento. Eles explicam este último como sendo no início desprovido de qualidades da consciência, precisando adquirir representação-palavra para adquirir tal qualidade. Assim, para o pensamento poder tornar-se consciente, precisa se submeter aos órgãos dos sentidos e às qualidades perceptuais. Neste processo, o incognoscível é perpetuado. O autor afirma que o que pode ser representado é ínfimo se comparado ao incognoscível.

E aqui Botella e Botella (2005) estão falando de características do objeto, mas podemos pensar, em como nos fala a psicanálise, de um incognoscível enquanto realidade última, transcendente.

Trinca (2014) fala da experiência de assombro que se experimenta diante do Desconhecido, seja ele parte do macro ou do microcosmo. E é este Desconhecido que traz significação à vida. Para isso é necessário estar em um estado de abertura, sem julgamentos ou concepções prévias. O autor refere-se ao O, de Bion (1973), como sendo o incognoscível jamais alcançável pela mente humana, em processo de vir a ser que nunca se concretiza. E tudo traria uma marca do Desconhecido.

Diz Trinca (2014):

Tudo o que existe está assinalado por pertencimento a um fundo remoto, que nos escapa. Por mais que se o adentre, parece ser inesgotável; por mais que se o penetre, parece ser infinito. Recebemos apenas emanções de um fluxo permanente, originário de natureza prodigiosa, da vida imensurável e do Universo inabarcável. Contudo, se a palavra desconhecido nos soar demasiadamente negativa, poderemos pensar num fundo invisível, no qual as coisas habitam sem a interferência da concepção humana. (p. 134)

Assim, Trinca (2014) aborda a ideia bioniana de realidade última, de verdade absoluta, que está presente em tudo a todo o momento, mas que não pode ser totalmente apreendida. É a partir de suas emanções que podemos construir nosso conhecimento. Mas trata-se apenas de registros incompletos da realidade.

A tarefa do analista frente a isso seria a de penetrar na profundidade da mente. E isso quer dizer conhecer as emanções do incognoscível, as evoluções de O. Para isso, é importante a disciplina, sem memória, sem desejo e sem compreensão, proposta por Bion. É necessário que se afine a intuição, afastando-se da sensorialidade excessiva e de angústias que interferem sobre o *self*. Isso quer dizer, segundo o autor, que é preciso ter uma forte noção de nós mesmos, para podermos adentrar nas profundezas obscuras da existência (Trinca, 2014).

Trinca (2014) coloca-nos que os fatos representam O, são efeitos de preconcepções cuja realização corresponde apenas a uma de suas infinitas possibilidades de transformações.

Temos aqui o que Trinca (2014) nos diz:

Esse modelo pressupõe que toda aproximação ao assombroso desconhecido leve em conta a capacidade de cegar-se ao conhecido, deixando que o desconhecido tenha a oportunidade de se apresentar à mente, sem excessivas saturações sensoriais e sem outras formas de falseamento e de obscurecimento dos fatos. Nessas condições, a relação com os fatos, relativamente livre de obstáculos, encontra melhores condições de vingar, sob um horizonte mais abrangente. O que se apresenta pode assumir possibilidades insuspeitadas e vive sua vida em nós, porque somos continentes de realização do fundo invisível, que se torna visível. (p. 137)

Esta ideia origina-se nas ideias de Bion, mas parece ser preciso percorrer um caminho em sua obra e observar como o Desconhecido toma diferentes roupagens para se chegar a este ponto.

## 5. GÊNESIS

A ideia de um trabalho acerca do Desconhecido, aqui proposta, teve como raízes a leitura de textos de Bion, de autores nele inspirados, e em alguns de seus pressupostos teóricos, tão necessários para a prática da clínica psicanalítica. Contudo, não cabe aqui investigar toda a obra do autor, vasta e profunda como é, o que iria requerer por si só um trabalho único. É necessário tomarmos o Desconhecido como vértice para empreendermos esta nossa exploração.

Aproveitemos algo de Sandler (2005). Em seu trabalho para elucidar a linguagem de Bion, estruturou um dicionário, no qual aparecem os termos conjugados: “Incognoscível, desconhecido” (p. 833, tradução nossa). Pensemos no Desconhecido.

Nesse, Sandler (2005) afirma que Bion se inspirou em Freud (1900/1996a) para a vasta utilização do termo Desconhecido em sua obra. Especifica a relevância de uma passagem na qual apresenta a natureza do Inconsciente, o reino do Id, como sendo desconhecidos em sua essência. A própria palavra Inconsciente, recorda aqui também Sandler (2005), é tradução da palavra alemã *unbewußt*, que quer dizer não conhecido, ou desconhecido, como já mencionado.

Estas ideias revelariam uma raiz kantiana de Freud, que tem continuidade em Bion. Mas em Bion essa influência é certamente mais explícita, estando presente desde a noção de uma preconcepção inata, até a ideia do numinoso, por exemplo, como veremos adiante. (Sandler, 2005)

Sandler (2005) afirma que o emprego do termo Desconhecido por Bion relaciona-se à utilização do Inconsciente para Freud, e que a psicanálise foi, desde o seu início, uma investigação cuidadosa para dentro do Desconhecido.

E esta, afirma Sandler (2005), só pode ser realizada utilizando-nos do Inconsciente, de ferramentas analíticas e intuitivas. Por parte do paciente, temos as associações-livres e os sonhos, que evoluem desde o Desconhecido. Por parte do analista, temos a atenção flutuante, sua capacidade de sonhar e de intuir, ou ainda, de brincar. E tudo isso emana do Desconhecido no momento decisivo do aqui e agora da sessão.

Para Sandler (2005), ainda, o conceito bioniano de O, que representa o reino numinoso, o Desconhecido, a realidade última, teria resgatado a descoberta freudiana da psicanálise. A ideia de realidade última refere-se ao fato de que a realidade não se deixa conhecer, mas se deixa perceber, usar. A realidade demanda ser intuída. Esquivarmo-nos de

vivenciar o Desconhecido é uma pretensão ao conhecimento e nega os passos necessários rumo ao verdadeiro conhecer.

Poderíamos acrescentar aqui, de acordo com o que viemos desenvolvendo, que a realidade demanda também ser construída? Acreditamos que, a partir do que se revela, do que se intui, portas são abertas para que o novo possa também nascer.

Vejam como em vários momentos de Bion, que serão aqui mencionados, estas ideias acerca de um Desconhecido estão presentes, e como podemos nos aproximar do Desconhecido. Quando pensamos na teoria de Bion, vem-nos à mente a ideia de uma teoria do conhecimento, que, sintetizando o que nos diz Zimerman (2008a), trata-se de um vínculo entre o pensamento e as emoções. Bion foi extremamente criativo e se permitiu receber suas influências de Freud e de Klein e inovar. Ele desenvolveu seu trabalho em torno da mente primitiva e teve importantes estudos sobre como se desenvolve o que ele chama de um aparelho para pensar. Chegou a inovações teóricas, técnicas, inovou a maneira de pensarmos a situação analítica e o próprio Inconsciente.

E não é fácil acompanharmos as ideias do autor. Ler Bion é muito complicado, muitas vezes nos perguntamos como seria culto e inteligente o leitor imaginário de Bion, ficamos para trás em tantos momentos. Precisaremos ainda retornar muitas vezes às suas obras e buscar suas influências para podermos mergulhar mais fundo em suas águas. Ah, sim, Bion vai até as profundezas. Mas, considerando-nos mergulhadores iniciantes, vejamos até onde podemos chegar aqui, juntos.

### **5.1. Para uma mente, outra mente**

Acreditamos que para compreendermos estas ideias é muito rico utilizarmos-nos de metáforas, ou, como o próprio Bion chamava, modelos. Pensemos no nascimento de um bebê e em sua difícil trajetória até a constituição de sua mente.

Podemos aqui voltar algum tempo antes, na verdade, para a pré-história da humanidade, quando um bebê humano precisou de incontáveis evoluções, assim como seu grupo precisou criar tantos e tantos arranjos a favor da sobrevivência. Chuster et al. (2014) contam-nos esta história ao nos ensinar sobre o conceito de preconcepção, de Bion (1963/1966). O termo preconcepção pode ser conhecido pelo símbolo  $\Psi(\xi)$ , onde  $\Psi$  carrega a marca do inato e  $\xi$  refere-se à variável possibilidade do aprender com a experiência. As memórias inatas precisaram diminuir cada vez mais ao longo dos tempos, abrindo a possibilidade aos novos aprendizados. O bebê humano precisou nascer cada vez mais imaturo

e dependente de seu meio para que pudesse se adaptar às diversas situações envolvendo intempéries climáticas, geográficas e de riscos de predadores. Muitas das memórias passaram a ser transmitidas socialmente e como marca da cultura.

Na ideia de preconceção existe, pois, a ideia de uma memória maior que vai além do individual, engloba a evolução biológica e a dimensão antropológica e situa o humano entre o passado e um possível futuro, um há de vir esperado para a sobrevivência. Tudo isto está em  $\Psi$ , que, a partir da concepção, conjuga-se com as vivências de  $\xi$ , produzindo uma experiência única de ser humano, ligada a uma dimensão maior.

O Desconhecido parece atravessar a ideia de preconceção tanto no sentido de  $\xi$ , como o novo a ser construído nas experiências vivenciadas; como também em  $\Psi$ , no que parece conter uma ideia de transcendente e inapreensível em sua totalidade.

Agora, ao pensarmos na geração de um bebê humano, poderíamos dizer aqui que é imprescindível a junção de dois universos, o do pai e o da mãe. Porém, o atravessamento do natural pelas tecnologias e pela ciência é tamanho, que não podemos mais ser categóricos neste sentido. Além do que, mudanças sociais e nas configurações familiares nos impõem a necessidade de pensarmos em novos arranjos. Nem sempre há um pai e uma mãe, mas, por hora, há o encontro de um óvulo e de um espermatozoide, que pode ser facilitado, induzido, ou não. Há uma mônada que se forma dentro do útero e vai se desenvolvendo até poder ser um bebê ali. Neste processo essa vida gestada passa por constantes modificações e recebe influências do ambiente através da mãe. Ainda que não possamos rememorar o que se passava ali, sabemos que o bebê não ficou livre de marcas. Nasce, então, com marcas ancestrais e pré-natais um novo ser.

Esse nascimento não é romântico como pode parecer. O útero, tenha as qualidades que tiver, será um modelo inicial de continente. E o bebê quase a termo, mesmo no útero, já pode captar oscilações de temperatura, pressão, ruídos, assim como pode ter sentimentos primitivos, como medo, ódio e afetos desta ordem, ainda não metabolizáveis, haja vista a ausência de uma mente, é o que nos dizem Bianchedi et al. (1999). Estes são estados protomentais, de uma mente primitiva com o funcionamento que aparece na teoria bioniana como o funcionamento das partes psicóticas da personalidade.

Aliás, este é um grande avanço de Bion (1957/1994c), que passa a perceber a existência de partes psicóticas em todos nós. Esta ideia implica a existência de um contato com a realidade, ainda que pequeno, mesmo nos pacientes ditos psicóticos, enxergando o afastamento da realidade como uma fantasia, produto de excessivas identificações projetivas,

tendo ofuscada a parte não-psicótica da mente. Aborda também a grande destrutividade que vai se aproximando mais de um funcionamento psicótico, dirigida ao próprio ego, aos elos entre os pensamentos, ao que poderia ser simbólico, uma intensa atividade das identificações projetivas, abrindo um fosso entre as partes não-psicóticas e psicóticas da personalidade. Introduce-se um modelo de mente muito mais dinâmica, inserida mesmo no campo da complexidade.

Bion (1957/1994c) toma também como modelo o bebê. Bianchedi et al. (1999) falam-nos de como esse chamado funcionamento psicótico tem origens protomentais. Voltemos então ao bebê, pensemos agora no parto, este será um modelo de cesura. Cesura é um termo utilizado por Bion (1977/ 1981) para designar justamente esses cortes, passagens, de um estado a outro na vida. Sejam mudanças importantes, como o nascimento e o casamento; sejam estados de mente, como a oscilação das posições esquizoparanoides e depressivas; seja com relação a camadas mais profundas da mente; ou ainda evoluções dos estágios de uma ideia. A cesura está no trânsito, na diferença de meios, de linguagens e é acompanhada por uma turbulência inerente a este trânsito.

Imaginemos um bebê nascendo, deixando o meio aquoso, adentrando o meio aéreo, necessitando de pulmões para respirar, sendo conduzido a essa passagem por movimentos externos a ele, incontrolláveis, passando por um túnel apertado, tendo as condições de temperatura e pressão bruscamente alteradas. Enfim, são tantas as mudanças que vive um bebê em um parto que podemos dizer que há aí uma turbulência e não permitimos tomar a esta de base para pensarmos nas turbulências que vivemos nas cesuras da vida. E não podemos pensar aqui que este túnel apertado e turbulento é justamente um modelo de caminho rumo ao Desconhecido? Afinal, para todo o nascimento parece que atravessamos uma cesura.

Nascemos frágeis, indefesos, com marcas nossas. Necessitamos de um ambiente, de um outro que cuide de nós, como já dissemos, é certo que este também já venha marcado. Para assimilarmos parte razoável disso tudo, necessitando lidar com nossas próprias experiências emocionais, que inicialmente parecem ser caóticas. Temos, então, a preconcepção de que encontraremos algo que nos acalmará, algo que irá nos satisfazer, ilusoriamente preenchendo a incompletude tão evidente com a cesura do nascimento. Esta preconcepção encontra-se com o seio, mas vai além. Como afirmam Chuster et al. (2014):

a preconcepção contempla não apenas um seio que alimenta, mas a mente de uma mãe que leva o bebê ao seio; os pais unidos garantindo a existência deste seio; a sociedade protegendo os pais; e, finalmente, a manutenção de uma mente criativa capaz de gerar novas soluções à medida que a sociedade vai se complexizando. (p. 81)

Imaginemos, ainda em situação ideal, que o bebê humano encontre com este seio real, ou com um substituto à altura, que possa se tornar um seio objeto. Entra em cena também o vínculo que liga duas mentes, uma, provavelmente, mais madura e a outra que ainda precisa se constituir. A desorganização interna do bebê é tida como excessiva, as experiências emocionais são vividas também como este excesso, haja vista que o bebê ainda não tem um aparelho para pensar pensamentos, ainda não é capaz de reconhecer, diferenciar, nomear, compreender suas emoções. Sob o domínio do princípio do prazer este excesso, assim desorganizado, é escindido e projetado para dentro da mente de seu cuidador. A este processo chama-se identificação projetiva. É um mecanismo de defesa, mas também um importante recurso de comunicação e é bastante primitivo. O cuidador que esteja aberto, que não esteja defendido por não tolerar comunicação tão primitiva, excessos, recebe esta comunicação. Este projetado é matéria bruta para o bebê, não pode ser por ele pensado, assim como um ovo cru não pode ser bem digerido pelo organismo humano. Esses elementos neste estado não são possíveis de serem compreendidos e tolerados. (Bion, 1962/1966)

Caso o bebê se vincule com um cuidador que tenha uma mente suficientemente desenvolvida, este irá dispor de algo que Bion (1962/1966) chama de função- $\alpha$ . Esta função permite que o cuidador, permeável às identificações projetivas do bebê, receba com amor e compreenda os elementos projetados, podendo transformá-los em elementos nomeados, pensáveis; estes, por sua vez, são chamados elementos- $\alpha$ . Esta transformação, trabalho da função- $\alpha$ , pode ser compreendida como o cozinhar do ovo, uma transformação dos elementos crus, indigestos e não palatáveis, em elementos transformados, metabolizáveis, nutritivos. Estes elementos podem então ser devolvidos ao bebê, agora já processados. A este processo como um todo Bion (1962/1966) chamou *rêverie*. E é este que possibilita que o bebê possa ir constituindo sua mente, desenvolvendo sua própria função- $\alpha$ . (Bion, 1962/1966)

Os elementos- $\alpha$  podem ser representados e armazenados. São muito importantes, através deles podemos compreender nossas experiências, inclusive, podemos sonhá-las, afinal os elementos- $\alpha$  são a matéria-prima dos pensamentos oníricos. Quando, contudo, este processo não se dá a contento, a *rêverie* não é possível por algum motivo, aquilo que era excesso, a experiência crua, passa a ser algo não representado, e o que fica na mente é o que Bion (1962/1966) chama de elementos- $\beta$ . Estes tendem à evacuação através da identificação projetiva. São coisas em si. Seriam, talvez, partes presas ao Desconhecido, como aquilo que não se representa. Podemos pensar em um modelo de digestão: os elementos- $\alpha$  são aqueles elementos nutritivos do alimento, ao passo que os elementos- $\beta$  não servem a esta função e precisam ser mesmo excretados do organismo. (Bion, 1962/1966)

Uma importante função que guardam também os elementos- $\alpha$  é de que, quando se associam, compõem o que Bion (1962/1966) chama de barreiras-de-contato. Este termo é retirado de Freud (1895/1995), da ideia das sinapses que regulavam as passagens de energia de um neurônio a outro. Aparece na teoria bioniana como uma barreira que, como os sonhos, faz uma distinção entre consciente e Inconsciente.

A este respeito, Bion (1962/1966) afirma o seguinte: quando estamos acordados temos os nossos pensamentos oníricos, que são frutos dos elementos- $\alpha$  e nos permitem, por exemplo, durante uma conversa, ter uma experiência emocional com um amigo sem que elementos desagradáveis de suas fantasias inconscientes venham à tona. É como se tivéssemos uma barreira análoga à barreira dos sonhos.

No sonho apresentam-se a censura e as resistências, que não são produtos do Inconsciente, mas, para Bion (1962/1966), são instrumentos para diferenciar o consciente do Inconsciente. Essa discriminação precisa ser feita o tempo todo, é algo que se diferencia de um estado psicótico.

Sintetizando, a função- $\alpha$  é a responsável pelo trabalho das experiências sensoriais transformando-as em elementos- $\alpha$ . Estes elementos formam as barreiras-de-contato, e esta está em constante construção. Seria esta barreira a responsável por delimitar o contato entre consciente e Inconsciente. Também comparada a uma membrana, esta barreira depende do suprimento de elementos- $\alpha$  e de como eles vão interagir entre si. A formação de memórias também depende destes elementos e das barreiras-de-contato. A barreira de contato manifesta-se clinicamente como algo similar aos sonhos. Preserva o Inconsciente. (Bion, 1962/1966)

Por meio da *rêverie*, então, do vínculo com outra pessoa real, com uma mente ativa e desenvolvida, é que podemos pensar na constituição da mente humana. Isso nos mostra que necessitamos sempre de alguém para termos acesso ao conhecimento, para ampliarmos nossa mente e sairmos do escuro, informe e caótico. Não nos formamos sozinhos. Necessitamos dessas experiências para aprendermos, para sermos. Então, este modelo da constituição da mente do bebê é utilizado para pensarmos no que acontece também em uma análise.

Pensemos agora nas falhas desta experiência, se não há um vínculo com alguém que possa atender a essas necessidades do bebê, se este fica à mercê dos excessos. Sem função- $\alpha$  e elementos- $\alpha$ , tem-se um excesso de elementos- $\beta$ , vivências angustiantes e não compreensíveis, escassez de pensamentos oníricos e memória. Com o déficit da função- $\alpha$ , é possível também que, em vez da produção de elementos- $\alpha$  e de uma barreira-de-contato, acumulem-se os elementos- $\beta$ , e estes, por sua vez, formem como que uma tela, chamada por

Bion (1962/1966) de tela- $\beta$ . Estes elementos não se conectam bem mutuamente e formam a tela, que seria uma divisão oscilante, sem resistência à passagem de elementos de uma zona a outra, sendo falha para a constituição da memória e da repressão. Vê-se esta tela- $\beta$  nos estados confusionais de pacientes em estados psicóticos.

Neste quadro, temos um indivíduo que não pode sonhar. Como na teoria freudiana o sonho é protetor do sono, Bion (1962/1966) afirma que as pessoas com a função- $\alpha$  seriamente prejudicadas entram em um estado no qual nem estão acordadas nem sonhando. Este seria um estado característico do paciente psicótico. Uma realidade que não pode ser sonhada é uma realidade que não pode ser simbolicamente representada, parece uma realidade concreta, de fato, associável à realidade psicótica.

Lembramo-nos agora do poema de Álvaro de Campos, um heterônimo de Fernando Pessoa (1944), chamado *Esta Velha*, de modo que pedimos licença para colocá-lo aqui na íntegra:

Esta velha angústia,  
Esta angústia que trago há séculos em mim,  
Transbordou da vasilha,  
Em lágrimas, em grandes imaginações,  
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,  
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.  
Transbordou.  
Mal sei como conduzir-me na vida  
Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!  
Se ao menos endoidecesse deveras!  
Mas não: é este estar entre,  
Este quase,  
Este poder ser que...,  
Isto.

Um internado num manicômio é, ao menos, alguém,

Eu sou um internado num manicômio sem manicômio.

Estou doido a frio,

Estou lúcido e louco,

Estou alheio a tudo e igual a todos:

Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura

Porque não são sonhos.

Estou assim...

Pobre velha casa da minha infância perdida!

Quem te diria que eu me desacolhesse tanto!

Que é do teu menino? Está maluco.

Que é de quem dormia sossegado sob o teu teto provinciano?

Está maluco.

Quem de quem fui? Está maluco. Hoje é quem eu sou.

Se ao menos eu tivesse uma religião qualquer!

Por exemplo, por aquele manipanso

Que havia em casa, lá nessa, trazido de África.

Era feiíssimo, era grotesco,

Mas havia nele a divindade de tudo em que se crê.

Se eu pudesse crer num manipanso qualquer —

Júpiter, Jeová, a Humanidade —

Qualquer serviria,

Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo?

Estala, coração de vidro pintado!

Pessoa (1944) parece ilustrar com maestria a teoria de Bion (1962/1966). Reparemos nas datas das produções, em como, de fato, os poetas parecem se antecipar e conhecer com pioneirismo a mente humana, o que nos diria que Bion (1962/1966) constrói uma teoria sobre

algo que Pessoa (1944) já parecia conhecer. Estar inundado de elementos- $\beta$  nos coloca, então, neste “estar entre”, “alheio a tudo e igual a todos”, “dormindo desperto com sonhos que são loucura” (!), como nos diz Pessoa (1944).

Continuemos a pensar sobre as ideias de Bion. A função- $\alpha$  e as barreiras de contato, frutos de um vínculo com um cuidador permeável, capaz de *rêverie*, coloca-nos em um lugar entre um passado e um futuro possível, em uma sociedade, em uma cultura. São essenciais não apenas para discriminarmos o que se passa dentro de nós mesmos, as nossas sensações e experiências emocionais, mas também para diferenciarmos o dentro e o fora, para sentirmo-nos existindo. Vimos a formação da matriz de nossa mente, necessária para pensarmos os pensamentos, sonharmos os sonhos. Sem isto, parece-nos que ficaríamos perdidos, como que em um limbo, ou ainda, em um caos infinito.

Seguindo nossa jornada, a teoria bioniana busca uma compreensão do pensar, e Bion (1962/1994b) entende ainda que o pensar se relaciona com dois desenvolvimentos mentais básicos. O primeiro deles é o pensamento, que precisa de um aparelho que dele se encarregue. O segundo deles é justamente o aparelho que se encarregue dos pensamentos, chamado aqui de faculdade de pensar. Assim, é colocado um difícil ponto de compreensão desta teoria, a ideia de que os pensamentos antecedem o pensar. O pensar passa a existir justamente para dar conta dos pensamentos, por uma pressão imposta à psique pelos pensamentos que já estão à priori. Vejamos como isso se dá.

Voltemos agora a pensar no bebê e no desenvolvimento de sua mente. Entendemos que os pensamentos apresentam uma linha evolutiva: preconcepções, concepções, pensamentos e conceitos. As já mencionadas preconcepções, que, aliás, são análogas ao conceito kantiano de pensamentos vazios, formam disposições inatas do bebê, como a expectativa de um seio. Uma concepção origina-se da união de uma preconcepção com uma realização. Podemos pensar aqui em um outro modelo bioniano, o da fecundação: uma preconcepção precisa ser fecundada pela realização para que um conceito possa ser concebido. Assim, seguindo o modelo, quando ao bebê é apresentado o seio, a preconcepção que era a expectativa de um seio une-se à realização, chegando ao desenvolvimento da concepção. Visto assim, entende-se que as concepções estão ligadas diretamente às experiências emocionais de satisfação. (Bion, 1962/1994)

Para Bion (1962/1994), o pensamento, por sua vez, aparece da associação de uma preconcepção com uma frustração. Um bebê com sua expectativa por um seio se une com uma realização de um não-seio. Essa união é vivida como um não-seio, ou como um seio

ausente dentro dele. Na sequência, o bebê poderá tolerar a frustração ou não. No segundo caso, irá modificá-la ou fugirá dela.

Quando a capacidade de tolerância for suficiente, do não-seio nascem os pensamentos e desenvolve-se um aparelho para pensar. O início do princípio da realidade se dá em sincronia com a capacidade para pensar. Transpõe-se o fosso existente entre o momento que se vivencia uma necessidade e o momento em que essa necessidade culmina em satisfação. A capacidade para tolerar a frustração favorece que a psique desenvolva o pensamento que auxilia na tolerância da frustração. (Bion, 1962/1994)

Contudo, quando a capacidade para tolerar a frustração é insuficiente, a psique tem a tarefa de decidir se foge à frustração ou se a modifica. Caso não se tolere a frustração, pende-se para a fuga. Afasta-se do que seriam processos típicos do pensamento. O que seria um pensamento, ou seja, uma conjunção de uma preconcepção com uma realização negativa, passa a ser um objeto mau, não distinguível de uma coisa-em-si, servindo apenas à evacuação. Não se chega a um aparelho de pensar, mas limita-se a um aparelho de identificações projetivas. Evacuar o seio mau, nesse tipo de desenvolvimento, seria sinônimo de obter alimento do seio bom. Os pensamentos não podem ser distinguidos de objetos internos maus. Assim, o aparelho desenvolve-se não para pensar pensamentos, mas para se livrar dos objetos internos maus. E chegou-se aqui a partir do momento de ou modificar as frustrações ou fugir delas. Isto, para Bion, seria crucial. (Bion, 1962/1994)

Lembramo-nos agora de algumas imagens de Sebastião Salgado (2004), como a apresentada abaixo. A recordação refere-se a fortes retratos que se revelam em corpos magros de crianças do continente africano, vítimas de desnutrição. Um aparelho de identificações projetivas remete à Figura 1, de empobrecimento, do que tem fome e não consegue se nutrir.



**Figura 1.** Fotografia de Salgado (2004).

Existem casos, de acordo com Bion (1962/1964), nos quais a intolerância à frustração não é suficiente para levar à fuga, mas atrapalha o contato com o princípio de realidade. Nesses casos, pode-se caminhar para o desenvolvimento de um pensamento onipotente. Aí, dificulta-se a discriminação entre verdadeiro e falso. A moralidade formada nessas condições é do tipo ditatorial, e é uma função da psicose. (Bion, 1962/1994)

Bion (1962/1994) fala também de como entende a consciência. Baseia-se na ideia freudiana que entende a consciência como órgão sensorial para percepção de atributos psíquicos. A função- $\alpha$  converte dados sensoriais em elementos- $\alpha$ , e isso fornece elementos oníricos à psique, possibilitando, como já dissemos, que se esteja acordado ou dormindo, consciente ou inconsciente. A consciência depende, assim, diretamente da função- $\alpha$ .

Esta consciência, então, não está vinculada diretamente a um Inconsciente, mas à *rêverie* do cuidador, que pode coletar essas sensações conscientes do bebê que ele experimenta com relação a si mesmo. Bion (1962/1994) fala aqui de uma consciência rudimentar do bebê que necessita se conectar a outro, dotado de suas funções de pensamento, para se desenvolver.

Algo ainda importante a ser mencionado são as situações nas quais um terror sem nome pode ser criado caso o bebê projete no cuidador suas sensações terríficas e este não as aceite. Essas sensações são reintrojadas depois como este terror. Esta carga é muito intensa para a consciência rudimentar do bebê. O bebê não pode se identificar com um objeto compreensivo, mas fica dentro de si com um objeto que não entende propositadamente. (Bion, 1962/1994)

Mais uma imagem nos ocorre, adentramos com estas ideias em um universo cubista, como o do pintor Picasso (1937) em sua tela *Guernica*. A internalização de um objeto que não entende o bebê propositadamente nos remete às imagens recortadas, fragmentadas e remontadas do terror da guerra espanhola. A Figura 2 pode ser uma ilustração para pensarmos a representação do universo mental que assim se compõe, do terror sem nome.



**Figura 2.** *Guernica*, de Picasso (1937).

Voltando a Bion (1962/1966), temos que a função- $\alpha$  é essencial para a transformação de elementos- $\alpha$ , portanto, é essencial para o indivíduo, que necessita do sentido de suas experiências emocionais tanto quanto de alimento. Como as experiências emocionais não se dão isoladas de uma relação, o autor define os vínculos que unem os objetos em mútua relação, como o ódio (H), o amor (L), e o conhecimento (K)<sup>4</sup>. Tais elos são complexos e de ilimitadas variáveis.

O elo K ganha destaque para o analista no processo do aprender com a experiência, representa a relação analítica. Não se trata de um conhecer acabado ou fechado, mas de um contínuo. Assim, para que se aproxime de K, que interessa ao analista, é preciso estar em contato com a experiência emocional e abstrair dela a afirmação que a representa da melhor forma possível. Esta afirmação pode gerar confiança, ou seja, outras pessoas experimentam aquela mesma experiência emocional representada pela afirmação. E é importante frisar que o processo de abstração não é ocasional. Sua gênese é fator da função- $\alpha$ . Com pacientes incapazes de abstrair, que se relacionam com palavras como coisas, emprega-se o termo -K. (Bion, 1962/1966)

Façamos uma pausa e pensemos o que podemos apreender desta exposição de um ponto inicial da obra de Bion com relação ao Desconhecido. Neste momento, o autor está muito intrigado em construir sua teoria do pensar e também do conhecimento. Mas ainda parece muito ligado ao interesse de se alocar dentro das ciências puras, isto é o que nos disse Delouya (1998). Assim, apresenta em seus textos uma riqueza de sua obra, mas tem pontos de

<sup>4</sup> O idioma de Bion era o inglês, embora a nomenclatura dos vínculos esteja em português, as siglas que as representam mantêm-se em inglês. Para maior clareza, os vínculos em inglês seriam hate (H), love (L) e knowledge (K), respectivamente.

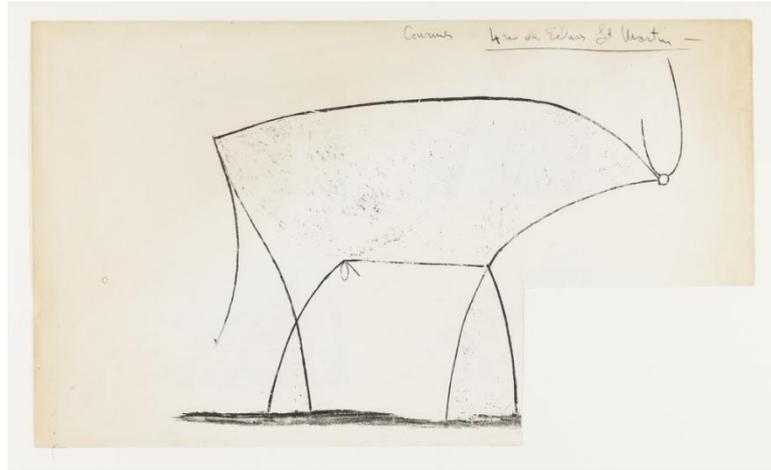
vista que serão expandidos com o passar do tempo. Cremos que o que podemos apreender a respeito do Desconhecido se passa por aí.

Neste momento, parece-nos que o que se desconhece é aquilo que não podemos pensar, como os elementos- $\beta$ . Assim, a impressão que temos é de que as experiências precisam passar por todo o processo acima descrito, submetendo-se à função- $\alpha$  do cuidador, ou seja, à *rêverie*, para tornarem-se conhecidas, pensáveis. O Desconhecido parece ser o que não se representa e que se torna um corpo estranho, não assimilável. Assim, entende-se uma parte do Desconhecido, que poderia ser apreendida caso tivesse encontrado uma relação na qual houvesse continência.

Além disso, já existe aí a ideia de uma realidade outra, para além da realidade psíquica. Isto já está presente tanto na ideia das preconcepções quanto na ideia dos pensamentos a priori, que forçam o desenvolvimento de um aparelho para pensar. Esta realidade, já vimos, relaciona-se também com o Desconhecido. Enquanto vai desenvolvendo suas ideias, formulando sua criativa teoria, Bion demonstra uma expansão da psicanálise, vai cada vez mais se aproximando da ideia de complexidade e incerteza.

## **5.2. A complexa dança dos elementos**

Bem, em outro importante momento, Bion (1963/1966) está à procura de elementos básicos que possam, ao combinarem-se, exprimir as teorias psicanalíticas já existentes. Queria simplificar as teorias, mas, em uma primeira leitura, não nos parece tão simples, parece inovador, mas não simples. Lembremos novamente do pintor Pablo Picasso (1946), que foi capaz de desenhar um touro maravilhoso utilizando linhas simples. Seria esse touro simples? Talvez, depois de anos desenvolvendo sua técnica, de passar por vários esboços que foram do mais acadêmico ao mais abstrato, Picasso (1946) foi capaz de conceber um touro em linhas, chegando à obra *The Bull, state XI*, que pode ser contemplada na Figura 3. Não nos enganemos, o sofisticado está por trás dessa aparência de simplicidade.



**Figura 3.** *The Bull, state XI*, Picasso (1946).

Como num processo químico, Bion (1963/1966) deseja extrair os elementos de combinações evidenciadas ao analista, mas está em busca da flexibilização de tais elementos, que, ao formar um composto, parecem rígidos em suas ligações.

Esses elementos teriam algumas finalidades específicas: a de representar sua realização de onde derivam; articular-se com os demais elementos encontrados; formar um sistema dedutivo científico representando realizações que já existam (Bion, 1963/1966).

De acordo com Zimmerman (2008a), os elementos seriam como as letras do alfabeto, que, combinados de diferentes maneiras, poderiam representar as mais diversas situações, como quando as letras se conjugam em palavras.

Bion (1963/1966) identifica, logo de início, três elementos que seriam básicos para a psicanálise, embora os nomeie, prefere usar um símbolo para representá-los. Aliás, os elementos seriam funções da personalidade, tendo assim fatores e finalidades. E o signo pelo qual se simboliza a abstração do elemento representa a função incognoscível. A função desses elementos pode ser percebida no trabalho analítico. Vejamos, sucintamente, que elementos são esses:

1. ♀♂: seria a relação dinâmica de continente e conteúdo, que expressa traços essenciais da identificação projetiva;
2. PS↔D: a relação dinâmica das posições esquizoparanoide e Depressiva, e também insere aí uma relação com a descoberta do fato selecionado;
3. O elo dos elementos psicanalíticos, ou o vínculo, representado por suas qualidades de amor (L), ódio (H) e conhecimento (K). Este elemento implica a existência de dois objetos conectados e se influenciando mutuamente.

Bion (1963/1966) nota alguns símbolos que o acompanharão, sendo R um derivado da razão e representante da realização; I representa ideia, tratando-se da representação dos objetos psicanalíticos que são formados por elementos- $\alpha$  e, assim, produtos da função- $\alpha$ . Segundo Zimmerman (2008a), o termo razão estaria relacionado ao controle das paixões buscando uma adaptação à realidade; enquanto o termo ideia refere-se à função de pensar as experiências emocionais. Este autor postula a relação entre razão e ideia como outro elemento de psicanálise.

Para Bion (1963/1966), existiriam elementos dentro de uma teoria que são muito significativos, mas dotados de um valor constante, como os elementos da situação Edípica na teoria freudiana, por exemplo. O que o autor busca nesse momento, porém, são elementos que possam se relacionar com realizações a descobrir. Para tanto, são necessários elementos flexíveis, não estanques que possam ser rearranjados, como as notas musicais, que podem compor um potencial incontável de músicas e sinfonias.

Para achar tais elementos, Bion (1963/1966) sugere que se pesquise elementos pela manifestação de suas qualidades secundárias, que se reconhecem pela experiência psicanalítica, bem como pela manifestação de suas representações. Os elementos psicanalíticos, como o autor propõe, são coisas em si, não cognoscíveis, sendo apenas suas qualidades primárias e secundárias passíveis de se conhecer.

Pensamos agora em uma dança de balé clássico, por exemplo. Um simples passo de balé chamado *plié* requer movimentos orientados de cada músculo do corpo do bailarino. Para que o *plié* seja parte de uma dança, necessita de uma articulação de posições de pernas, braços e cabeças, o corpo todo devidamente coreografado, com distintos e sutis elementos aos olhos do espectador, mas que requer ensaio, treino e destreza do bailarino. Uma dança que para o aspirante é árdua, difícil de ser processada por ser uma conjugação de tantas partes, para o profissional passa a ser como que intuída, para cada posição dos pés, um braço e uma cabeça já assimiladas em uma memória procedimental, até emocional, talvez. Assim parecem-nos ser a apreensão e conjugação dos elementos de psicanálise. Bion (1963/1966) provavelmente comunica-se com um terapeuta experiente, que intui aguçadamente, transpira seu trabalho. Quanto aos terapeutas iniciantes, tenhamos paciência, a transpiração também há de nos conduzir a esta possibilidade de uma dança.

Postula-se a existência de algo que não necessariamente tenha existência, mas que se acredita existir e que explicaria um conjunto reunido de fenômenos determinados. Parece que aqui, quando Bion (1963/1966) fala da coisa em si, confirma que já tem a ideia de uma realidade não apreensível. Ele diz que existe uma “. . . abstração principal, desconhecida

porque incognoscível, mas entrevista de forma contaminada, na sua representação verbal.” (Bion, 1963/1966, p. 129). Ou seja, os elementos de psicanálise trazem em si parte do Desconhecido.

Bion (1963/1966) fala também de uma evolução de I, expressa passando pelos diferentes níveis:

- A. Elementos- $\beta$ : matriz do pensamento; são vividos como coisas em si.
- B. Elementos- $\alpha$ : resultado da função- $\alpha$  sobre as impressões sensoriais como já dito antes.
- C. Pensamentos oníricos: dependem da existência de elementos- $\alpha$  e de elementos- $\beta$ . Comunicam-se pelo manifesto dos sonhos.
- D. Preconcepção: é um estado de expectativa, uma condição para receber uma faixa restrita de fenômenos.
- E. Concepção: variável substituível por uma constante, que envolve a expectativa que se satisfaz, se realizou, aumentando a capacidade da preconcepção para a saturação.
- F. Conceito: deriva da concepção, livra-se de elementos que o impediriam de servir como instrumento de elucidação ou expressão da verdade.
- G. Sistema dedutivo-científico: combinação de conceitos nas hipóteses e sistemas de hipóteses, dinamicamente enriquecido por sua inter-relação.
- H. Cálculos: representa o sistema dedutivo-científico pelo cálculo algébrico, não tem propriedades outras além das que as regras de combinação lhe conferem.

São estes, então, os vários estágios pelos quais I pode se desenvolver. A categoria A, acima, representa uma categoria sem elementos não-saturados, não podendo ser uma preconcepção. As demais categorias contêm tais elementos, esperando, pois, pela realização. (Bion, 1963/1966)

Existe esse estado de expectativa inata por algo, mas o que vem, e se vem ou não, não se sabe. Por exemplo, o bebê ao nascer já tem a expectativa do seio, mas como este seio vai se apresentar e se vai se apresentar é uma incógnita variável, é, assim, o não-saturado. (Bion, 1963/1966)

Nesse texto aparece novamente a ideia de que para o desenvolvimento de um aparelho para pensar os pensamentos é preciso que exista outra mente, que possa receber o projetado, traduzi-lo, colocando em funcionamento o elemento  $\text{♀♂}$ . (Bion, 1963/1966)

No percurso de I desde a categoria A até H, a mudança de fases é representada mecanicamente por ♀♂, e dinamicamente por L, H, K. A mudança de uma categoria à outra é vivida como desintegração e reintegração, representada por PS↔D. (Bion, 1963/1966)

Quando, porém, o que se tem são os elementos-β, pode-se fazer o seguinte raciocínio: elementos-β dispersos precisam encontrar ♀ que force sua coesão, ao contrário, se encontram um ♀ frouxo, são como abortivos a este e ao ♂. A coesão dos elementos-β para formar um ♂ é análoga à integração de D em PS↔D, e sua dispersão é análoga à desintegração de PS. (Bion, 1963/1966)

Vamos tentar aqui novamente a utilização de um modelo para compreendermos melhor o que viemos dizendo. Lembremo-nos do bebê, seus elementos-β precisam de um continente adequado, o que pode ser encontrado na mente de seu cuidador capaz de *rêverie*. Caso o cuidador não esteja receptivo às identificações projetivas do bebê, ele não será um continente adequado para a *rêverie*, sendo como que inadequado para o conteúdo que o bebê ali depositaria. Se for assim, a mente do bebê permanece em um estado de desintegração, como na posição esquizoparanoide. Lisondo (2010) traz-nos a ideia de que esse continente, quando adequado, seria como um útero psíquico, fornecendo as condições necessárias ao desenvolvimento do bebê. Temos mesmo a ideia de uma mente que precisa ser gestada. Assim, quando o bebê encontra esse continente amoroso, capaz de impulsionar o conhecimento, a desintegração inicial cede espaço a uma maior integração, característica da passagem de um estágio de I a outro, aqui, de elementos-β a elementos-α.

E não podemos deixar de considerar o trânsito das ideias em um processo de criação, como o da escrita. Quando um escritor se depara com a tela em branco, como já mencionamos, depara-se com um universo de ideias dispersas, desconectadas. A ansiedade e a angústia, tal qual de uma posição esquizoparanoide, parecem invadir. O escritor necessita de um continente, sua tela, mas também pode contar já com sua mente, capaz de tolerar esta dolorosa dispersão. Necessita de suas letras, que vão compondo as palavras e vão simbolizando as ideias, até então desconhecidas, algumas por estarem desarranjadas, em algum nível anterior à consciência, outras porque até então não haviam sido criadas, concebidas; ideias que antecedem o pensador. Se falamos em concepção, por que não falarmos em amor? É necessário que haja aí um amor por conhecer, um amor por criar o novo, algo que instigue e que ajude também a tolerar o trânsito, a cesura. As ideias, então, podem nascer dentro de cada novo estágio e, assim, desenvolverem-se.

Voltemos a Bion (1963/1966) e à situação analítica. Ele nos fala também de diferentes dimensões através das quais podemos ouvir o conteúdo presente na situação analítica. Uma

dessas dimensões é a dos mitos. O referido autor aborda os mitos de Édipo, do jardim de Éden e da torre de Babel. Afirma que em todos está presente uma curiosidade do homem, justamente a busca pelo saber, por conhecer. Isto foi recebido em todos os mitos como uma ameaça por parte de deus em sua supremacia. Este deus dos mitos aparece como onisciente e onipotente, parte de um sistema moral e hostil com relação à busca do saber. Isto porque no saber almejado aparece uma união com o prazer sexual que fica proibido, embora estimulado.

Ora, lembremos que os mitos expressam o humano. Para todo Desconhecido que se almeja explorar, movido pelo desejo de conhecer, existe algo humano que barra, proíbe. Parece que há nisto um entrave no processo do conhecer, um impedimento de ir adiante, na evolução de I. Seria o sexual reprimido, como, por exemplo, a criança que sente como proibidas as excursões para conhecer o corpo materno? Ou haveria aí algo de limitado, como aquilo que não foi aprendido como possível, como a criança submetida a constantes privações na vida que nunca teve acesso à possibilidade de conhecer com prazer? Algo do Desconhecido pode ser aquilo que se almejava atingir, existia uma expectativa e um potencial, mas foi vivido como proibido e permaneceu estacionado; ou, ainda, algo que não se sabia possível pensar.

E Bion (1963/1966) fala também que justamente o que faz que uma sessão seja psicanalítica está no emprego que o analista dá ao material da sessão, no sentido de elucidar K, ou seja, do vínculo do conhecimento, podendo então transpor essas barreiras impostas frente ao Desconhecido.

Outro termo introduzido por Bion (1963/1966) é a premonição. Esta seria próxima à preconcepção, envolvendo, porém, sentimentos em vez de ideias. Seria uma ansiedade por alguma coisa.

A cada nível de desenvolvimento de I, existe, pois, o trabalho dos elementos postulados por Bion (1963/1966). Elementos que, como vimos, pertencem a uma dimensão do Desconhecido, visto que são incognoscíveis enquanto coisa em si, podendo ser apreendidos apenas por suas manifestações. Logo, a cada mudança progressiva de I, a cada novo estágio, existe algo de novo que não se conhece, que precisa ser desbravado e também o que precisa ser criado. É como se houvesse uma preconcepção a cada novo estágio, que precisa aguardar por sua realização, gerando uma nova concepção. Este é um processo que parece envolver experimentações sucessivas do Desconhecido. Aventurar-se por este parece ser mesmo desenvolver-se, se assim colocado.

Então, ao que se passa a conhecer pode-se dar um nome. O nome, para Bion (1963/1966), possibilita reunir os fenômenos e abre espaço para a descoberta de seu

significado, evitando a dispersão dos mesmos. Um nome pode ser dado a partir de uma conjugação constante de certos fenômenos distintos e antes incoerentes. É um movimento de  $PS \leftrightarrow D$ .

Bion (1963/1966) diz que é a atuação de  $PS \leftrightarrow D$  que proporcionará o delineamento do objeto total. Mas é de  $\text{♀} \text{♂}$  que depende que se chegue ao significado do objeto total, que se venha a conhecer. Entende-se que os mecanismos  $PS \leftrightarrow D$ , somados a  $\text{♀} \text{♂}$ , responsabilizam-se pelo crescimento e evolução de uma preconcepção.

### 5.3. O que se cria a partir do que se transforma

Deparamo-nos agora com uma lembrança acerca do ciclo e da vida das estrelas. Uma estrela nasce do que os físicos chamam nebulosa, trata-se de uma grande nuvem de gás hélio e hidrogênio. Devido à força gravitacional, as moléculas dessa nuvem vão se atraindo; isso faz com que a grande nuvem vá reduzindo seu tamanho, ou seja, se contraindo. Com esta contração, um aumento de temperatura vai surgindo, até que, em uma alta temperatura, este conglomerado começa a emitir luz e há a queima dos gases, em um processo que se chama fissão nuclear. Assim nasce uma estrela. A estrela começa a se expandir, até que, depois de um pico, a força gravitacional passe novamente a ter uma grande influência e a estrela volta a se contrair. Isso se dá com a queima do combustível que possuía. A estrela passa a se resfriar e em um momento tem uma redução drástica de tamanho. Sabem o que acontece com esta contração? As partículas que compunham a superfície da estrela vão em alta velocidade em direção ao núcleo e se chocam, sendo então projetadas dispersas no espaço, dando origem a uma nova nebulosa, que poderá conceber novas estrelas. Temos aí a ideia de ciclos de transformação capaz de gerar novas vidas.

Quando pensamos neste modelo, temos que o novo pode ser formado, podem surgir novas estrelas, universos ao seu redor, buracos negros, enfim, a partir de elementos iniciais e diferentes transformações, o que se pode criar é insondável. Porém, o que pode se constituir o faz pela possibilidade de uma conjugação dos elementos que só é possível de se dar devido à presença de algum elemento invariante, que são aqueles elementos básicos, imutáveis, comuns a todas as formas. Bion (1965/2004) usa como modelo uma obra de arte, onde só se pode reconhecer o desenho de uma paisagem reproduzida em uma tela porque ela compartilha com a paisagem original ao menos um elemento invariante. Referimo-nos aqui justamente à teoria das transformações, de Bion. (1965/2004)

Zimerman (2008a) coloca as transformações como outro elemento da psicanálise, mas também como uma importante teoria bioniana. Esta seria, segundo Bion (1965/2004), uma teoria de observação psicanalítica, buscando compreender a experiência emocional da dupla analista e analisando. Pensamos que ela confere um dinamismo ainda maior ao pensamento bioniano.

A transformação em análise refere-se a mudanças de usos de I e todas estas mudanças compõem O. Aliás, Bion (1967/2004) afirma que o que se passa exatamente em uma sessão de análise ninguém conhece, trata-se da coisa-em-si, do incognoscível, que ele chama O. No início de cada sessão, o que se tem é este estado, referente ao Desconhecido. E O estaria disponível para transformações, tanto do analista como do paciente, ainda que se mantenha alguma invariância. O que se fala em uma sessão é o que se sente que acontece, a experiência emocional da dupla. Esta ideia traz uma expansão muito importante para a psicanálise, como afirmam Chuster et al. (2014): “A *experiência emocional* expõe a amplitude do campo analítico tornando-o um campo não de relações de causa e efeito, de origens e explicações, mas de possibilidades interpretativas e descrição do momento, que pode sempre se alterar” (p. 149, *itálicos do autor*).

O está disponível para transformação, tanto por parte do analista quanto por parte do analisando. As transformações são influenciadas pelos vínculos L, H, K. Bion (1965/2004) afirma que, da mesma maneira como um artista plástico faz uma pintura, quando um analista relata um caso clínico, podemos ter uma experiência até bem próxima da original. Mas haverá algo que fica como que uma incógnita, algo desconhecido que não é possível apreendermos.

Bion (1965/2004) postula três diferentes tipos de transformação em análise. Seriam elas: transformação de movimento rígido, que envolve uma pequena distorção dos elementos; transformação do tipo projetivo, que já contempla uma distorção maior, de espaço e de tempo, o que torna mais difícil localizar os elementos invariantes; e transformação em alucinação, que se processa nas partes psicóticas da personalidade, tem suas origens na falha da *rêverie* materna em conter o terror sem nome, como antes referido, o que é evacuado pela identificação projetiva através das vias sensoriais é sentido como retornando por estas mesmas vias, formando as alucinações. (Bion, 1965/2004; Zimerman, 2008a)

Quando há a referência às alucinações, há a referência às partes psicóticas da personalidade, então, trata-se de transformações difíceis de serem apreendidas por não se encontrarem em um universo simbólico, mas no universo das equações simbólicas. Recordemos o que vimos anteriormente sobre este funcionamento mental de um aparelho de identificações projetivas e sobre o processo de identificação com o objeto que não

compreende propositadamente, voltemos às graves imagens de desnutrição mental, ou às imagens violentas de objetos distorcidos, desagregados. (Zimmerman, 2008a)

Chuster et al. (2014) auxiliam-nos a compreender uma importante transformação explicada por Bion (1965/2004) que se dá na situação analítica. Como dissemos, no início das sessões temos O, disponível. As transformações iniciais nos conduziriam a K, e propiciariam ao indivíduo conhecimento sobre si mesmo. Mas este conhecimento pode se tornar uma sabedoria sobre si mesmo, passando ao nível do Ser, um vir a ser O. Então, o trabalho do analista seria direcionar as transformações no sentido de  $K \rightarrow O$ .

Estamos agora muito mais conectados com o Desconhecido na obra de Bion. Vamos compreendendo melhor como o que importa em uma análise é o Desconhecido. E como este processo de contato com o Desconhecido é dinâmico e complexo, ao mesmo tempo em que revela algo, permite não apenas novos arranjos, mas novas construções em um universo mental em expansão.

#### **5.4. A desenvoltura do toureiro na arena**

Deparamo-nos agora com modificações mais radicais de Bion na técnica psicanalítica. Chegamos à recomendada postura do artigo “Notas sobre memória e desejo”, de Bion (1967/1990), de suspensão da memória, do desejo e da compreensão para que se aproxime de O, do Desconhecido. Trata-se mais do que de uma proposta técnica, mas de um estado necessário em que o analista se mantenha.

Essa postura é bastante controversa, principalmente no que se refere à suspensão da memória. É preciso que tenhamos em mente de que memória Bion (1967/1990) está falando. Como dissemos anteriormente, trata-se de uma memória que nos remete a uma ideia de saturação, do conhecido, obliterando a possibilidade de vias de pensamentos diversas, como pudemos abstrair.

Também, podemos pensar com Bion (1967/1990), que a memória de um fato é enganosa, carrega em si distorções. Uma memória, enquanto um registro, nunca será fidedigna. Notas sobre uma possível confusão entre memória e percepção podem ser encontradas em Freud (1895/1995), assim como correlações entre memória e desejo. Este último seria constituído a partir de uma memória, por exemplo. Para Bion (1967/1990), os desejos também corroboram para a distorção dos fatos – pensando em memória e desejo muito ligados ao aparelho sensorial – e o sensório seria um entrave à intuição, esta sim, verdadeira ferramenta do analista.

É Zimerman (2008a) novamente quem nos ajuda a compreender que Bion (1967/1990), com sua disciplina, traz mudanças ao que se pensa da condição interna do analista, propondo uma diminuição dos sentidos e uma aproximação da capacidade de intuição, quase que como uma releitura da recomendação técnica de atenção flutuante.

Recorremos também a Sandler (2005), que nos diz que a memória referida por Bion (1967/1990) relaciona-se mesmo ao uso de algum tipo de registro que oblitera a atenção flutuante, a liberdade e a intuição. Fala também dos aspectos alucinatórios da memória, que se apresentam quando o analista está frente a fatos ainda não compreendidos durante uma sessão, e recorre a um passado imaginado para tentar compreender o que está se passando naquele momento, no aqui e agora da sessão, evadindo. Mais do que a compreensão, o analista precisa buscar sua intuição e a apreensão dos fatos. Já com relação ao desejo, o princípio do prazer ligado a este também obnubila o que se passa na situação analítica.

O que se espera, então, em uma situação analítica é o encontro com o Desconhecido, com O. Ora, vimos como as transformações em uma situação analítica fluem no sentido de estar em O; assim teríamos contato com a verdadeira realidade psíquica e, mesmo que não passível de ser nominada, esta compõe o universo do psicanalista. (Bion, 1967/1990)

Assim, Bion (1967/1990) fala sobre a importância de estar presente no momento da sessão, com a intuição afinada, e observar as evoluções que emanam da escuridão. Para isso, é preciso que o analista se deixe adentrar nessa escuridão, sem memória, sem desejo e sem compreensão. Essa evolução que surge nas sessões pode ser confundida com as memórias, mas estão mais próximas das já citadas recordações, por emergirem do aqui e agora da sessão, da experiência emocional, e não do porta-arquivo sensorial, que é como Bion (1967/1990) parece entender o que ele chama memória.

Parece-nos que a disciplina então proposta carrega em si algo semelhante ao que acontece nos sonhos. Se o analista precisa manter com seu paciente um estado de mente semelhante à *rêverie*, podemos pensar que *rêverie* pode ser traduzida ao português como devaneio, um estar sonhando acordado. Não o estado psicótico no qual não se sabe se está sonhando ou acordado, mas um estado em que, mesmo acordado, permite-se desligar dos órgãos sensoriais, como no estado em que se produzem os sonhos e permite-se acessar outro funcionamento da mente. Porém, nos sonhos, existe uma realização de desejo, e, neste caso, o desejo também precisa ser distanciado. Por isso, podemos pensar que neste sentido esta postura é um *como se*, um paradoxo, talvez, dentro da teoria bioniana, pois é algo que não está dentro nem fora, o analista não está nem sonhando (desejando, alucinando) nem acordado (de posse de sua percepção).

Lembramo-nos da importante ideia de transicionalidade presente na teoria de Winnicott (1975). Este é também um paradoxo, trata-se de um espaço que não é nem do bebê nem do cuidador, nem da realidade interna, nem da realidade externa, mas um espaço no qual ambas as realidades se encontram e possibilitam criações. Seria um terceiro espaço, ou espaço de descanso. É nesse espaço de criação onde uma análise pode transcorrer, por exemplo.

Silva (2005) fala do espaço transicional como um paradoxal campo do sentir. Embora dentro da teoria winnicottiana não se fale na supressão de memória, desejo e compreensão – residem aí diferenças marcantes entre as referidas teorias –, o que queremos apontar é como no espaço transicional, assim como no que parece ser sugerido por meio da disciplina bioniana, o que se busca é a experiência emocional, ainda que esta não possa ser totalmente apreendida. E que, para empreendermos esta busca, mesmo percorrendo caminhos diferentes, o campo do *como se* aparece, revelando paradoxos.

Voltando a Bion (1967/1990), o autor tem ainda as seguintes recomendações com relação à memória: não se deve recordar o que foi feito em sessões passadas, se há este impulso é porque há uma crise emocional acontecendo, e ela só pode ser compreendida aqui e agora, não em sessões passadas. Com relação ao desejo, o autor recomenda que se evitem desejos de aproximação do final de períodos, seja a sessão, a semana, o semestre; também se deve evitar o desejo de melhora, cura ou compreensão.

A pressão das lembranças e dos desejos será mais percebida com o tempo e aí será mais fácil a abstinência. Ainda que isto gere ansiedade, esta disciplina não deve ser rompida, em nenhuma circunstância, afirma categoricamente Bion. O que realmente coloca a necessidade de transpiração, de treino para que se possa atingir este estado aqui proposto. (Bion 1967/1990)

Pode ainda parecer que não está havendo progresso no tratamento, mas as sessões deste tipo são completas em si mesmas, diz-nos Bion (1967/1990), e os progressos podem ser observados com as variações de humor, ideias e atitudes presentes em uma mesma sessão. Aí se vê a evolução.

O estado mental ideal do analista, afirma Bion (1967/1990), é de que ele vivencie a experiência como se nunca tivesse visto o paciente antes; se ele sente que já o viu, algo não está certo. Esta técnica, que pode parecer desconfortável a princípio, está baseada de maneira firme na intuição da evolução, que não se deteriora.

Bion (1967/1990) conclui que memória é o tempo passado e o desejo é antecipação de seu futuro. Estes são obstáculos que evitam a experiência emocional da sessão.

Desenvolvimentos da teoria bioniana parecem continuar no sentido de O e da apreensão da experiência emocional. Em “Atenção e interpretação”, Bion (1970/1973) diz:

Usarei o sinal O para denotar a realidade última representada por termos tais como realidade última, verdade absoluta, o ente supremo, o infinito, a coisa-em-si. O não cai no domínio do conhecimento ou da aprendizagem, salvo incidentalmente; ele pode ser “vir a ser”, mas não será “conhecido”. (p. 29)

Enfatiza-se novamente que o analista precisa se relacionar com a realidade sensível; então, estar atento a O. E que a verdade última não pode ser conhecida pelo analista através de seus sentidos. Traz novamente a ideia de que é preciso que se mantenha uma vigilância para que as crenças e convenções estabelecidas, os hábitos inveterados de pensamento não se reestabeleçam.

Memória e desejos trazem em si algo pronto em sua formulação, são derivados de experiências formadas mediante os sentidos. Envolvem a experiência de prazer ou desprazer. Sua função é evitar as transformações de K para O. (Bion, 1970/1973)

Aparece uma importante ideia aqui. É imprescindível que o analista mantenha um estado de “fé”. Uma “fé” de que existe uma realidade e uma verdade última. Fé no Desconhecido, incognoscível, no infinito informe. Isto se pode crer de qualquer objeto de que a personalidade pode ter consciência: a evolução da realidade última (O) flui dos objetos dos quais o indivíduo pode ter consciência. Os objetos da consciência são aspectos de O evoluindo e são tais que as funções mentais derivadas sensorialmente são adequadas para apreendê-las. Por isso não se requer fé com relação ao sensorial, mas com relação a O, sim. O analisando expressará seu conhecimento de O por meio de formulações que representam a interseção das evoluções de O com a evolução da consciência. (Bion, 1970/1973)

Bion (1970/1973) afirma que o estado mental das transformações em O é similar ao medo. A ameaça à realidade que sente é derivada de: 1- A suspensão da memória, do desejo e da compreensão, que faz vacilar a experiência baseada nos sentidos que é a realidade com a qual cada indivíduo está familiarizado; 2- O aumento do poder de um ato de fé (F), que revela e possibilita a experimentação de situações penosas e difíceis de enfrentar, tanto para o analista como para o analisando; 3- O tipo peculiar de relação entre um elemento e outro do domínio de O.

Bion (1970/1973) chama de capacidade negativa a suspensão de memória, desejo e conhecimento. Afirma que esta parece ser contrária a um procedimento aceito, e é também muito parecido com o que ocorre com um paciente com sérias regressões. O analista que

emprega esta disciplina deparar-se-á com o que é incomodo, apesar de sua própria análise, por mais profunda e prolongada que possa ter sido.

Quanto mais agudo o contato com O, diz Bion (1970/1973), mais se pode perceber um aumento da percepção, em particular, dos elementos de K. Essa intensificação sensível é dolorosa, ainda que mitigada pela diminuição da percepção sensorial. A percepção sensorial remanescente, que é a auditiva e restrita a classes peculiares de sons, é responsável por induzir uma reação aguda e dolorosa (similar à reação de alarme observada nos bebês).

Além disso, o sacrifício do prazer e da dor é uma privação cuja perspectiva não se tolera com facilidade e que não agrada nem ao analista nem ao analisando quando a percebe no analista. A privação corresponde a um deslocamento do princípio de prazer-desprazer de sua posição dominante. Isto não teria importância se não fosse por uma aparente deposição simultânea do princípio de realidade, já que esta se baseia num fundo de realizações que a psique percebe por meio dos sentidos. O aumento disciplinado de F por supressão de K, ou a subordinação das transformações em K às transformações em O, são sentidas como um ataque muito sério ao Eu até que F se estabeleça. (Bion, 1970/1973)

Quanto mais o analista se torna experiente em suspender a memória, o desejo e o conhecimento, mais a experiência fica problemática, pelo menos em princípio, já que se experimentam emoções dolorosas antes excluídas ou disfarçadas pelo aparato da memória da sessão, pelas teorias analíticas, pelos desejos ou negações de ignorância, muitas vezes disfarçados, e pela compreensão, afirma Bion (1970/1973)

Ao discorrer sobre as experiências dolorosas oriundas de conflitos não resolvidos do analista, Bion (1970/1973) afirma que incorreria no tema da contratransferência e das complicações decorrentes desta, e o autor diz não ter o que acrescentar ao que já é conhecido sobre isso. Ainda assim, ele fala superficialmente sobre as experiências mais comuns, como um alerta para os que utilizarão este enfoque que ele propõe.

Quando é este o método utilizado para o trabalho, questões que antes pareceriam importantes, como se o paciente é casado ou não, se tem filhos ou não, podem ficar de fora. Mas se não se tem tais informações, ou se não se lembra delas, isso provavelmente tem um sentido no trabalho com o analisando. Isto porque o que importa não é a realidade material e seus fatos, mas aquela realidade vivenciada pelo par analítico. Assim, o mais importante não é o que o analisando pensa que quer dizer, mas a verdade por trás do que ele diz. (Bion, 1970/1973)

Quando o analista prevê uma crise, e se há ou pensa haver bom motivos para estar ansioso, tende a recorrer à memória e à compreensão, para satisfazer seu desejo de segurança

e evitar o “não saturado”. Cedendo a isso, está fechando qualquer possibilidade de união com O. (Bion, 1970/1973)

De todas as possibilidades odiosas, as que com mais frequência se temem e se detestam são as de crescimento e de maturação. Essa hostilidade à maturação se faz mais notória quando esta parece implicar a submissão do princípio de prazer ao princípio de realidade. Isto não se dá porque a mudança implica perda de prazer, já que a atividade do princípio de prazer funciona também com o desprazer. Da mesma forma, a continuação do prazer não é interrompida quando este princípio está em inatividade e sob o domínio do princípio de realidade. Mas a mudança de um princípio para o outro implica deixar o controle de prazer-desprazer à mercê de forças externas à personalidade. A união com O é uma perspectiva atemorizante. (Bion, 1970/1973)

Em um tópico dedicado ao Desconhecido, Lipgar e Pines (2003) falam da disciplina proposta em “Atenção e interpretação”, de Bion (1970/1973). Afirmam que tal disciplina abre caminhos para uma análise real, relacionada a uma vida real, não presa à inconsciência, despreocupada, em um lugar-comum de pouca aprendizagem. Existe aí uma micrometria atenta e viva de cada movimento psíquico da sessão, empregada pelo analista. E avanços são atingidos somente com muito esforço por parte do analista. Ainda assim, após um *insight*, encontra-se com a resistência; após a posição depressiva, encontra-se com o estado esquizoparanoide. É com o Desconhecido todo o trabalho do analista. Evita-se a utilização de consolidados corpos teóricos como escudos para o vir a ser quem realmente se é. Para isso, é preciso que se caminhe rumo ao Desconhecido.

Pensamos agora que Bion (1967/1990; 1970/1973) nos propõe esta difícil disciplina, seguida por tantos analistas, criticada por outros tantos. Por mais que busquemos nesta sessão esclarecer o que entendemos que o referido autor propõe, ficamos com a ideia de algo muito difícil de se atingir. Seria esta postura analítica um ideal? Quando estamos longe de sermos Picasso fica difícil imaginarmos-nos desenhando um touro com algumas simples retas. Ficamos então com o que o autor nos propõe como um norte para o analista em sua formação. Esta disciplina não nos propõe mesmo que lacemos o touro, mas que, como o toureiro na arena, possamos nos movimentar, quase como que em uma dança, buscando permanecermos vivos.

Acaso seria somente a memória que traria aspectos da alucinação, como nos foi apresentado por Sandler (2005), ou o forçar da execução da referida disciplina, sem senti-la, também poderia nos levar a desvios do caminho, como uma bússola cega? Voltamos mesmo à escura linha que imaginamos existir no atravessamento do Desconhecido. Esta linha que

separa também sanidade e loucura. Assim, precisamos cuidar, observar e refletir sobre os moinhos de vento que possam ser confundidos com gigantes. O atravessamento do Desconhecido parece mesmo nos colocar em algum lugar entre as aventuras de Dom Quixote e a dança dos toureiros. Olé!

### **5.5. Encerrando, mas não fechando**

Percorremos todo um caminho por algumas obras de Bion, buscamos evidenciar alguns pontos que se relacionassem com o Desconhecido. Destarte, temos a ideia de que o Desconhecido é mais do que um pano de fundo na teoria de Bion, ele permeia seus conceitos, orienta suas descobertas, está em todas as fases do autor, desde um elemento não representável até uma realidade toda incognoscível.

Nascemos com concepções, num traçado evolutivo entre gerações viemos ao mundo esperando por algo. Somos tomados pela expectativa, mas não sabemos o que vamos encontrar exatamente. Aliás, embora tenhamos nossas marcas, chegamos crus demais para saber. Necessitamos construir nossa conexão com o mundo. Nascemos de uma mãe, que nem sempre permanecerá, que nem sempre estará inteira ou poderá se conectar conosco. Mas, por vezes, quicá por sorte, experimentamos uma evolução que provavelmente levou muito tempo para acontecer, um cuidador se conecta com seu bebê. Ele é capaz de transitar entre o mundo finito e o infinito das ideias, e pode, assim, receber o desconhecido bebê dentro de si. Pode então nomear acessando dentro de si tudo aquilo que o bebê está vivendo. Com amor, devolve à sua cria o que lhe era desconhecido e assustador, transformado em um conhecido nomeado. E podem existir qualidades neste vínculo que são o amor e o desejo por conhecer. Este desejo move, no interior do bebê (e por que não dizer do cuidador também), suas ideias, que a princípio estavam muito próximas de sensações, na direção de um desenvolvimento constante. A cada estágio percorrido por esta ideia oriunda de uma experiência emocional, tal ideia se lança novamente ao Desconhecido, e assim sucessivamente.

O Desconhecido visto desta maneira parece um instigador da vida. É o inatingível que não cessa de se apresentar, paradoxalmente, sem nunca ser visto. É aqui também O, em sua dimensão inefável e incognoscível. Ao contrário, deixarmo-nos assombrar pelo Desconhecido a ponto de não mais buscarmos conhecer, paralisarmo-nos, isso parece morrer.

Quantas partes de nós parecem mortas-vivas quando nos aprisionamos em mitos pessoais, em falsas verdades e não ousamos nos questionar, não ousamos o movimento, temendo a catástrofe de romper com o que está estabelecido? Quando não encontramos um

espaço de trânsito seguro para a travessia à nova fase do desenvolvimento? Quando não confiamos, possivelmente porque não conseguimos encontrar dentro de nós aquele bom objeto, permeável e flexível, passível de troca e de conhecimento que nos dê coragem para atravessarmos rumo ao novo?

O Desconhecido é o Real, o que não se conhece, que não se revela na consciência, e é também de onde parece emanar a vida, o germe para que se crie o novo. E viver dá medo, viver não é preciso (no sentido de precisão), mas é tão preciso, (no sentido de necessário). Amedronta porque viver sempre se inicia dentro de um universo sentido como caótico, dolorosamente desordenado. A cada novo gesto da vida a seta volta no sentido da direita para a esquerda em  $PS \leftrightarrow D$ . E parece que, por mais que tenhamos passado por isso tantas e tantas vezes, será doloroso tantas e tantas e tantas vezes. Mas quem foi que disse que a vida se dá sem dor? Ficamos aqui também com o cantor e compositor Nascimento Junior (1982), o Gonzaguinha: “É a vida! É bonita e é bonita!”.

## 6. NAVEGANDO PELA LINHA DE SOMBRA

### 6.1. Criador

Pudemos pensar em uma linha a ser mantida em busca de um contato com o Desconhecido. Uma linha sem memória, sem desejo e sem compreensão. Pudemos observar os trânsitos intensos que se passam por esta área. A linha é tênue. Mantermos tal posição ideal em nossos consultórios é doloroso e requer larga experiência. Do contrário, buscamos atingi-la, como um norte. Quando possível, chegamos ao Desconhecido. Desbravamos novos mundos, criamos, erguemos construções junto de nossos pacientes. Sim, sempre a quatro mãos.

Pensemos agora em como este processo nos aproxima da *Linha de sombra* de Conrad (1917/2003). Para iniciarmos este caminho, vamos antes conhecer melhor esse autor, Joseph Conrad (1857-1924). Não que o intuito aqui seja uma interpretação direta da vida do autor, como mencionamos anteriormente. Mas pensemos em que momento nasceu esta obra e a partir de quem ela surgiu. Isto por considerarmos a análise de uma obra dentro da ideia de um campo, antes referida, que envolve o autor, a obra e o leitor. Vejamos se existe algo da vida do autor que nos pode ser útil neste sentido.

Vamos recorrer a Peters (2006) para auxiliar-nos com esta aproximação da história de Conrad. De acordo com o autor, o nome de batismo do referido autor era Józef Teodor Konrad Korzeniowski, nascido em Berdycz, parte polonesa da Ucrânia, no dia 3 de dezembro de 1857. O pai dele era escritor e engajado com a causa da independência da Polônia, que estava tomada e dividida entre Rússia, Prússia e império Austro-Húngaro. Devido às lutas do patriarca, que já havia sido preso, e às atividades revolucionárias dele, a família foi retirada para a Rússia em exílio, em 1862. Em condições precárias e de pobreza, os pais sofreram de tuberculose e Conrad perdeu a mãe em 1865. Voltaram à sua terra natal em 1868, mas, em 1869, o escritor perdeu também o pai por tuberculose. Tornou-se órfão. O pai é considerado herói na Polônia até os dias atuais.

Acredita-se que este tempo na infância com a família de origem influenciou na escrita de Conrad, em sua devoção à literatura, interesse por política revolucionária, assuntos sobre a Rússia, visão cética do mundo e um espírito de aventura. Isto nos soa bem interessante aqui, conhecer o Desconhecido parece requerer algo de arrojado. (Peters, 2006)

De acordo com Peters (2006), a família e os amigos tomaram conta de Conrad depois que ele perdeu os pais. Um tio materno, Tadeusz Bobrowski, foi especial nesse papel. Ele era

um homem conservador, com pensamentos muito contrários aos do pai do escritor. Ele também teve muitas influências sobre atitudes e escolhas na vida de Conrad. Com esta breve aproximação, notamos influências de naturezas opostas, algo entre o revolucionário e o tradicional. Oposição esta que pode ser difícil de equilibrar.

Desde 1872 com interesses pela vida no mar, um interesse incomum para um jovem polonês, só em 1874 Conrad teve permissão do tio para se mudar para Marselha, na França, e começar sua carreira. O preceptor mantinha-o financeiramente durante seus estudos, mas o aspirante a marinheiro parecia irresponsável com relação às finanças. Em 1876, Conrad embarcou em sua primeira expedição. Viajou ao Caribe e às Américas a bordo do *Saint Antoine*. Em 1878 o escritor já ganhava bem, envolveu-se em um romance, e provavelmente também teve envolvimento com contrabando. Na sequência, o que não fica exatamente claro em cartas trocadas com o tio, o jovem teria tentado suicídio, mas afirmou a todos ter se ferido em um duelo. (Peters, 2006)

Percebemos por esta biografia que o escritor aqui em pauta fez escolhas que o levaram para longe de casa. Não podemos dizer o que ele buscava, ou se, ao contrário disso, ele fugia de algo. Mas Conrad foi trilhando um caminho distinto do pai, do tio, dos jovens da época dele. Seguiu algo que parecia muito original, único. O momento da escolha profissional não tende a ser fácil e o jovem se lançou ao mundo e ao mar.

Por esse período, a cidadania de Conrad era um problema. O tio havia-lhe permitido ir para a França também porque, devido às atividades revolucionárias do pai, ele estava sujeito a um longo alistamento no exército russo. Assim, imaginaram que trabalhando em outro país o jovem poderia conseguir sua naturalidade estrangeira. Mas isto não funcionou na França. Mudou-se então para a Inglaterra, mesmo sem falar inglês. (Peters, 2006)

Novamente algo que nos impressiona. Um novo país, outra cultura e um idioma desconhecido. O então marinheiro buscava sua cidadania. Isto nos remete a um lugar de pertencimento, de segurança, onde se possa deitar âncora. Mas, insistimos, não sabemos o que ao certo Conrad buscava. No entanto, vamos pensando que buscar era o verbo em questão.

Navegou em muitos navios ingleses e em 1880 estudou para se tornar comandante. Passou nos testes e em pouco tempo tornou-se imediato, subindo gradualmente os degraus na carreira de marinheiro, chegando a segundo comandante e, tempos depois, em 1886, passou nas provas para se tornar capitão. Este fora o mesmo ano em que teve sua naturalização inglesa. Em 1888 deixou um navio onde era o primeiro imediato subindo a bordo de um navio que seria seu primeiro comando, *Otago*. Parecia uma carreira bem-sucedida. (Peters, 2006)

Estas experiências são relevantes aqui, tendo servido de bases para a escrita de *The shadow line* (em português, *A linha da Sombra*), dentre outros títulos publicados. Em 1889 decidiu deixar o comando do *Otago*, misteriosamente. Suspeita-se que ele não quis ter uma base permanente no Oriente – por onde tinha vasta experiência – ou que tenha tido o desejo de buscar uma carreira na Inglaterra. Então, rapidamente uma guinada se deu na vida de Conrad. Ele começou a escrever seu primeiro romance, *Almayer's folly* (em português, *Perdição ou A loucura do Almayer*<sup>5</sup>), escolhendo a língua inglesa para sua redação. (Peters, 2006)

Neste momento o marinheiro assemelha-se muito ao jovem capitão da obra aqui selecionada, justamente no momento em que ele começa a escrever. Trata-se de uma deserção envolvida em suspense, mas seguida de elementos novos, demarcando mudanças. No livro, por sua vez, o jovem capitão está prestes a assumir um comando, o comando de sua vida. E a arte é mesmo expressão do humano, da vida, da história que precisa encarnar em diferentes formatos para poder encontrar vazão, para poder ser comunicada e transformada.

Depois disso, Conrad buscou um comando na África. Ele conheceu alguns parentes seus distantes ali e fez sua primeira viagem de volta para a Polônia, depois de 16 anos. Interessantemente, depois de começar a escrever. Tendo recebido um cargo no Congo, fez uma das viagens mais importantes de sua vida, e esta experiência ficou registrada em seu “Diário do Congo” e influenciou importantes romances. Essa viagem teve grande impacto sobre ele, tendo se deparado com situações caóticas de doenças e ganância, teria influenciado drasticamente a visão dele sobre a civilização, a humanidade e a própria existência, o que poderíamos encontrar nas obras do autor. Voltou para a Europa no início de 1891, transformado. (Peters, 2006)

No final de 1891, Conrad aceitou o cargo de primeiro imediato a bordo do *Torrens*, que viajaria constantemente entre a Inglaterra e a Austrália. Em 1893 fez duas importantes amizades com Edward Lancelot Sanderson e John Galsworthy, que teriam destaque também como escritores. Estava com um pé no mar e o outro nos livros. Neste ano o marinheiro pediu seu desligamento do cargo do *Torrens* e decidiu fazer uma longa viagem à Polônia, sua terra natal. No final de 1893 estava de volta à Inglaterra e à procura de um novo trabalho. Tentou um trabalho em um navio a vapor, e foi à França, de onde traria passageiros ao Canadá, mas o empreendimento não deu certo. O tio Brodowski morreu logo em seguida, e Conrad sentiu

---

<sup>5</sup> Optamos por apresentar também os títulos das obras de Joseph Conrad traduzidas para o português. Tais títulos, doravante apresentados junto à primeira referência das obras, foram extraídos de Bottmann (2012), que faz um apanhado de todas as traduções para o português de Joseph Conrad. As obras que seguem apenas com o título em inglês não têm referida tradução para o nosso idioma.

muito essa perda. O jovem ainda não sabia, mas esta seria a sua despedida da vida no mar. É interessante pensar que depois da perda do tio uma guinada vai se dando na carreira do rapaz que passa mesmo de marinheiro a escritor. (Peters, 2006)

De acordo com Peters (2006), a procura do escritor por trabalho no mar estava infrutífera e na primeira metade de 1894 trabalhou para terminar seu romance *Almayer's folly*. Em agosto daquele ano começou a escrever *An outcast of the islands*. Em outubro, *Almayer's folly* foi aceito para publicação e Conrad estreou em sua carreira literária. Nos primeiros vinte anos desta carreira, seus livros, embora tivessem muito boa aceitação da crítica, vendiam muito pouco. Isto interferiu nas finanças, mas também em sua saúde. Em 1896 o rapaz casou-se com Jessie George, uma datilógrafa cuja origem humilde foi um dos fatores que intrigaram a muitos por causa de sua escolha. Escreveu *The idiots* (em português, *Os idiotas*), depois, começou a escrever *The Rescue*, que demorou em torno de 23 anos para ser concluído. Em janeiro de 1897 terminou de escrever *The nigger of the "Narcissus"*, sua primeira obra-prima literária, marco do início de uma fase muito produtiva.

Ao longo dos anos, Peters (2006) afirma que Conrad foi fazendo amigos de influência no círculo literário, seus romances eram publicados e, ainda que financeiramente não tivesse muito retorno, ganhou importantes prêmios.

O primeiro filho de Conrad nasceu em 1898, mesmo ano em que começou a escrever *Lord Jim* (o mesmo título em português) e também *Heart of darkness* (em português, *Coração das trevas*, ou *O coração das trevas*, ou *No coração das trevas*). Teve dois filhos ao longo da vida. Ele demorou em afeiçoar-se à ideia de paternidade, mas desenvolveu uma relação próxima com ambos. A figura de pai talvez fosse mesmo um dilema para o escritor. Por este período também recebeu seu primeiro prêmio literário, mas, apesar de ser aclamado pela crítica, continuava com dificuldades financeiras. (Peters, 2006)

Algo que ocorreu por esta época foram críticas pelo fato de Conrad ter deixado a Polônia, por escrever em inglês, como quem teria traído suas raízes. Tais críticas repetiram-se em outros momentos da vida dele e sempre feriam muito o escritor, que, talvez, sentia alguma culpa por ter deixado a Polônia. (Peters, 2006)

Sempre escrevendo muito, com importantes parcerias, ganhando prêmios, mas nunca vendendo tão bem, entre 1902 e 1904 Conrad escreveu uma de suas obras-primas, *Nostramos* (em português também *Nostramos*). Este romance custou-lhe bastante, tendo tido surtos de doenças e depressão até terminá-lo. Trabalhou no meio tempo em alguns textos que não eram ficção, mas relatos sobre sua vida no mar. (Peters, 2006)

Após publicar *Nostramos*, que não teve boa recepção da crítica inicialmente, Conrad teve alguma dificuldade para escrever. O que foi aos poucos se aliviando, ele foi escrevendo depois mais ensaios sobre sua vida no mar e um romance mais popular, chamado *Gaspar Ruiz*, e outro muito mais político, chamado *Autocracy and war*; em 1905 voltou a produzir como antes. (Peters, 2006)

Em 1906 seus ensaios sobre sua vida no mar estavam completos e preparou sua publicação com o nome *The mirror of the sea* (em português, *Espelho do mar*). Em meados desse ano nasceu o segundo filho de Conrad. Nesse ano, ainda, terminou *The secret agent* (em português, *O agente secreto*), após o qual novamente se deprimiu. A crítica a este romance, assim como a *Nostramos*, foi negativa, ambos foram mal compreendidos a princípio. (Peters, 2006)

É interessante a percepção de Peters (2006) de que, após cada uma das grandes obras escritas por Conrad, suas energias se esgotavam como se houvesse uma tensão acumulada no processo criativo que se dissipava quando terminado.

Um livro que contrariou esta lógica foi *The secret sharer* (em português, *O cúmplice secreto*, ou *O parceiro secreto*), que Conrad escreveu com bastante agilidade e concluiu prazerosamente. Por outro lado, na sequência, em 1910, concluiu *Under western eyes* (em português, *sob os olhos do ocidente*). Este teria sido um dos maiores desafios do escritor. Durante sua escrita, o autor sofreu de bloqueios, problemas financeiros, emocionais, físicos e psicológicos. Imagina-se que isto se deve ao fato de que este romance era mais próximo de sua vida infantil, quando estava mergulhado em um mundo político repleto de intrigas. Julga-se que este foi um ápice da criatividade artística de Conrad, e tudo o que veio depois, com exceção de *The shadow line* (em português, *A linha de sombra*), teria sido considerado inferior. (Peters, 2006)

De acordo com Peters (2006), nesse período o escritor conseguiu atingir um reconhecimento por seu trabalho e ganhou um auxílio financeiro permanente do governo. Mas apenas em 1912 sua carreira profissional começou a demonstrar melhoras com relação à venda de seus livros e a vida financeira de Conrad finalmente reagia, embora ele sempre gastasse mais do que ganhava.

Em 1914, após vinte anos sem voltar à Polônia, Conrad e sua família fizeram uma perigosa viagem para lá, devido à sua naturalidade britânica. Na volta, provavelmente pelo cansaço físico e mental aos quais se submeteu, ele adoeceu. (Peters, 2006)

Depois disso, entre 1915 e 1916, Conrad escreveu seu curto romance, aqui tão caro, *A linha de sombra*. O melhor dos trabalhos do autor depois que escreveu *Under western eyes*. A

obra foi parcialmente baseada na vida dele no mar e na obtenção de seu primeiro comando, também narra a história da imperceptível mudança da juventude para a idade adulta. (Peters, 2006)

Em 1916 Conrad teve uma breve passagem pela guerra, serviu como uma espécie de observador convidado das atividades navais. Foi em 1917 que a *Linha de sombra* tornou-se livro e foi dedicado ao seu filho Borys e a outros jovens que estavam se tornando homens enquanto lutavam na guerra. Tal livro foi muito bem recebido e consolidou o lugar de Conrad junto aos escritores mais importante de seu tempo. (Peters, 2006)

Escreveu muitas coisas depois disso, mas nada mais considerado obra-prima. Teve a perda significativa de seu agente e amigo, em 1922. Em 1923 esteve nos Estados Unidos, divulgando seu trabalho. (Peters, 2006)

Logo em 1924, no dia 3 de agosto, tendo apresentado dores no peito e falta de ar no dia anterior, morreu. (Peters, 2006)

Sobre as influências que Conrad pode ter recebido em sua vida, tendo vivido na Rússia, Polônia, França, África e no Oriente, ele era o escritor britânico que poderia ser considerado o mais cosmopolita. Quando escreveu, é interessante notar que o mundo passava por grandes transformações. Conrad viveu guerras, levantes políticos, avanços tecnológicos e científicos, avanços dos direitos sociais, presenciou o nascimento da teoria da evolução, da geometria não-euclidiana, da física relativista, e inserimos aqui também a psicanálise. Estas eram algumas das teorias que fervilhavam na época. Era uma época de mudanças profundas na civilização ocidental, com suas verdades absolutas sendo reavaliadas. (Peters, 2006)

Como um homem de seu tempo, pode ser considerado um escritor modernista, embora em suas obras apareça um cunho político, histórico e cultural, mantém também o foco no indivíduo, como quem traçou um caminho do meio. Uma importante influência social nas obras de Conrad diz respeito às consequências da industrialização, com o aumento da mecanização no mercado de trabalho, assim como da alienação e desumanização. O isolamento do indivíduo no mundo moderno, consequência de tantas revoluções, era um tema comum nas obras dele. O autor teve ainda influências do romantismo polonês, mesmo do pai dele, e mostra em suas obras traços impressionistas, quando fenômenos que são apresentados pela consciência das personagens, onde o sujeito altera o objeto e o objeto altera o sujeito, em uma interinfluência. Ele se recusava a se enquadrar em determinado movimento artístico, sentindo que isto iria restringir o seu trabalho. (Peters, 2006)

Conrad teve influências de filósofos da época, dentre eles Schopenhauer. Este filósofo recebeu influências de Kant, em especial as ideias de *nômeno* e fenômeno. O mundo com o

qual o ser humano é capaz de interagir era entendido apenas como representação da realidade, e não a realidade em si. A vontade corresponde à realidade que não pode ser apreendida como fenômeno. Esta vontade passará a ser entendida como vontade de ser, de existir. (Peters, 2006)

Peters (2006) divide o trabalho de Conrad em três períodos: inicial, médio e tardio. O período inicial é marcado por suas narrativas sobre o arquipélago malaio e pela profissão marítima, o que conferiu a Conrad o título de escritor do mar. O período médio concentra suas obras mais renomadas, vai de aproximadamente 1899 até 1911. No período tardio existe um declínio da qualidade das obras de Conrad, com exceção para *A linha de sombra*.

Joseph Conrad parecia buscar o novo. Buscou a França, buscou o mar. Não podemos analisar o que havia ali, mas notamos o quanto ele ousava. Por um tempo não podia deixar totalmente suas raízes, mantinha ligação forte e de dependência com o tio materno. Mas algo o impelia e também algo o prendia, ainda que não possamos saber exatamente o que era. Por que tardou em se assumir como escritor? Foi uma pergunta que não calou. Mesmo não tendo esta resposta, pensamos que há algo das figuras paternas interferindo aí. Mas, seja pelos mares ou pelas palavras que desaguaram em livros, ele foi longe, foi autêntico e isto aparece em sua obra. As travessias e rupturas necessárias para o encontro com uma identidade estão presentes em *A linha de sombra*.

## 6.2. Criação

Vamos agora conhecer melhor a obra *A linha de sombra*. Trata-se de um curto romance de Conrad (1917/2003), como visto anteriormente, originalmente publicado em 1917, sendo considerado como a última obra-prima do autor.

No enredo, um jovem marinheiro, primeiro imediato de um navio, sente-se mergulhado em uma vida que lhe parece sem sentido, entediante. Demite-se de seu cargo e deseja voltar para casa, deixar a vida no mar, ainda que não saiba exatamente o que fará quando chegar ao lar. Deixando o navio, hospeda-se na casa dos oficiais e marinheiros à espera do momento de voltar para casa. Lá encontra o capitão Giles, uma espécie de consultor de alta conta de assuntos marítimos. O capitão sonda o jovem marinheiro com relação à sua decisão. Fica claro que o jovem se encontra em um impasse, não sabe ao certo o que o levou a desistir do mar e não sabe ao certo o que fará dali em diante. Mas o capitão Giles percebe uma movimentação na hospedaria em que se encontram, haveria ali alguma trama envolvendo o jovem marinheiro, e ele chama a atenção do rapaz para o ocorrido. O fato é que haveria um

navio à espera de um comandante e o rapaz teria sido chamado a assumir o comando. A maneira como o capitão coloca os fatos, não os revelando de pronto, mas instigando o rapaz o leva à capitania dos portos, e o convite para que ele assuma o primeiro comando é feito e aceito, quase que impulsivamente. O jovem marinheiro vai às pressas ao encontro de seu navio. Quando lá chega, descobre que o navio estava atracado há tempos, o antigo comandante faleceu sem colocá-lo a navegar. A tripulação está à espera de um comando. Comando este que o primeiro imediato, Sr. Burns, achava que seria dele. Por este motivo, existe uma pequena desavença quando o jovem se apresenta como capitão e Sr. Burns é forçado, pela realidade que se apresenta, a entender que não será o comandante. O navio encontra-se burocraticamente preso no porto, e o jovem comandante se apressa a resolver os problemas ali presentes para poder içar âncoras. Nisso, a tripulação estava adoentada, foi tratada. O jovem comandante zarpa do porto. Mas depara-se com uma série de imprevistos em alto mar. Primeiro, a falta de vento que alimenta as velas de seu navio; segundo, a doença que continua a se alastrar pela tripulação e a descoberta de que o remédio que tinham a bordo havia sido substituído por um pó qualquer; terceiro, uma tempestade que precisam atravessar, mesmo nessas condições. São as vicissitudes da vida. Com muito esforço, paciência e mantendo-se em uma tênue linha entre a vida e a morte, entre a loucura e a sanidade, o protagonista consegue completar sua viagem. Chega ao outro lado sentindo-se transformado.

Tudo isto se passa em um clima de suspense introspectivo. O livro é narrado em primeira pessoa. De acordo com Stape (1996), nesta obra específica a narrativa de Conrad é entrelaçada com a temática potencial, e transmite a ideia de um distanciamento temporal, ligado ao processo de aprendizagem pelo qual passa o protagonista. O estilo intensifica a temática de iniciação em um meio que exige independência e responsabilidade por parte do protagonista.

### **6.3. Nossa travessia**

É chegado o momento de mergulharmos na obra *A linha de sombra* à procura do que nos levou a pensar que haveria ali um encontro com o Desconhecido. O livro é dividido em seis sessões, de modo que selecionamos passagens marcantes de cada uma delas e optamos por reproduzi-las aqui para que o leitor possa nos acompanhar e juntos possamos sonhar.

## Capítulo I

“Apenas os jovens têm esses momentos. Não me refiro aos muito jovens. Não. Os muito jovens não têm, a bem dizer, momento algum” (p. 15).

Aqui, logo no início do texto, o narrador situa o leitor acerca do momento da vida em que se encontrava quando a trama se desenrolou. Esta perspectiva de tempo é importante, trata-se de um tempo subjetivo, pelo qual todos os que já atingiram a maturidade já passaram. Esta configuração já nos dá a toada da introspecção do romance que segue.

E o que se busca nesta fase é interessante. Vejamos.

Cada curva de vereda tem suas seduções. E não porque se trate de um país desconhecido. Sabe-se muito bem que a humanidade já trilhou aquela senda. É o encanto da experiência universal, da qual se espera extrair uma sensação incomum ou pessoal – um algo que seja só nosso. (p.15)

A busca, no início da juventude, diz o autor, é por algo que seja realmente pessoal e único. Isto parece ser o mais instigante, o mais sedutor, de acordo com o narrador naquele momento. Não basta encontrar algo que seja desconhecido, mas é preciso que se tenha aí algo de autenticidade e, quem sabe, também de autonomia: “Vai-se adiante. E o tempo, também, caminha – até que se percebe logo adiante uma linha de sombra avisando-nos que também a mocidade deverá ser deixada para trás” (p. 15).

Assim uma passagem dessa juventude inicial para uma idade mais madura é anunciada, como uma linha de sombra que as separa.

Neste primeiro capítulo estamos no início da travessia. Há um clima de marasmo, de enfado. A desistência do trabalho no navio do jovem imediato transmite a sensação de uma vida sem oscilações, ou algo que acompanhe as oscilações tranquilas de uma embarcação no mar, o que pode nausear muita gente. E é neste clima que o jovem marinheiro decide abandonar esta vida e busca voltar para casa.

Mas o que haveria em casa? O que estaria ele buscando? Embora isso fique com um ar misterioso, haja vista que nem o jovem protagonista sabe bem o que deseja, ele fala em buscar algo verdadeiro. Ora, aquela vida enfadonha, mas bem levada, com prestígio, não lhe parecia verdadeira? Sua boa reputação e relação com os demais membros do navio não eram autênticas? Creio que não é aí que se encontra a falta de verdade. Esta parece residir justamente nesse aparente bem-estar, onde seria possível dizer que qualquer um seria feliz; mas o protagonista seria qualquer um? Encontra-se com o costureiro, com o mais do mesmo, conduzindo a uma sensação de tédio.

E subitamente abandonei tudo isso. Eu abandonei tudo daquele modo, para nós, inconsequente, pelo qual um pássaro voa longe de um galho confortável. Era como se, todo incompreensão, eu tivesse ouvido um sussurro ou visto algo. Bem – quem sabe! Num dia eu estava perfeitamente bem, no outro tudo me havia fugido – encanto, sabor, interesse, alegria, tudo. Era um daqueles momentos, você sabe. O verde mal do fim da juventude desceu sobre mim e levou-me embora. Levou-me embora daquele navio, é o que quero dizer. (p. 16)

O abandono da estabelecida rotina pareceu inevitável. Caso contrário, quem sabe o que o tal “verde mal” poderia causar ao jovem marinheiro? Difícil saber. Podemos divagar aqui e pensar que ali não havia mais espaço para crescimento, era preciso que se rompesse com algumas bordas para que se pudesse expandir. E são necessárias muita coragem e força vital para tal ato.

Enquanto eu saía do camarim de navegação ele acrescentou subitamente, num tom peculiar, ansioso, que esperava que eu encontrasse aquilo por que estava tão ansioso para sair e procurar. Uma frase suave, enigmática, que pareceu alcançar mais fundo do que qualquer ferramenta com ponta de diamante podia chegar. Eu sinceramente creio que ele entendeu o meu caso. (p. 18)

E assim consolidou-se a saída do jovem de sua vida pragmática. Ele recebeu apoio, sentiu-se compreendido, poderia ir adiante. Aliás, pensamos aqui que é com esta compreensão e com esta empatia que podemos ir adiante com mais leveza e desprendimento: “Os dezoito meses que haviam se passado tão cheios de novas e variadas experiências pareciam-me um enfadonho e prosaico desperdício de dias. Eu sentia – como poderei expressá-lo? – que não havia uma verdade extraída deles” (p. 19).

Eis o aprisionamento de uma vida sem a descoberta da verdade. Parecia aqui faltar espaço para o crescimento, para o novo. Isto lembra o espaço necessário de que falamos anteriormente e que impele ao conhecimento, que propicia que a vida aconteça.

O clima de marasmo permanece até que aparece alguém mais na história, o Capitão Giles. Esta personagem traz uma serenidade, mas também mais vida e ainda mais suspense à narrativa. Nesta primeira parte parece ser com esse encontro que começamos a sair de um estado de tédio.

Embora muito conhecido e valorizado no mundo da navegação, não tinha emprego fixo. Ele não queria. Ele tinha uma situação peculiar toda própria. Era um perito. Um perito em – como direi? – em navegação intrincada. Parece que ele sabia mais sobre partes remotas e imperfeitamente mapeadas do Arquipélago do que qualquer outro homem vivo. Seu cérebro devia ser um verdadeiro depósito de recifes, posições, rumos, imagens de promontórios,

formas de costas obscuras, aspectos de inumeráveis ilhas, desertas ou não. Qualquer navio que rumasse, por exemplo, para as Palauan ou alhures naquelas proximidades teria o Capitão Giles, ou em comando temporário ou assistindo o comando. (p. 24)

Ora, o Capitão Giles era um perito, um especialista em navegação complexa. Anuncia-se como alguém que detém o conhecimento, mas não de maneira arrogante, senão o conhecimento armazenado a partir de suas experiências. E este parece ser valorizado.

Mas o Capitão Giles revelou-se possuidor de uma filosofia mais profunda. As coisas no Oriente são muito facilitadas para o homem branco. Isto não era mau. A dificuldade repousava em conseguir continuar a ser branco, e alguns desses bons rapazes não sabiam como fazê-lo. (p. 25)

Detentor de conhecimentos mais profundos sobre a vida e sobre o humano, o trecho do livro, citado acima, que pode conter também uma crítica social, fica como uma espécie de alerta. Refere-se a um estranho hóspede que parece mais que apático, parece moribundo. O homem teria cruzado uma linha e, aparentemente, se perdido. A ideia de continuar a ser branco, presente na citação, então, pode nos remeter aqui a algo sobre não se perder, sobre continuar a viver dentro de determinada medida para que não se chegue a tal estado de morto-vivo. E este é, aparentemente, o caminho do não facilitado, é o caminho do movimento, do trabalho, da busca. Mas essa busca não parece muito clara e definida ainda para o protagonista.

De fato eu havia considerado o lado um tanto vago da situação que eu me havia criado deixando subitamente emprego tão satisfatório. E não me sentia muito contente com nada disso. Estava na ponta de minha língua dizer que bom-senso não tinha nada com o meu gesto, e que portanto não merecia o interesse que o Capitão Giles parecia estar lhe dedicando. (p. 31)

Ainda assim, o jovem marinheiro não parecia, a princípio, muito aberto ao novo. Vemos momentos assim na vida nos quais o conhecer e o expandir ainda parecem assustadores.

Um grande desânimo desceu sobre mim. Um torpor espiritual. A prosa de Giles continuava fluindo complacentemente: a própria voz oca da presunção universal. E eu já não estava zangado com ela. Não havia nada de original, nada de novo, espantoso, instrutivo a se esperar do mundo: nenhuma oportunidade descobrir-se algo por si mesmo, nenhuma sabedoria a adquirir, nenhum divertimento a desfrutar. Tudo era estúpido e supervalorizado, como o capitão Giles. Assim seja. (p. 36)

As verdades aos poucos vão se revelando naquela prosa, a princípio, enfadonha. Mas isto porque o Capitão, perito que é, pode deixar que o próprio jovem marinheiro chegasse às suas conclusões. Havia um esforço do protagonista para acompanhar o especialista, nas palavras do próprio narrador:

Mas não era hesitação de minha parte. Eu havia sido, se é que posso me exprimir assim, posto fora de marcha, mentalmente. Mas assim que me convenci que este gasto e inútil mundo do meu descontentamento continha uma coisa tal como um comando a ser agarrado, recobrei meus poderes de locomoção. (p. 42)

O jovem marinheiro fala em uma mente que parecia travada para compreender o que o capitão, lhe propunha. Acompanhamos o destravar não necessariamente com um *insight*, mas com o impulso por buscar algo novo. Ainda sem saber ao certo o que se buscava, o jovem vai até a Capitania dos Portos. Parece quase que enigmaticamente atraído para lá, para assumir sua convocação. Isso também poderia conferir à história ares de um destino. Mas não se trata disso. O marinheiro, ainda que não possa compreender o que se passa, parece seguir sua intuição.

No texto fala-se do poder da curiosidade, mas mantemos aqui a palavra intuição, pois acreditamos que muitas vezes não temos consciência plena do que se passa ao nosso redor, mas intuímos, farejamos, e nos direcionamos para a construção de nossa própria história. Podemos aos poucos ir assumindo o timão, ainda que demoremos em perceber que estamos neste processo.

O jovem marinheiro encaminha-se assim, quase sem perceber, a assumir o comando de sua própria vida, rumo a uma guinada daquela situação bucólica na qual estava preso.

É um bom pedaço da casa dos oficiais até a Capitania dos Portos, mas com a palavra mágica “comando” na minha cabeça dei por mim subitamente nas docas, como que transportado num piscar de olhos, ante um portal de pedras brancas trabalhadas, que encimava um lance de baixos degraus brancos. (p. 42)

## Capítulo II

É marcado pela ansiedade, pela excitação que cabe no sonho até sua realização. Como cada um lida com tais excitações? Isto é bastante particular. Mas o jovem marinheiro no livro nem dava ouvidos a certos avisos que chegavam meio travestidos da zombaria que os mais velhos desiludidos têm para com os sonhos dos moços. O herói parecia estar assim, flutuando e sonhando; de fato, era como se seus pés não tocassem o chão neste capítulo.

Ele estava na verdade caminhando comigo até a porta. Como parecia longe! Eu me movia como um homem amarrado. Mas chegamos a ela afinal. Eu a abri com a sensação de estar lidando com uma mera substância onírica, e então, no último minuto, o companheirismo dos marinheiros afirmou-se mais forte do que a diferença de idade e posição social. (p. 47)

E a realização do sonho, tornar-se capitão, parece não ser ainda bem assimilada a priori. Como se o fato estivesse realmente mais próximo de um sonho que da realidade.

Fiquei surpreso com o entusiasmo alarmado de “R”: – Sim, senhor! Ele correu adiante de mim em direção ao patamar. Minha nova posição caía-me ainda tão levemente que não me apercebi de que era eu, o Capitão, o objeto dessa última cortesia. Era como se de repente um par de asas houvesse crescido dos meus ombros. Eu simplesmente planava pelo chão polido. (pp. 47-48)

Tal era a sensação de regozijo do mais novo capitão, que se sentia flutuar. Isto nos remete a uma sensação de prazer, de uma conquista, ainda com ares de fantasia, de sonho. Como se coubesse ali nesse primeiro momento apenas o lado bom da experiência. Parecia, neste sentido, algo idealizado, ou, melhor ainda, lembrava a ilusão frente a uma primeira posse.

E alguma dose de ilusão é também importante na vida. Pensamos que sem esta não seria possível enfrentarmos desafios atemorizantes, talvez a realidade desvelar-se-ia demasiadamente crua e dura.

E agora ali estava eu com meu comando, totalmente dentro do meu bolso, de um modo realmente inegável, mas deveras inesperado; além das minhas fantasias, fora de qualquer expectativa razoável, e inclusive a despeito da existência de uma espécie de intriga obscura para mantê-lo longe de mim. É verdade que a intriga era frágil, mas aumentava a sensação de assombro – como se eu tivesse sido especialmente marcado para aquele navio que não conhecia por algum poder mais alto do que as prosaicas agências do mundo comercial. (p. 50)

As ideias da intriga e do assombro parecem anunciar outro lado da experiência, algo que não seria tão idealizado. Mas isto apenas se anunciava nesse primeiro momento. A magia e a onipotência, necessária neste sentido, parecia tomar ainda conta da situação.

Aqui me encontrava, investido no comando num piscar de olhos, não conforme o desenrolar normal das questões humanas, mas mais como que por encanto. Eu deveria estar mergulhado em assombro. Mas não estava. Eu me assemelhava muito às pessoas dos contos de fada. Nada nunca os assombrava. Quando uma carruagem de gala completamente equipada é tirada de uma abóbora para levá-la a um baile, a Cinderela não faz exclamação. Ela entra serenamente e vai ao encontro de sua boa fortuna. (p. 54)

Esta sensação, porém, não seria absoluta. Mas parecia essencial para convocar o jovem capitão.

Uma súbita chama de angustiada impaciência correu por minhas veias e deu-me um tal sentido de intensidade de existência como jamais experimentei antes ou desde então. Descobri o quanto eu era um homem do mar, no coração, na mente e, também fisicamente – um homem exclusivamente do mar e de navios. (pp. 54-55)

E, com essas experiências emocionais, o protagonista vai entrando em contato com a sua verdadeira busca: “O que eu realmente queria era pegar uma coisa nova. Sentia que estava na hora. Isso é tanta loucura assim?” (p. 57).

O jovem vai se aproximando de outro lado da realidade que se anuncia: “– Eu acho que você terá as mãos bem cheias de questões complicadas. Perguntei a ele o que o fazia pensar assim, e ele respondeu que era a sua experiência do mundo em geral . . .” (p. 58).

A figura do capitão do navio que leva o jovem marinheiro ao encontro de seu navio é de um homem bastante ríspido, mais velho. Passa a imagem das pessoas que amargam com as experiências da vida. Alguém, assim, que parece ter certo despeito com os sonhos ainda inocentes do protagonista: “Ele foi o primeiro homem realmente incapaz de solidariedade com quem eu jamais tivera contato. Minha formação estava longe de ser completa, embora eu não soubesse. Não! Eu não sabia” (pp. 61-62).

Esta ênfase no não saber é importante. A esta altura, o mais novo capitão ainda não poderia imaginar o que o futuro lhe reservava. E, mesmo assim, ele agia com certa onipotência, como se pudesse manter tudo sob seu controle. Apenas no futuro, no espaço imaginário em que se passa a transformação de protagonista a narrador, é que ele pode ganhar uma perspectiva diferente: “Minha expectativa, mesclada de medo, estava inflamada no mais alto grau. Como tinham sido vagarosos os dias da travessia, e como acabaram logo” (p. 62).

Neste momento, o medo do novo não o impediu de prosseguir a empreitada. O desejo foi maior: “Mas, no momento em que meus olhos pousaram no meu navio, todo o meu temor desapareceu. Foi-se rapidamente, como um sonho ruim . . .” (p. 63).

Ele finalmente chega ao encontro de seu tão esperado navio. É possível supor que a ilusão aparece novamente neste momento, já que todos os medos se dissipam com este encontro, e isto em apenas um olhar. Mas, esta onipotência parecia ainda necessária ao jovem protagonista, para que ele pudesse continuar seu caminho adiante.

Meia hora mais tarde, pondo os pés em seu convés pela primeira vez, fui possuído pela sensação de profunda satisfação física. Nada poderia igualar a plenitude daquele momento, a

integridade fantástica daquela experiência emocional que chegou a mim sem a preliminar fadiga e desencantos de uma carreira obscura. (p. 65)

### Capítulo III:

Uma sucessão de vários homens tinha se sentado naquela cadeira. Eu me apercebi desta ideia de repente, vivamente, como se cada um houvesse deixado um pouco de si dentro de quatro paredes de anteparas ornamentadas; como se uma espécie de alma composta, a alma do comando, houvesse sussurrado repentinamente à minha sobre longos dias no mar e momentos de ansiedade.

– Também você! Ela parecia dizer – também você experimentará daquela paz e daquele desassossego numa perquiridora intimidade com seu próprio ser – anônimo como nós fomos, e tão supremo diante de todos os ventos e todos os mares, numa imensidão que não aceita rótulos, não guarda memórias, e não contabiliza vidas. (p. 68)

O jovem capitão parece encontrar um lugar de pertencimento, um sentido na vida. Parece haver aí uma conexão com algo maior, o que possibilitaria uma conexão do protagonista com ele mesmo. O que continua na passagem seguinte:

Assaltou-me a ideia de que este homem que serenamente me olhava, e que eu olhava, ao mesmo tempo como se ele fosse eu mesmo e outra pessoa, não era exatamente uma figura solitária. Ele tinha o seu lugar numa fila de homens que não conhecia, de que ele nunca ouvira, mas que eram moldados pelas mesmas influências, cujas almas, e relação ao humilde trabalho de suas vidas, não tinham grande segredos para eles. (p. 68)

Esta era a emoção do jovem tomando posse de seu primeiro comando, em seu primeiro contato com o seu navio. Aquele jovem, perdido, que não sabia bem o que desejava, mas que buscava encontrar algo verdadeiro, parece encontrar raízes.

E o navio, que já tinha uma tripulação, possuía um imediato ansiando por se tornar capitão, era o Sr. Burns. Uma tensão desenrola-se entre os dois. Há o encontro do jovem, agora capitão, com o velho, ainda imediato.

No rosto daquele homem que eu julguei ser muitos anos mais velho do que eu, tornei-me consciente daquilo que eu já havia deixado para trás – minha juventude. E isso era realmente um parco consolo. A juventude é uma coisa maravilhosa, um poder incrível – enquanto não se começa a pensar a respeito. Eu senti que estava começando a ficar consciente de mim mesmo. Quase contra a minha vontade assumi uma melancólica seriedade. . . (p.70)

A partir destes encontros, o capitão começa a demonstrar a tomada de consciência do distanciamento de uma importante fase, sua juventude. Mas, entendemos que este seria um processo que estava apenas em seu início. Como uma travessia a ser feita, que não se dá de um instante a outro nem sem os obstáculos do caminho.

E estes começavam a se revelar. Na história, o navio de que se apossava havia ficado preso em um porto pestilento e abafado, com sua tripulação, aos caprichos, paixões e loucuras de seu velho comandante. Nas palavras do antigo capitão, reveladas pelo imediato, Sr. Burns: “– Se fosse segundo os meus desejos, nem o navio nem nenhum de vocês jamais alcançaria um porto. E eu espero que não alcancem” (p.77).

O imediato continuou:

é minha convicção que ele teria tentado levar o navio para o fundo com ele se isto estivesse dentro das possibilidades humanas. Ele nunca teve a intenção de deixar que o navio voltasse para o porto de origem. Ele não escrevia aos proprietários, nunca escreveu à sua velha esposa tampouco – e não ia escrever nunca mais. Tinha resolvido cortar as amarras e ficar à deriva de tudo. Isso é o que era. Ele não ligava para negócios, ou fretes, ou fazer uma rota – ou para nada. Ele queria ter ficado vagando pelo mundo até perder o navio com todos os homens junto. (p. 77)

Um capitão que não podia se apossar de seu navio e em sua impossibilidade desejava afundar o que um marinheiro tinha de mais valioso. Parecia-nos deveras algum tipo de loucura. Destes tipos que alguém enfrenta quando não pode se conciliar com a realidade, quando as amarras já parecem estar cortadas e a deriva é inevitável.

O autor parece nos apresentar, na figura do velho capitão, alguém que não pode realizar sua travessia, que, pelos motivos que fossem, não assumiu a responsabilidade de seu comando. Seria assim tão difícil? O que haveria além seria enlouquecedor? Provavelmente, sem a ilusão inicial que alimentasse, que impelisse, seria muito difícil içar âncoras.

Assim, o jovem narrador foi se ocupando de seu lugar no comando. Um lugar dentro de um espaço único, privado, ao qual somente ele poderia ter acesso. Parece ser um lugar de identidade. Esse lugar parece deter privilégios e, ao mesmo tempo, responsabilidades. Vejamos:

Eu já era o homem em comando. Minhas sensações não podiam ser semelhantes às de qualquer outro homem a bordo. Naquela comunidade eu me posicionava como um rei em seu reino, em uma classe solitária. Refiro-me a um monarca hereditário, não a um mero chefe de estado eleito. Eu fora trazido até ali para reinar por uma agência tão remota do povo e tão inescrutável para eles como a Graça de Deus. (p. 78)

Mas, nem tudo eram flores, ou, melhor dizendo, mesmo as mais belas flores podem ter seus espinhos. Havia uma herança negativa de entraves deixados pelo velho capitão e uma peleia com o imediato que queria ter se tornado o capitão, e outros problemas também começaram a surgir. Problemas burocráticos que impediam a partida do navio.

E, sem dúvida, o futuro trouxe um monte de problemas. Havia dias em que eu costumava me lembrar do Capitão Giles com nada menos do que repulsa. Sua maldita argúcia tinha me posto neste emprego, enquanto sua profecia de “ficar com as mãos cheias” estava se realizando, fazendo com que tudo parecesse feito de propósito para pregar uma piada de mau gosto na minha jovem inocência.

Sim. Eu tinha as mãos cheias de complicações que eram muitíssimo válidas a título de “experiência”. As pessoas têm uma ótima opinião acerca das vantagens da experiência. Mas nesse contexto a experiência sempre significa algo desagradável, enquanto contrária ao charme e inocência das ilusões. (p. 81)

A realidade apresentava-se de maneira mais inteira e as ilusões começaram a dar sinais de desgaste. Com o atraso da partida do navio em um porto pestilento, os homens da tripulação foram adoecendo. O comissário foi o primeiro a adoecer com sintomas de cólera, levado a terra para cuidados médicos, mas morreu. Depois o imediato, Sr. Burns, adoeceu:

Creio que em parte ele havia se desgostado até ficar doente; o clima fez o resto do serviço com a rapidez de um monstro invisível escondido no ar, na água, na lama da ribanceira do rio. O Sr. Burns era uma vítima predestinada. (p. 83)

Com homens adoecendo, aparece outra personagem importante, o solícito e afável cozinheiro, Ransome. Ele começara a assumir funções, auxiliando onde necessário.

Mesmo à distância seu corpo bem proporcionado, algo completamente típico de marujo em seu porte, o fazia sobressair. Olhando mais de perto, os olhos serenos, inteligentes, um rosto cortês, a independência disciplinada de seus modos, faziam dele uma personalidade atraente. Quando, além disso, o Sr. Burns me disse que ele era o melhor marinheiro do navio, eu expressei minha surpresa de que, estando no melhor de seus anos, e tendo aquela aparência, ele houvesse se alistado como cozinheiro de bordo.

– É o coração dele, o Sr. Burns dissera. – Tem alguma coisa errada com ele. Ransome não deve fazer muito esforço ou poderá cair morto repentinamente. (p. 84)

E com a tripulação assim acometida, a esperança do jovem comandante era o mar. Havia a ideia de que neste espaço tudo estaria salvo, soava quase idílica: “. . . eu lutava e

estava quase conseguindo abrir caminho para ir embora. Embora para o mar. O mar – que era puro, seguro, e amigo. Só mais três dias” (p. 87).

Iludia-se novamente. Mas, o que seria das difíceis experiências não fossem as doces e puras ilusões? Assim, o jovem herói parece ir seguindo um curso de uma progressiva desilusão, podendo guardar algo ainda importante dentro de si: “Uma vez no mar, eu não tinha medo de enfrentar coisa alguma. O mar era agora o único remédio para todos os meus males.” (p. 88)

Esta convicção, tomada como verdade, levou o Capitão a ignorar os conselhos do médico, que pedia para que ele aguardasse por mais tempo para que os homens estivessem melhores de saúde e para que um imediato novo pudesse substituir o Sr. Burns.

Mas, como ousamos imaginar, pensamos aqui se haveria outro jeito. Caso o jovem capitão não se enchesse de suas ilusões e agisse em sua onipotência, o que lhe conferia coragem, não ficaria ele preso ao porto, cada vez à espera de um novo problema se resolver? Não se tornaria ali também como o velho capitão? Não podemos saber ao certo, mas conjecturamos e sentimos que o caminho de um marinheiro é o mar, seja como for.

O barulho das amarras de terra caindo provocou uma mudança completa nos meus sentimentos. Era como o alívio imperfeito de quando se acorda de um pesadelo. Mas quando a proa do navio cabeceou rio abaixo e para longe daquela cidade, oriental e esqualida, eu não consegui sentir a esperada exaltação daquele momento conquistado com tanto empenho. O que havia, sem dúvida era um relaxamento de tensão que se traduzia numa sensação de cansaço depois de uma luta inglória. (p. 89)

A entrega do protagonista à sua verdadeira essência vai sendo construída dotada de beleza. Mesmo sem saber ao certo o que lhe espera, ele sonha, cria, crê e é atraído para o local ao qual ele parece pertencer. Podemos vislumbrar o encontro do capitão consigo mesmo, em cenas como a que segue, este encontro parece quase metafísico, como se ele próprio se encarnasse, sem perceber.

Depois do pôr-do-sol eu saí de novo ao trombadilho para encontrar somente um vácuo inerte. A crosta fina e isenta de características marcantes da costa não se podia distinguir. A escuridão levantava-se em volta do navio como uma misteriosa emanção das águas mudas e solitárias. Eu me debrucei no balaústre e voltei meus ouvidos para as sombras da noite. Nem um ruído. Meu comando bem poderia ser um planeta voando vertiginosamente dentro de sua rota fixa, num espaço de infinito silêncio. Eu me agarrei ao balaústre como se meu senso de equilíbrio estivesse me abandonando para sempre. (p. 90)

Perder o senso de equilíbrio para sempre em um espaço infinito e escuro. Que bela ilustração esta do que pensamos até aqui como o contato com o Desconhecido! Como só parece possível em casos nos quais colocamo-nos à disposição do mesmo. O processo de encarnar-se parece estar acompanhado de desencarnar-se.

E, a partir daí, na história começaria uma estranha, densa e enlouquecedora calma. Sr. Burns, que fora trazido a bordo mesmo doente, começava a culpar o velho capitão pelo que se passava. As exclamações do convalescente que aparecem devido à doença têm em seu conteúdo o sobrenatural, o fantasma não deixaria o navio partir. Mas, entre leves brisas intermitentes, o navio saiu.

Neste capítulo a ilusão teve seu encontro com a realidade. Mas a esperança ainda se mantinha ali, em algum lugar, à espera do mar, do vento, do movimento. Como se estivesse atrelada à liberdade, uma liberdade que se supunha ser o remédio para todos os problemas.

Mas esta liberdade real vai se apresentando, não sem obstáculos, entraves. A liberdade que por vezes se representa por um par de asas e pelo movimento precisa também de chão firme e de raízes, talvez, para que se possa estar nutrido e amparado frente à realidade e às responsabilidades que hão de se apresentar.

#### Capítulo IV

Com a âncora na proa e coberto de lona até as borlas, meu navio parecia estar tão imóvel quanto uma maquete assentada no rebrilhar e nas sombras do mármore polido. Era impossível distinguir entre terra e água na enigmática tranquilidade das imensas forças do mundo. Fui tomado por uma repentina impaciência. (p. 93)

Assim começa esta sessão do livro. Vamos acompanhando o sofrimento do protagonista e de sua tripulação a bordo de um navio que não se movimenta. Algumas brevíssimas lufadas de vento parecem surgir muito raramente. O clima vai se tornando pesado dentro dessa paralisia. Enquanto a tripulação vai se mostrando cada vez mais adoentada.

Correntes misteriosas nos levavam à deriva de lá para cá, com uma força sub-réptica manifesta na mudança de vista das ilhas que ladeavam a costa leste do Golfo. E havia ventos também, espasmódicos, e enganosos. Eles traziam esperanças apenas para projetá-las no mais amargo desapontamento, promessas de avanços terminando em terreno perdido, expirando em suspiros, morrendo para uma calma muda na qual as correntes faziam tudo como lhe aprazia – como aprazia um inimigo. (p. 101)

Neste cenário no livro, havia sempre a ideia delirante do Sr. Burns de que o velho capitão é quem estaria por trás de todo este sofrimento, orquestrando cada problema enfrentado no navio.

E mais um problema grave se revela: havia no navio um estoque de quinino que, por recomendação do médico, era distribuído pela tripulação doente e isto os mantinha ao menos vivos, ainda que adoentados. O jovem capitão descobre que o estoque do remédio fora trocado por outro pó qualquer, como um golpe real vindo do antigo capitão. O desespero toma conta. Além de não saírem do lugar, agora estariam ali presos também à irremediável doença.

E que desespero pode mesmo nos invadir frente a paralisias, quando delas estamos conscientes. O desejo de ir adiante, a crença de que é possível contrastada com entraves e obstáculos, não só externos, mas muitas vezes de nosso mundo interno. Um desejo contrastado com a sensação de impotência. Mas crença e desejo parecem mesmo ser contrários ao encontro com o Desconhecido.

Lembramo-nos do mito que envolve a Caixa de Pandora. Como um mito possui várias versões, com este não é diferente. Para alguns, a Caixa de Pandora seria aquela na qual estariam todas as graças da humanidade, inclusive a esperança; enquanto outra versão nos conta que a Caixa traria todos os males da humanidade, inclusive a esperança. E com estas duas versões apresentamos a ambivalência característica da esperança. Assim, em certos momentos, a esperança parece ser aquela que levará à ruína, a responsável pela insistência cega, mas isto se estiver sem ligação com a realidade. Em outros momentos, parece ser a única capaz de trazer a tolerância à espera, próxima de uma fé, permite que nos alimentemos de algo do passado, do que já tivemos um dia para então aguardarmos o que há de vir, ainda que não o conheçamos.

## Capítulo V

O brilho monótono e sem esperança do mar encheu meus olhos. Estava deslumbrante e estéril, monótono e sem esperança debaixo da abóbada vazia do céu. As velas pendiam inertes e frouxas, mesmo as pregas caídas de suas superfícies caídas não se moviam mais do que granito entalhado. (p. 109)

Assim, em tom de desesperança, em uma paralisia, estava o ambiente do jovem capitão, e dentro dele algo semelhante se refletia:

A intensa solidão do mar agia como veneno no meu cérebro. Quando voltei os olhos para o navio, tive uma visão mórbida dele como uma sepultura flutuante. Quem já não ouviu falar de

navios que são achados à deriva, por acaso, com suas tripulações inteiramente mortas? (p. 110)

Quando se perde daquilo que parecia manter a esperança, o que advém é o medo, a morte. Em um processo em que a espera vai se entrelaçando com o estancado, com o paralisado, parece não haver espaço para a vida. Quando nos falta vento às velas para navegarmos, seguirmos adiante, o que fazer? Como mantermos a sanidade? Como recuperarmos o vento? Aliás, o que seria aqui o vento, a força motriz?

Continuando com nosso herói:

eu tinha que suportar dentro de mim um tumulto de vitalidade em tortura, de dúvida, confusão, auto-acusação, e uma infinidade de relutância em encarar a horrenda lógica da situação. Não consegui conter a reclamação: – Sinto como se eu mesmo estivesse enlouquecendo. (p. 111)

Nestas circunstâncias, os homens a bordo do navio continuavam buscando manter-se em pé. Pareciam, na verdade, revezarem-se nesta função. Enquanto um aparecia deitado e outro cambaleando, aparecia alguém também ao timão. Assim vão se mostrando as personagens nesta sessão. A desesperança é realmente o que dá o clima neste momento. O jovem capitão se cobra pelo que está se passando. Vejamos:

Eu esperava encontrar olhares de censura. Não havia nenhum. A expressão de sofrimento em seus olhos já era realmente difícil de suportar. Mas isso eles não podiam evitar. De resto eu me pergunto se era o caráter de suas almas ou a solidariedade de suas imaginações que os fazia tão maravilhosos, tão merecedores de meu eterno apreço. (p. 119)

Um jovem que se encontrou consigo mesmo, encontrou um sentido, foi lançado neste caminho, a princípio tão cheio de onipotência, vê-se agora perdido frente à crueza deste encontro e em meio às suas responsabilidades.

Sabemos que o encontro com nossa verdade não é fácil nem indolor. Assumirmos o comando de nossa própria vida implica muitas vezes passarmos por situações muito semelhantes à que o capitão está passando nesta sessão. Os grandes feitos vêm acompanhados de grandes responsabilidades e essa realidade não é nada fácil de enfrentarmos.

O jovem capitão que imaginava saber exatamente como seria seu percurso vê-se desiludido frente ao encontro com o que era, na verdade, absolutamente Desconhecido. Sente-se enlouquecer, mas não abandona seu posto. Encontra na tripulação um apoio e ao mesmo tempo um motivo para seguir adiante. Na vida ou nos livros, não nos bastamos a nós mesmos.

Uma outra ferramenta ainda aparece ao jovem capitão, ser marinheiro.

Quanto a mim, nem a minha alma tinha têmpera dura, nem minha imagina o encontrava-se adequadamente sob controle. Havia momentos em que eu sentia, não são que iria enlouquecer, mas que já havia enlouquecido. . . . Eu era como um carpinteiro louco fazendo uma caixa. Por mais que ele estivesse convencido de ser o Rei de Jerusalém, uma caixa que ele fizesse seria uma caixa s . (p. 119)

Ele apenas navegava, conduzia seu navio e sua tripula o, de maneira s , embora se sentisse louco. Muitas vezes a caixa s  parece ser o que sustenta o carpinteiro louco. E na história, os que mais apareciam a esta altura eram Ransome, sempre às ordens, antecipando necessidades, e o Sr. Burns, com sua saúde e sanidade igualmente frágeis. Talvez ambos juntos compusessem algo deste carpinteiro maluco construindo uma caixa s .

Lembramo-nos da técnica, da disciplina. Quando frente ao escuro e caótico, precisamos diminuir as luzes, navegar sem memória, sem desejo e sem compreensão. Podemos ter encontros com algo semelhante à loucura, entregarmo-nos a certos estados de mente não explicáveis, mas   necessário mantermos a compostura, como o fio que nos trará de volta do labirinto.

Assim, na história, todos juntos v o fazendo suas travessias.   chegado um ponto que talvez todos estivéssemos esperando, um ponto no qual um desfecho para aquela situa o desalentadora se anuncia. O capitão nos fala: “Me parece que toda a minha vida antes daquele dia momentoso é algo infinitamente remoto, uma lembrança de juventude despreocupada que vai se apagando, algo do outro lado de uma sombra” (p. 125).

Então, algo no céu começou a mudar e o capitão vai sendo tomado por uma estranha perturba o. As mudanças do clima realmente se fazem sentir.

Eu achava que todos os meus sentimentos haviam sido amortecidos até o ponto da indiferença completa. Mas descobri que era penoso como nunca estar no convés. A negritude impenetrável cercava o navio tão de perto que parecia ser possível, metendo a mão para fora da amurada, tocar alguma substância de outro mundo. Era um efeito de inconcebível terror e inexprimível mistério. (p. 127)

Em um primeiro momento, o desfecho anunciado parece carregar em si algo da morte, que transborda:

A imobilidade de todas as coisas era perfeita. Se o ar enegrecera, o mar, pelo que eu sabia, bem podia ter se solidificado. Não adianta olhar em dire o alguma, esperar por algum sinal, especular sobre a premência do momento. Quando chegasse a hora a negritude sobrepujaria silenciosamente o pouco de luz de estrela que ca a sobre o navio, e o fim de todas as coisas

viria sem um suspiro, movimento, ou murmúrio de qualquer espécie, e todos os nossos corações cessariam de bater como relógios no fim da corda. (p. 127)

Uma tempestade estava se formando, a escuridão tomava conta, todos os homens que tinham algum resto de força no navio foram reunidos para enfrentá-la, ainda que parecessem um tanto quanto fantasmagóricos. A loucura e o medo pareciam construir o sobrenatural destas cenas. O jovem capitão sentia-se frente ao seu fim anunciado e lhe pesava carregar consigo toda a sua boa e dedicada tripulação. Mas estavam todos ali, enfrentando a escuridão, o que havia de vir. Esta vinda era temida e ao mesmo tempo aguardada.

## Capítulo VI

“Era impossível adivinhar de onde viria a pancada. Olhar em volta do navio era olhar para dentro de um precipício negro, sem fundo. O olho se perdia em profundidades inconcebíveis” (p. 131).

Para enfrentar esse momento é como se as personagens também se despojassem de seus sentimentos, ficassem absortos pela função, pelo manejo, serem marinheiros era tudo o que podiam. E em uma tripulação reduzida pela pestilenta má sorte, restavam o Capitão e Ransome, com alguma força sobressalente; e Gambрил e o Francesinho, outros marinheiros que pareciam extrair forças do além para se colocarem ao timão; fez-se também uma aparição do Sr. Burns, que necessitava ao menos testemunhar aquele momento de encontro com a escuridão.

Eu me movi para a frente também, fora do círculo de luz, para dentro da escuridão que se erguia à minha frente como uma parede. Com um passo eu a penetrei. Tal deve ter sido a escuridão antes da criação do mundo. Ela se fechara atrás de mim. Eu sabia estar invisível ao homem do leme. Nem eu tampouco via qualquer coisa. Ele estava só, eu estava só, cada homem estava só onde se encontrava. E todas as formas haviam desaparecido também, vergoneta, vela, guarnições, balaústres; tudo estava riscado ali pela apavorante uniformidade daquela noite absoluta. (p. 134)

E se no princípio tudo era a escuridão, talvez aí testemunhamos no livro algum princípio. Seriam assim todos eles? “Todo endurecido e quase sem respirar, eu esperava com uma expectativa horrivelmente tensa. Nada acontecia. Era enlouquecedor.” (p. 134)

Até que: “De repente – como direi? Bem, de repente a escuridão virou água. Esta é a única imagem adequada” (p. 135).

Uma chuva caudalosa começou. Mesmo as luzes da bitácula do timoneiro Gambрил se apagaram com tanta água. Era a escuridão total. E, então, vem o capitão acalmando seu

homem ao leme: “ – Não faz mal, eu disse. Você não precisa de luz. Só o que precisa é manter o vento, quando ele vier, atrás de sua cabeça. Você entendeu?” (p. 136)

Ora, vemos aqui um marinheiro sendo marinheiro com suas entranhas, com todos os seus sentidos e aproximando-se do psicanalista.

Era o momento de tensão extrema, e foi aliviado por uma sensação abrupta do navio se movendo para a frente, como que por si próprio, debaixo dos meus pés. Eu ouvi distintamente o sussurro do vento em cima, o ranger discreto das varas no alto suportando a pressão, muito antes que eu pudesse sentir a menor aragem no rosto voltando para trás, ansioso e sem visão como o rosto de um cego. (p. 138)

E assim é que, finalmente, recupera-se o movimento nesta história. Mas este não é ainda o fim da linha. Há ainda muito o que fazer. Apesar de terem finalmente movimento, precisavam saber ainda como fariam com o navio chegando ao porto, como fazer as manobras necessárias com a tripulação assim arrasada. O próprio capitão responde quando é a ele perguntado: “O navio está nos levando agora. Só o que podemos fazer é dirigi-lo . . .” (p. 145).

Na última noite do navio ao mar, o capitão, ao leme, confessa:

E eu dirigia, cansado demais para ansiedades, cansado demais para pensamentos encadeados. Eu tinha momentos de exultação cruel e depois meu ânimo afundava horrivelmente com o pensamento daquele castelo de proa na outra extremidade do convés escuro, cheio de homens atacados de febre – alguns deles morrendo. Por minha culpa. Mas não importa. O remorso tem que esperar. Eu tinha que dirigir. (p. 147)

Dirigir um navio que os levava. Uma ação sobre a qual não se poderia ter controle algum. E, mesmo assim, sobre a qual pesavam as responsabilidades. Não seria aqui a tarefa do marinheiro muito próxima da ideia que carregamos acerca da vida, de sua imensidão e do Desconhecido quando nos tornamos conscientes?

Voltando, já na área de aproximação do porto, os únicos homens ainda capazes de algum trabalho eram o Sr. Burns – incrivelmente –, Ransome e o capitão. Assim, Sr. Burns tomou o leme enquanto Ransome e o capitão faziam as demais manobras necessárias no navio: “A transpiração do trabalho e do puro nervosismo simplesmente escorria das nossas cabeças enquanto lutávamos para deixar a âncora pelos cabelos” (p. 148).

Precisavam continuar, apesar de tudo, era a chance de aportarem. Chegaram a um ponto próximo a um porto, onde puderam parar e obter ajuda, tanto médica para a tripulação, como de mais homens que pudessem terminar os serviços necessários a bordo. A tripulação

chegara inteira e muito mal, mas inteira, foi devidamente removida para cuidados médicos fechando o que o capitão chamou de: “. . . última provação daquele episódio que estivera amadurecendo e temperando o meu caráter – embora eu não soubesse” (p. 151).

Depois, podendo desembarcar:

É estranho como chegando em terra me chamou a atenção o passo lépido, os olhares vivazes, a forte vitalidade de todos a quem encontrava. Aquilo me impressionou enormemente. E dentre aqueles que encontrei estava, é claro, o Capitão Giles. (p. 152)

Sobre como se sentia, o – não mais tão jovem – capitão disse ao Capitão Giles:

– Não, eu disse. Cansado, não. Mas eu lhe direi, Capitão Giles, como estou me sentindo. Eu me sinto velho. E devo estar. Todos vocês aqui em terra me parecem um bando de rapazolas levianos que nunca souberam o que é uma preocupação na vida. (p. 153)

E continuando o diálogo entre capitães, inicia o Capitão Giles:

– Não! Não! A verdade é que não se deve dar importância demais a nada na vida, bom ou ruim.

– Viver a meia-velocidade, murmurei perseverante. – Nem todos conseguem fazê-lo.

– Logo você estará satisfeito se conseguir tocar mesmo nesse passo, ele retorquiu com seu ar de virtude consciente. – E há mais uma coisa: um homem deveria enfrentar sua má sorte, seus erros, sua consciência e todas essas coisas. – Ora – o que mais há para se combater? (pp. 153-154)

De volta ao navio, há ainda uma última despedida, a de Ransome, que pedira antes sua dispensa e aguardava para se despedir. Companhia devotada e solícita do capitão que pode agora partir e cuidar de si, com o inimigo conscientemente carregado no peito.

E assim encerra esta obra, com um maduro encontro do capitão consigo mesmo, inclusive com os aspectos mais difíceis da vida, responsabilizar-se por quem se é e aceitar a presença do Desconhecido.

#### **6.4. Soltando ideias**

Iniciemos pelo que nos despertou a atenção referente ao escritor Joseph Conrad. Ele parece ter escrito muito também de sua própria história neste livro abordado. E haveria algum escritor que não escreve sobre si em suas linhas? Bem, pensamos aqui nas experiências

peçoais de Conrad, em sua travessia de jovem marinheiro a escritor, na possível influência desta travessia na obra em questão.

Compreendemos com esta obra-prima que é *A linha de sombra* como um marinheiro pode percorrer trilhas semelhantes às dos escritores, no sentido de que ambos, de alguma maneira, vão navegando por terras distantes e se entregando a um desconhecido fluxo. Não seria assim também o ofício do psicanalista?

Conrad demorou anos para assumir-se como escritor. Não podemos saber ao certo o motivo, mas imaginamos aqui que, sendo ele o filho de um também escritor, poderia haver algo aí de uma linhagem com a qual ele parece ter passado por um processo até poder se conectar. O que fica claro em sua biografia é que ele pode ser, acima de tudo, original. É cosmopolita, errante, tem influências das mais variadas em seu trabalho. Parece ter assim algo de uma abertura, uma sensibilidade para captar o externo e para pôr em palavras o interno, já que é também autor que fala com profundidade da experiência humana. Um autor que transita entre os mundos. Novamente, características que nos fazem pensar na prática da psicanálise.

Pensemos agora na obra *A linha de sombra*, no caminho traçado pela personagem criada por Conrad (1917/2003). Com o tom da introspecção, na primeira sessão do livro mergulhamos em um mundo que perdeu a graça, que parece ter sido de todo explorado e já não apetece mais. Na segunda, encontramos-nos com a promessa de um sonho, de um mundo novo ideal que se anuncia.

Ora, não seria este também um caminho rumo ao Desconhecido? Para buscar algo novo, parece ser necessário que o velho já não sirva mais, já não satisfaça, é necessário que as bordas pareçam apertadas para que se empreenda uma reforma de expansão. E é também importante a ilusão, como foi dito, para que as demolições, necessárias, não assustem em demasia.

Nas sessões seguintes, começam os problemas, a realidade vai se apresentando mais crua e o nosso protagonista precisa enfrentá-la. A princípio mantém sua esperança, mas, até mesmo esta é abalada. O jovem que acreditava saber tanto encontra-se com as mãos cheias de problemas. Não haveria ilusão que resistisse ou esperança que não resvasse frente ao encontro com o incontrolável. Primeiro a escuridão, depois o caos parecia ir tomando conta de nosso herói.

Ele buscava um sentido, uma verdade. Sua verdade era ser marinheiro. Para isso precisava estar entregue às incertezas do oceano, sem entregar-se ao canto das sereias. Como o carpinteiro louco, fazer uma caixa sã, como um marinheiro desgastado, não se perder de seu navio e de sua tripulação.

Existe um aprendizado aí, o jovem capitão amadurece em sua jornada, caminha de uma faixa de ilusões, de crenças e onipotência para um estado de poder reconhecer que não possui o controle, apenas dirige um navio que o leva. Esta transformação foi forjada na escuridão, no caos, na angústia. O capitão ficou entre a loucura e a sanidade, entre a vida e a morte. Foi através da experiência que pôde aprender seu caminho, mais próximo da realidade.

Como um herói trágico, assumiu suas responsabilidades, pôde reconciliar-se consigo mesmo, enfrentando o irremediável. Saiu desse processo, transformado. Muito mais próximo do marinheiro que ele precisava ser. Parecia sentir sobre os ombros o peso das responsabilidades que a vida implica, conhece melhor seus pontos fracos.

E este encontro com a própria vida parece não ser viável sem podermos pensar no atravessamento do Desconhecido, sem esta entrega à escuridão. Desde o momento em que o herói parece perder o equilíbrio até sentir-se deveras enlouquecendo, ele parecia em um conflito entre lutar contra o que se apresentava e deixar fluir a vida que ali se apresentava, ainda que assustadora. Mas este parece ter sido para o herói a abertura de novas possibilidades, de criação.

Em muitos momentos da obra imaginávamos junto com o jovem capitão o medo, a loucura, o perder-se, a morte. Tolerar, como for possível, o trânsito pela tênue linha parece ter sido essencial para a sobrevivência do protagonista, de seu navio e de sua tripulação.

As personagens Ransome e Sr. Burns nos remetem mesmo a uma dualidade: a sanidade e a loucura e a vida e a morte.

Transitar por esta linha de sombra parece assim ser mesmo atravessar o Desconhecido, para que possamos também nos reconciliar com o que estava na mais profunda essência de nós mesmos. Não obstante, esta paradoxal travessia, que nos lembra os espaços transicionais, não parece apenas se dar com o que já estava e precisava ser revelado, mas também com as novas construções que permitam este acesso e que possibilitem irmos adiante, para onde nem poderíamos imaginar. Esperamos ter aprendido com a ilustração que esta obra traz algo deste atravessamento.

## 7. PORTO FINAL

Chegamos também ao nosso porto. Como o jovem capitão, não sentimos nossa travessia completa, sabemos que precisamos continuar e que temos muito o que fazer. Mas esta jornada precisa encontrar seu destino final, até mesmo para que outras possam nascer.

Seguimos aqui um caminho longo, por vezes com fortes ventos soprando em nossas velas, em outros momentos sentimo-nos em uma tensa calmaria, como a vivenciada pelo navio da história de Conrad (1917/2003). Iniciamos até mesmo assombrados com a jornada que decidimos percorrer: falar sobre o Desconhecido. Confessamos que nos sentimos corajosos em certos momentos, mas também insanos em outros por termos elegido tal empreitada. Isso porque, mais uma vez retomamos aqui, o Desconhecido não é apreensível, é, como tantas vezes nos lembrou Trinca (2012, 2015), aquilo que não cessa de não se conhecer.

Pudemos chegar a algumas ideias até este momento sobre o atravessamento do Desconhecido. Vejamos:

a) O Desconhecido assemelha-se ao Real.

Partindo de Trinca (2012), o Desconhecido é algo que nos remeteu fortemente à ideia de Real. Esta é uma reflexão que precisávamos retomar: seria o Desconhecido o mesmo que o Real? Esta acabou por se revelar uma difícil questão transpassando nosso trabalho. Foi preciso que nos aprofundássemos na compreensão de Trinca (2012) de Real para chegarmos a alguma ideia a respeito. Ainda assim, talvez precisaremos de mais tempo e leituras, do que infelizmente não dispomos aqui, para ampliarmos.

Até então, entendemos que o Real de Trinca (2012) se assemelha ao que Bion chama de O, assim como também o Desconhecido que aqui propomos o faz. Pensemos em ambos como aproximações. Afinal, referimo-nos a fenômenos que não se apreendem, que não se representam, fica muito difícil defini-los, fechá-los e demarcar suas diferenças exatas.

Esperamos, quando nos referimos ao Desconhecido, que tenhamos transmitido uma ideia que amplia a noção de realidade última. Não queremos soar pretensiosos, mas é que adotamos um vértice que supomos diferente, não como *uma* realidade última, mas de *múltiplas* possibilidades e realidades.

Ao não fecharmos a definição de Desconhecido e quando não o colocamos como sinônimo exato de Real ou de O, pretendemos trazer este sentido, o de um pensamento complexo. Não acreditamos apenas em uma possibilidade de um infinito, um transcendente, mas lidamos com algo que também se modifica nos campos, que se constrói nas relações e

nos espaços potenciais. Parece que lidamos assim com possibilidades infinitas de infinitos. Quando abriremos o leque, podemos tomar um caminho no processo de vir a ser, mas as modificações ali erigidas podem não apenas revelar, mas reformar ou construir outra infinidade de caminhos possíveis.

Na clínica isso é muito interessante quando o universo do analista encontra com o universo do paciente, não temos universos acabados previamente definidos. Temos ali um encontro de infinitas possibilidades. Neste cenário chegamos a pensar no Desconhecido como um nome dado para tentarmos entender este conjunto complexo de sistemas, em constante interação, que não concebemos como sendo fechados em algo unitário.

Assim, pensamos que o que se passa em uma sessão, esse tal Desconhecido que não podemos conhecer, mas ao qual precisamos nos entregar, nos despojando de nossos sentidos, em um processo de vir a ser, cuja visitação parece ser disruptiva, não é algo que está posto e que se revela, apenas. Como o experimento imaginário do gato de Schrödinger, no qual um gato dentro de uma caixa pode estar ao mesmo tempo morto *e* vivo e o fato só se conhece quando um observador abre a caixa, é impossível sabermos o que vamos encontrar, qual aspecto do Desconhecido vai se apresentar, até o momento do encontro, e, daí adiante, que influência isto terá nos eventos futuros inicia outra série de mistérios.

b) O Desconhecido é enigma *e* criação.

Com a caminhada até aqui, deparamo-nos com o Desconhecido muitas vezes enquanto um enigma. Emprestamos a ideia de Figueiredo (2003) para nos auxiliar a pensar o enigma não simplesmente como aquilo que demanda uma tradução, como que se houvesse ali uma resposta a priori a ser compreendida a posteriori. Mas como algo que demanda resposta ainda a ser construída.

Assim, mesmo quando nos referíamos a algo enigmático do Desconhecido, pensamos na necessidade de construções, edificações. Trata-se do que está e precisa ser escavado, encontrado, podendo surgir como questão. Esta não demanda respostas, mas um estado de abertura ao novo, de expansão, possibilitando construções que permitam novas questões aparecerem, e assim sucessivamente. São operações em níveis distintos, mas que funcionam em um sistema complexo.

E entendemos, com a ideia de *rêverie*, por exemplo, que as importantes construções que podem nos levar a expansões se dão em vínculos com características de amor, conhecimento e gratidão. A ideia de que não nos fazemos sozinhos nos faz pensar aqui:

existiria mente não fosse outro ser? Como seria essa mente que crescesse em completo isolamento? Haveria Inconsciente ou consciente? Não podemos responder a essas perguntas, são abstrações a que chegamos quando pensamos que a existência, inclusive mental, só pode acontecer com a conexão real com o outro, em presença. Isso não é novo, na verdade, mas é espantoso como é recorrente.

Pudemos pensar aqui na importância de, portando uma mente que comporte a escuridão e o caos por já conter o bom e a esperança, lançarmo-nos ao Desconhecido para que o novo possa ser criado. Como em cada processo de criação, existe a necessidade de tolerarmos a turbulência, as ansiedades da PS – presentes nas cesuras – para que possa emergir posteriormente alguma coesão, integração, uma forma nova. Até mesmo uma forma inédita de olharmos para velhos pedaços da vida. Isto possibilita o que era antes impensável e temos a criação de novos universos.

c) O tempo do Desconhecido também é complexo.

Outra questão que nos fez pensar muito nesta jornada pelo Desconhecido foi algo relacionado ao tempo. A princípio, isso apareceu quando nos perguntamos sobre de que memória precisávamos nos despojar para buscarmos o encontro com o Desconhecido. O tempo entrou aí porque nos perguntamos sobre as memórias do tempo passado. Encontramos uma recomendação técnica muito envolvida com o tempo presente.

Mas pensamos que existem memórias muito importantes sim para o trabalho analítico, não só as do passado, quiçá também as do futuro, como influência para a constituição do momento presente. Não se trata de memória como a de registros. Falamos de uma memória enquanto matéria-prima, fruto de experiências emocionais, e não de memórias como âncoras, do tipo que nos prendem por pensarmos-las como verdades. As memórias do tipo recordação é que nos seriam úteis em sessões de psicanálise, como produtos de uma evolução vivida no aqui e agora da sessão. A memória que a disciplina bioniana nos parece sugerir evitar é aquela que tampona, que parece ligada a ideias dogmáticas, de um “assim foi” que conduz a um “assim será”, passando por um “assim é”, de um tempo absoluto e imutável.

E a questão da memória nos remete, então, à temporalidade. O tempo com o qual trabalhamos em análise parece um emaranhado do tempo consciente com o tempo inconsciente. Observem como novamente estamos dentro da ideia de sistemas complexos. O tempo não é algo fixo, rígido. Infelizmente, esta ideia nos é desorganizadora. Foi preciso que construíssemos uma mente, uma consciência que organizasse o tempo, que o segmentasse de

modo a não nos lançarmos no infinito. Mas mantemos no Inconsciente esse registro de infinitude, de um tempo também informe e múltiplo em possibilidades.

Assim, podemos pensar que a nossa consciência foi desenvolvida como uma ferramenta para entrarmos em contato com o universo. Mas ainda somos muito limitados. Entrar em contato com a ideia de complexo, de infinito, dói. A sensação é desintegradora. Quem sabe um dia possamos evoluir, soltarmo-nos com mais liberdade de tantas amarras e apetrechos? É o que parece propor a ideia de capacidade negativa.

d) A literatura é um recurso para a aproximação rumo ao Desconhecido.

Acreditávamos no recurso das artes e isso só se fez confirmar. Mais do que uma simples ilustração, o texto parece realmente anteceder o psicanalista. Os escritores falam de nossos problemas teóricos com tanta fluidez e sapiência que é espantoso. Sim, porque ambos falamos do humano.

O desejo do autor possivelmente está por trás do texto, assim como o do pesquisador também parece estar por trás da pesquisa. É preciso que tomemos cuidado para que não sejamos traídos por nossos desejos e não tomemos conclusões precipitadas, não forcemos uma compreensão apressada. Mas o desejo nestes casos parece ser mesmo de onde brotam as páginas escritas, lá, no umbigo do texto, ousamos agora dizer.

Existe um lá também que parece ser uma conexão com mais do que o Inconsciente pessoal, um lá que atravessa o texto e entra sem pedir licença no teclado do escritor. O escritor criativo parece ter um conhecimento não só do humano, individual, mas da humanidade, como um todo. Não queremos parecer místicos ou coisas do tipo, mas existe um “lá” do texto, citado por Bellemin-Noël (1978), que não pode ser esquecido.

Encontramos a literatura para pensarmos o Desconhecido a princípio por espelhamos em Freud, como um modelo, mas descobrimos a intuição, a literatura é também porta-voz do Desconhecido. E este, que por vezes parece aprisionado nas palavras, mas que em outras parece estar contido por elas. Que tem suas filigranas difíceis de serem representadas na linguagem escrita, mas que podem se apresentar pela lapidação do autor, ou pelo que escapa deste trabalho.

O momento de análise de um texto, sendo o encontro do autor no texto, do texto em si e do leitor, pode também ser um momento de criação, de construção de novos vértices. Não só viajamos quando lemos, como também podemos nos permitir construir deveras novos mundos.

Destarte, pensamos termos nos aproximado do Desconhecido. Certamente foi uma jornada emocionante, de ampliação de ideias. Não é de nosso interesse forçar compreensões acerca do Desconhecido, nem ao menos sabemos se este pode ser compreendido. Ora, o que sabemos? O que sabemos ainda é incipiente. E este é um enorme desafio para a prática clínica psicanalítica: lidarmos com o que não sabemos e não temos condições de fazê-lo. Esta ideia esbarra nas dificuldades de lidar com nosso próprio narcisismo.

Assim, vamos vendo que, mais do que almejarmos compreender, necessitamos da paciência, da respiração e da transpiração. Chegarmos a uma sessão sem desejar, seria isso possível? Sem desejar pelo paciente, talvez. Mas sem o nosso próprio desejo? É preciso análise, supervisão e estudo para entendermos melhor esta seara. E se outrora queríamos, hoje queremos nos perder de ontem e de amanhã. A entrega é ao hoje. Aqui e agora. Despojarmos da memória parece também um desafio, dos grandes. O que fica mais tranquilo quando aprendemos que podemos manter a recordação. Esta compreensão parece ter nos salvado aqui de uma disciplina quase mecânica.

E toda esta disciplina é proposta para que possamos segurar o fio e encontrar a saída do labirinto. Mas, que labirinto? Acaso há paredes? Neste lugar de soltura as coisas parecem mais etéreas do que concretas. Essa é uma propriedade que nos permite mais, que nos dá fluidez. As paredes do labirinto existem quando não atingimos este estado. Assim imaginamos e, com isto, aproximamo-nos mais da ideia dos cárceres, como os registrados pelo artista Piranesi (1749), que pode ser apreciado na Figura 4.



**Figura 4.** *The round tower*, Piranesi (1761).

E a imaginação e o sonho acompanham-nos pelo caminho em busca da liberdade. A esperança e a ilusão também, para que possamos adentrar em pesadelos, mas dele possamos voltar. Sim, o pesadelo pode ser parte do caminho, as florestas densas, lugares mal-assombrados, pessoas famintas, doentes, ensandecidas. Às vezes, desceremos ao inferno. Do outro? Acompanhando o outro? Também. Mas encontraremos o nosso no caminho, não falseemos a realidade. Estas veredas são inevitáveis.

Por isso a qualidade fluida, a soltura, a esperança, mas também a disciplina e a transpiração são tão necessárias, para podermos voltar. Transitaremos pelo intransitável. Sentiremos o inefável. E não podemos nem ao menos dizer que sabemos sobre o que estamos falando. Ou podemos, agora, ousar dizer, falamos do Desconhecido. Estamos nos aproximando do fim. Ele também abre ao Desconhecido. Mas existe vida lá, além. Ninguém voltou para contar, mas intuímos. Atravessá-lo dói. Se há dor, porém, ainda estamos vivos. E se podemos pensar em tudo, com tudo, não estamos inteiramente loucos. Coragem.

É possível sim encontrarmos terra firme e fértil além-mar. Quando bem acompanhados, quando nutridos com o bom objeto e com a esperança. A jornada, transformadora que é, nos torna mais maduros, mais conscientes de nossa realidade. E esta jornada podemos fazer quando deitados em um bom divã e também quando sentados em uma poltrona atrás deste, inspirados por nossos pacientes. Mais ainda, quando mergulhando na literatura, em poesias, músicas, danças, obras de arte, e nos deixamos tocar, podemos também encontrar caminhos para uma libertadora metamorfose.

Aqui, ousamos discordar das ideias de que o analista é como um arqueólogo em suas escavações. Pode ser também este. Mas é ainda cocriador de peças de arte junto de seu paciente. Pensamos nas peças feitas para serem tocadas a quatro mãos. Assim vai se desvelando o apaixonante universo do fazer psicanalítico, todo permeado pelo Desconhecido, em sua irrupção enigmática e disruptiva, que possibilita criar asas à vida.

Muitos caminhos parecem em aberto. Dentro dos eixos apresentados, acreditamos que nos foi possível explorar melhor aqui a utilização da literatura, representando o universo artístico, como meio para a aproximação do Desconhecido. Mas ficam em aberto melhores estudos acerca das ideias de Real e Desconhecido; um estudo mais aprofundado da criatividade a partir da teoria bioniana também seria muito rico; uma melhor compreensão da ideia de sistemas complexos e como ficam os conceitos psicanalíticos quando mudamos para este prisma. Enfim, podem existir talvez inúmeras outras investigações que podemos fazer a partir daqui, estas são alguns exemplos mais objetivos a que conseguimos chegar. Mas, por

hora, aportemos. Apaguemos momentaneamente as luzes e recuperemos o fôlego, porque o mar parece infinito aos nossos olhos e nos convida a navegar mais e mais.

## REFERÊNCIAS

- Baranger, W.; Baranger, M. (2010). A situação analítica como campo dinâmico. In *Livro anual de Psicanálise XXIV – 2010* (pp. 187-214). São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1961).
- Bellemin-Noël, J. (1978). *Psicanálise e literatura*. (A. Lorencini, S. Nitrini, Trans.). São Paulo: Cultrix.
- Berlinck, M.T. (2000). Considerações sobre a elaboração de um projeto de pesquisa em Psicopatologia Fundamental. In *Psicopatologia fundamental*. (pp. 313-320). São Paulo: Escuta.
- Bianchedi, E. T.; Antar, R. A.; Bianchedi, M.; Cortiñas, L. P.; Diamant, S. L. N.; Kaplan, A. G.; Sáenz, M. S. M.; Oelsner, R. (1999). Pre-Natales/ Post-Natales: la personalidad total. In *Bion Conocido/ Desconocido* (pp. 51-63). Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Bion, W. R. (1966a). *O aprender com a experiência*. (J. Salomão, P. D. Corrêa, Trans.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1962).
- Bion, W. R. (1966b). *Os elementos da psicanálise*. (J. Salomão, P. D. Corrêa, Trans.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1963).
- Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação*. (C. H. P. Affonso, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1970).
- Bion, W. R. (1974). *Atención e interpretación*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1970).
- Bion, W. R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 15(123), 123-136. (Trabalho original publicado em 1977).
- Bion, W. R. (1990). Notas sobre memória e desejo. In E. Spillius (Org.). *Melanie Klein hoje: Artigos predominantemente técnicos* (Vol. 2, pp. 30-34). Imago. (Trabalho original publicado em 1967).
- Bion, W. R. (1991). *Learning from experience*. Londres: Karnac. (Trabalho original publicado em 1962).

- Bion, W. R. (1992). *Cogitations*. Londres: Karnac.
- Bion, W. R. (1994a). Sobre a Arrogância. In W. R. Bion. *Estudos psicanalíticos revisados* (W. M. M. Dantas, Trad., pp. 101-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957).
- Bion, W. R. (1994b). Uma teoria sobre o pensar. In W. R. Bion. *Estudos psicanalíticos revisados* (W. M. M. Dantas, Trad., pp. 127-137). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962).
- Bion, W. R. (1994c). Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica. In W. R. Bion. *Estudos psicanalíticos revisados* (W. M. M. Dantas, Trad., pp. 55-77). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957).
- Bion, W. R. (2008). *Brazilian lectures*. Londres: Karnac. (Trabalho original publicado em 1990).
- Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Blanco, I. M. (1998). Part II: Indispensable Notions. In *The unconscious as infinite sets: An essay in bi-logic* (pp. 23-60). London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1975).
- Botella, C.; Botella, S. (2005). A psychoanalytic approach to perception. In C. Botella; S. Botella. *The work of psychic figurability: mental states without representation* (pp. 151-166). Nova Iorque: Brunner-Routledge.
- Bottmann, D. (2012). Joseph Conrad no Brasil. *Belas Infieis*. 1(1), 263-275.
- Campos, M. G.; Castro, J. E. (2014). Freud e a literatura. *Psicanálise & Barroco em revista*. 1(12), 59-73.
- Castelo Filho, C. (2009). Os (des)caminhos de Édipo – a resposta é o infortúnio da pergunta. *Jornal de Psicanálise*. 42(77), 225-267.
- Castelo Filho, C. (2013). Na fronteira da “loucura”: criatividade e medo da insanidade. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47 (2), 141-154.

- Charles, M. (2002). Through the unknown, remembered gate: journeys into the labyrinth. *The Psychoanalytic Review*. 89(1), 79-99.
- Chuster, A.; Soares, G.; Trachtenberg, R. (2014). *W. R. Bion: A obra complexa*. Porto Alegre: Sulina.
- Costa, P. J.; Migliavacca, E. (2012). A definição dos conceitos e a psicanálise: uma discussão. In P. J. Costa (Org.). *Estudos psicanalíticos dos conceitos e dos métodos* (pp. 11-29). Campinas: Alínea.
- Conrad, J. (2003). *A linha de sombra*. (M. A. V. Acker, Trad.). Folha de São Paulo. (Trabalho original publicado em 1917).
- Dacorso, S. T. M. (2010). Psicanálise e crítica literária. *Estudos de psicanálise*. 33, 147-154.
- Delouya, D. (1998). Bion: uma obra às voltas com a guerra. *Revista Percurso*. 20 (1), 29-36.
- Favilli, M. P. (2014). Psicanálise: território descoberto, território a descobrir. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 48(1), 113-120.
- Figueiredo, L. C. (1993). Fala e acontecimento em análise. *Percurso*. 11 (2), 45-50.
- Figueiredo, L. C., Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*. 39(70), 257-278. São Paulo.
- Franciscato, C. R. (2003). Hércules: grandeza e loucura. In Eurípides. *Hércules*. (C. R. Franciscato, Trad., pp. 21-64). São Paulo: Palas Athena.
- Franco Filho, O. M. (2006). O eclipse do divino e a psicanálise. Fepal – XXVI Congresso Latinoamericano de Psicanálise.
- Franco Filho, O. M. (2008). O principal instrumento de trabalho do analista. *Jornal de Psicanálise*. 41(74), 126-138.
- Freud, S. (1896). Carta 52 a Wilhem Fliess. Recuperado em 25 de outubro, 2015, de <http://gruposclinicos.com/sigmund-freud-carta-52-a-wilhem-fliess/2013/04/>.

- Freud, S. (1995). Projeto de uma Psicologia. (O. F. Gabby Junior, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1996a). A interpretação dos sonhos. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (J. Salomão, Trad., Vol. 5, pp. 541-650). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996b). Resposta a um questionário sobre leitura. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (J. Salomão, Trad., Vol. 9, pp. 225-226). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1906).
- Freud, S. (1996c). Delírio e sonhos na *Gradiva* de Jensen. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (J. Salomão, Trad., Vol. 9, pp. 13-88). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).
- Freud, S. (1996d). Escritores criativos e devaneio. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (J. Salomão, Trad., Vol. 9, pp. 131-143). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (1996e). Análise da fobia de um menino de 5 anos. In S. Freud. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (J. Salomão, Trad., Vol. 10, pp. 13-156). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (1996f). O estranho. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 233-271). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1996g). Além do princípio do prazer. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (J. Salomão, Trad., Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996h). O mal-estar na civilização. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (J. Salomão, Trad., Vol. 21, pp. 67-150). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1996i). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (J. Salomão, Trad., Vol. 11, pp. 59-75). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).

- Freud, S. (1996j). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (J. Salomão, Trad., Vol. 12, pp. 13-89). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).
- Green, A. (1978). The double and the absent. In Roland, A. (Ed.), *Psychoanalysis, creativity and literature: A French-American inquiry* (pp. 271-292). Nova Iorque: Columbia University Press.
- Grotstein, J. S. (2007). *A beam of intense darkness*. London: Karnac.
- Heimann, P. (1950). On counter-transference. *International Journal of Psychoanalysis*, 31, 81-84. Recuperado em 14 de maio, 2015, de <http://www.sauval.com/angustia/e-heimann2.htm>.
- Junqueira Filho, L. C. U. (2008). A “disputa” (prise de Bec) entre Beckett e Bion: a “experimentação” do insight no resplendor da obscuridade. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 42(2), 103-117.
- Klein, M. (1931). Una contribución a la teoría de la inhibición intelectual. In: Bibliotecas de Psicoanálisis Obras Completas de Melanie Klein. Psikolibro.
- Klein, M. (1996). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (pp. 301-329). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1935).
- Laplanche, J.; Pontalis, J-B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Lerner, J. (entrevistador); Lispector, C. (entrevistada). (1977, Fevereiro, 1). Programa Panorama, TV Cultura. São Paulo. Recuperado em 27 de novembro, 2015, de: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>
- Lima, I. C. (2004). Apreensão do desconhecido na sessão. *Alter Jornal de Estudos Psicanalíticos*, 23 (1), 59-74.
- Lipgar, R. M.; Pines, M. (2003). *Building on Bion – roots: Origins and contexts of Bion’s contributions to theory and practice* (pp 77-80). Londres: Jessica Kingsley Publishers.

- Lisondo, A. B. D. (2010). Rêverie Re-Visitado. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 44(4), 67-84.
- Lispector, C. (1973). *Água viva*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Lispector, C. (1999). *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Mélega, M. P. (2001). *Eugenio Montale: Criatividade poética e psicanálise*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Mélega, M. P. (2010). Os olhos da literatura: mitos, figuras, gêneros – Giusi Baldissone. *Ide*, 33(51). São Paulo.
- Mezan, R. (1993). Que significa “pesquisa” em psicanálise? In: M. E. L. Silva. (Coord.). *Investigação e psicanálise*. (pp. 49-89). Campinas: Papirus.
- Money-Kyrle, R. (1990). Contratransferência normal e alguns de seus desvios. In E. Spillius (Org.). *Melanie Klein hoje: Artigos predominantemente técnicos* (Vol. 2.). Imago. (Trabalho original publicado em 1978).
- Nascimento Junior, L. G. (1982). O que é? O que é?. [Gravado por L. G. do Nascimento Junior]. In *Caminhos do Coração* [LP]. EMI-Odeon.
- Nemirovsky, C. (2013). Edición-Reedición: reflexiones a partir de aportes de D. Winnicott a la comprensión y tratamiento de las psicosis y otras patologías graves. In *Winnicott y Kohut: nuevas perspectivas em psicoanálisis, psicoterapia e psiquiatria* (pp. 125-139). Buenos Aires: Grama Ediciones. (Trabalho original publicado em 1999.)
- Naffah Neto, A. (2006). A pesquisa psicanalítica. *Jornal de psicanálise*. 39(70), 279-288. São Paulo.
- Niskier, C. (2011), Amores, uma viagem rumo ao desconhecido (crônica). *Ide*. 34(52), 217-222. São Paulo.
- Ogden, T. H. (1994). *Subjects of analysis*. Northvale: Aronson.
- Parsons, M. (1999). Psychic reality, negation and the analytic setting. In G. Kohon (Org.). *The dead mother: The work of André Green*. (pp. 59-76). Londres: Brunner-Routledge.

- Pessoa, F. (1944). *Esta velha*. Recuperado em 10 de setembro, 2016, de <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000011.pdf>.
- Peters, J. G. (2006). *The Cambridge introduction to Joseph Conrad*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Philips, F. (1997). *Psicanálise do desconhecido*. São Paulo: Editora 34.
- Picasso, P. (1937). *Guernica*. Madri: Museu Reina Sofia.
- Picasso, P. (1946). *The Bull, state XI*. Nova Iorque: Museum of Modern Art.
- Piranesi, G. B. (1749). The Round Tower. *Carceri d'invenzione*. Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art.
- Racker, H. (1979). *Estudios sobre técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- Rezende, A. M. (2005). *Introdução à psicanálise de Bion: "Transformações" variáveis e invariantes* (Vol. 2). Campinas: Febrapsi. Recuperado em 30 de janeiro, 2016, de <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjotdmZpczPAhVCKZAKHW0YCH4QFggcMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.febrapsi.org.br%2Fpublicacoes%2FEspa%25C3%25A7o%2523Antonio%2520Muniz%2520de%2520Rezende%2523150%2523Inicia%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520%25C3%25A0%2520Psican%25C3%25A1lise%2520de%2520Bion%2520-%2520segundo%2520volume.doc&usq=AFQjCNGVgRoYjALpoj9U-VGWnbGsLwwRvg&sig2=CI74yvLBdOJOxtfQpVnXWQ&bvm=bv.135258522,d.Y2I>.
- Salgado, S. (2004). *Sahel: the end of the road*. Berkeley: University of California Press.
- Sanches, S. B. (2014). Busca por representação: a psicanálise e o trabalho de construção. *Psicologia Clínica*. 26(1), 165-179.
- Sandler, P. C. (2005). *The language of Bion: a dictionary of concepts*. Londres: Karnac.
- Sandler, P. C. (2008). Freie Einfälle: a irrupção verbal do desconhecido. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 42(2), 43-57.

- Silva, M. E. L. (1996). Natureza e delimitação da pesquisa psicanalítica. In L.F.S. Couto. (Org.) *Pesquisa em Psicanálise: Coletâneas da Anpepp*. 16: 85-91. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia. Recuperado em 28 de maio, 2015, de <http://www.infocien.org/Interface/Colets/v01n16a009.pdf>.
- Silva, A. L. M. L.; Espaço transicional – Área não observável ou o campo do Sentir. In J. Outeiral, S. Hisada, R. H. C. N. Gabriades, & A. M. Ferreira. (Orgs.) *Winnicott: Seminários Brasileiros*. (pp. 93-97). Rio de Janeiro: Revinter.
- Sófocles. (2008). Édipo Rei. In *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona*, (M. G. Cury, Trad., pp.17-100, 13 ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Susemihl, E. V. K. P. (2008). Sobre transferências e transformações. *Jornal de Psicanálise*, 41(75), 147-165.
- Tálamo, P. B. (1998). Da ausência de Forma à Forma. In: L. C. U., Junqueira Filho (Org.). *Silêncios e Luzes: Sobre a experiência psíquica do vazio e da forma*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tucherman, S. E. (2014). O compromisso com a liberdade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(1), 29-34.
- Trinca, R. T. (2012). *O Real nos fatos clínicos psicanalíticos: entre o esquecimento e a sua visitação*. Orientador: Gilberto Safra. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado em 11 de maio, 2015, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-04102012-152945/pt-br.php>.
- Trinca, R. T. (2015). Um breve comentário sobre o “umbigo do sonho”, de Freud. *Jornal de Psicanálise*, 48(89), 117-126.
- Trinca, W. (2014). O assombroso desconhecido. In W. Trinca. *Viagem ao coração do mundo: a apreensão da imaterialidade* (pp. 133-140). São Paulo: Vetor.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Zimerman, D. E. (2008a). *Bion da teoria à prática*. Porto Alegre: Artmed.
- Zimerman, D. E. (2008b). *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.